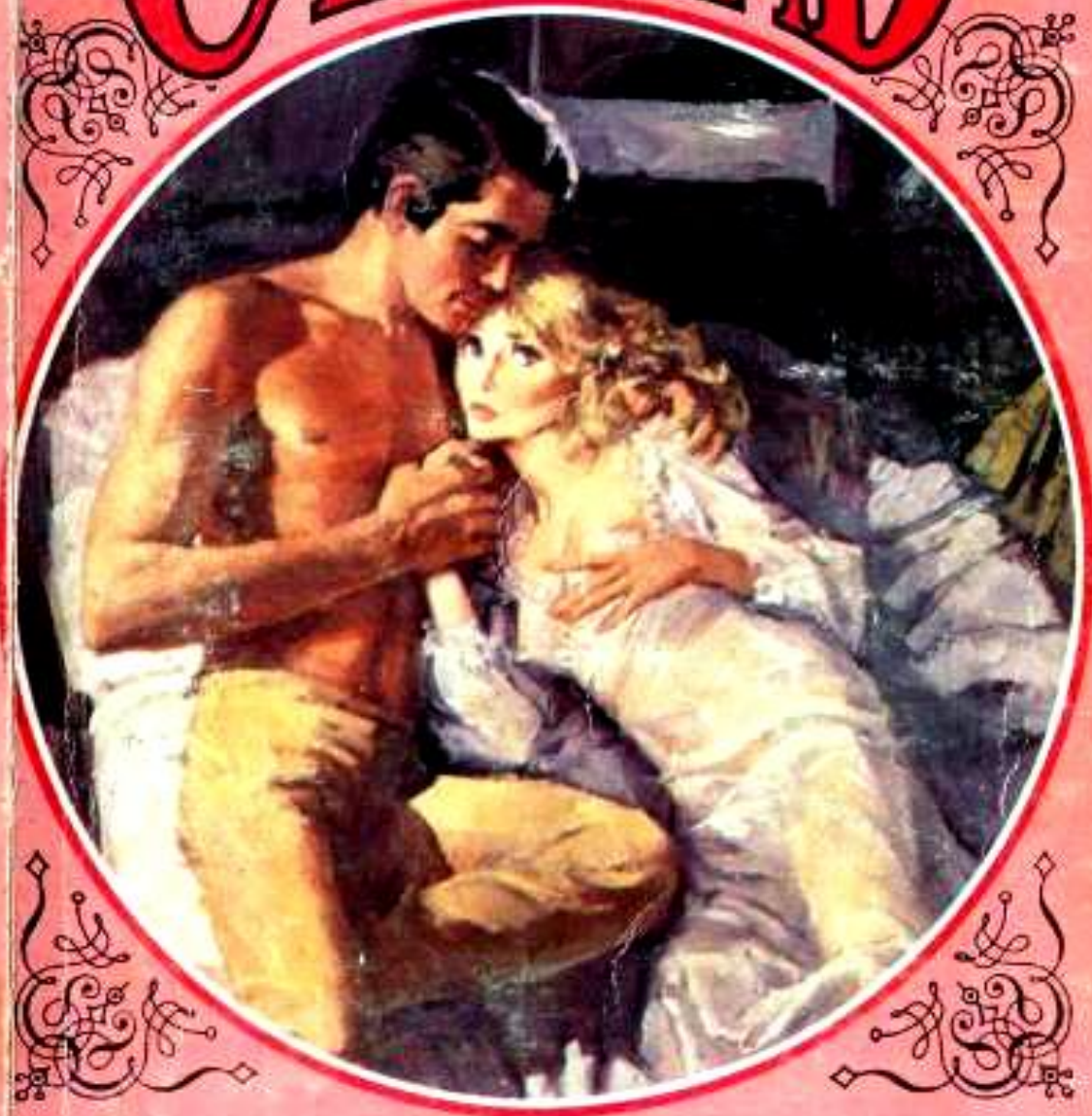


BARBARA CARTLAND

Cz\$
12,90



Castigo real

**Antes de se casar com um príncipe herdeiro,
Clotilda viveu um grande e doce amor!**



Castigo real

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 152

Título original: **Royal Punishment**

Copyright: © Barbara Cartland 1984

Tradução: Carmita Andrade

Copyright para a língua portuguesa: 1986

Editora NOVA CULTURAL LTDA. — São Paulo

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda e impressa na Editora Parma Ltda.

Nova Cultural — Caixa Postal 2372

***Antes de se casar com um príncipe herdeiro,
Clotilda viveu um grande e doce amor!***

A carruagem corria pelos caminhos perigosos da Europa Central, rumo ao reino de Balutik, onde Clotilda, noiva prometida, iria conhecer o príncipe herdeiro Frederick. Clotilda sofria, porque seu coração ansiava por um grande amor. Mas, em lugar de um casamento romântico, iria receber uma pesada coroa, que lhe daria riqueza e poder, é verdade, mas que a afastaria para sempre do amor de seus sonhos...

A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

CAPÍTULO I

1860

— Stanwin querido, como seríamos felizes se pudéssemos nos casar!

O marquês, um tanto fatigado, recostava-se confortavelmente sobre os travesseiros de renda. Nada respondeu.

Ouvira dúzias de mulheres dizendo a mesma coisa, e decidira não dar resposta. Sabia que a última pessoa no mundo com quem se casaria, sem sombra de dúvida, era a bela e gentil criatura cuja cabeça repousava nesse momento sobre seu ombro.

— Nunca houve amante tão maravilhoso, querido... Você está muito além do tipo exaltado pelos poetas! — ela exclamou.

Isso também o marquês já escutara antes, e limitou-se apenas a puxar lady Hester Dendall um pouco mais para perto de si. Lembrou-se com satisfação e alívio de que o marido de sua amante viajava em missão especial por Paris, não havendo, portanto, nenhuma possibilidade de sofrer um aborrecimento igual ao que tivera de enfrentar duas semanas atrás.

Nessa ocasião o conde de Castleton, ao voltar inesperadamente para sua casa em Park Lane, encontrara a esposa em companhia do marquês numa situação comprometedora, e o desafiara em duelo.

Apesar de duelos não serem vistos com bons olhos tanto pela rainha como pelo príncipe consorte, os litigantes se encontraram em Green Park e, muito injustamente, foi o conde de Castleton, o marido traído, quem acabou sendo ferido no braço, enquanto o marquês saiu incólume.

Aliás, isso sempre acontecia quando este último estava implicado em contendas dessa espécie e, por esse motivo, nem os padrinhos nem os amigos tiveram surpresa quanto ao desfecho da luta.

Mas o conde jurara vingar-se mais cedo ou mais tarde.

O marquês não ignorava que, em consequência do desenrolar dos acontecimentos, angariara um inimigo. Mas não dera importância ao fato.

Tantos outros maridos o tinham ameaçado de um modo ou de outro, mas, sendo ele sempre vitorioso em duelos, nunca se preocupava com promessas de vingança.

— Eu o amo! Eu o amo! — lady Hester repetia com paixão. — Mas se você me trair por causa de Sheila Castleton, juro que me matarei!

O marquês riu.

— Com que arma? Arco e flecha?

— Não seja cruel! — protestou lady Hester. — Sabe querido Stanwin, eu o adoro e me é penoso até mesmo pensar que você olhe para outra mulher!

“É incrível! As mulheres nunca estão contentes com o que têm, sempre querem mais!”, o marquês refletiu acomodando-se melhor.

A súplica de lady Hester Dendall para que ele lhe fosse fiel era como se ela quisesse que as cataratas do Niágara secassem, ou que a água jorrasse em abundância no deserto.

Durante toda a vida, o marquês tinha considerado um lindo rosto irresistível, e não concebia desistir de lutar para vencer, onde outros homens haviam falhado.

As mulheres com as quais se envolvia eram experientes, sofisticadas e sempre ávidas em obter sua atenção a qualquer preço.

O que o aborrecia era que, enquanto ele considerava seus casos de amor como aventuras passageiras, as mulheres ficavam perdidamente apaixonadas por ele.

“Eu o amo! Eu o amo!”, o marquês tinha ouvido essa frase incontáveis vezes.

Isso se tornara tão rotineiro como o vento soprando nas janelas ou os pássaros cantando nas árvores.

— Pense em como seríamos felizes — lady Hester frisava. — Formaríamos o mais encantador par de toda Londres e, usando a tiara das Weybourne, eu seria a mais notável dama da corte, nas festas do Parlamento.

Era uma conversa cansativa, tida com outras mulheres. Por isso o marquês fechou os olhos e, estando com sono, resolveu voltar para casa e dormir em sua própria cama.

— Preciso ir, Hester.

Falava devagar, arrastando as palavras, o que, por razão que ele nunca pudera entender, as mulheres achavam irresistível.

— Ir?! — protestou lady Hester, quase chorando. — Não vou permitir que se vá. Beije-me! Oh, Stanwin, beije-me!

Mas o marquês, sem hesitação, pulou da cama.

O ar do quarto estava irrespirável pois Hester, como sempre, usara em

excesso seu perfume francês favorito.

O marquês ansiava por respirar a brisa fresca da madrugada, que geralmente vinha do rio.

Quase automaticamente, foi até a cadeira onde estavam suas roupas e começou a vestir-se.

Lady Hester não se cansava de apreciar o corpo atlético de seu amante, que tinha as proporções de um deus grego. Ela, por sua vez, era também muito bonita, a mais linda *brunette* de toda Londres, com brilhantes olhos azuis herdados de seus ancestrais irlandeses. Chamava sempre muita atenção nos bailes a que comparecia.

Filha de um conde empobrecido, fizera um casamento brilhante com o milionário sir Anthony Dendall, um jovem iniciante na carreira política.

No Clube White, já se apostava que ele faria parte do novo gabinete ministerial.

Sir Anthony fora loucamente apaixonado pela linda esposa no início do casamento mas, como político ambicioso, logo descobrira que existiam outras coisas interessantes a se fazer fora do lar.

Por isso, lady Hester tivera uma série de amantes mas, como ela mesma admitia, nenhum deles tão marcante e atraente como o marquês de Weybourne.

Decidiu que o conquistaria, desde o primeiro instante em que pôs os olhos nele. Mas levou um ano para fisgá-lo e, mesmo depois desse tempo, nunca obteve dele a promessa de fidelidade.

Amante ardorosa, lady Hester considerava tortura intolerável nunca ter certeza sobre o que o marquês fazia quando não estava junto dela.

Os comentários sobre o duelo com o conde de Castleton foram como uma bomba e, embora ela estivesse consciente de que não deveria perdoar essa traição de seu amante, não conseguiu afastar-se dele, mesmo tendo sempre em mente o ocorrido.

Neste momento, com certa ansiedade, perguntou:

— Vem jantar comigo amanhã?

Colocando devagar as abotoaduras de pérola nos punhos da camisa, ele respondeu com displicência:

— Não estou certo, pois...

— Como? — interrompeu Hester. — Não tem certeza?

— Tenho a impressão de que prometi jantar com Devonshire ou com

alguma outra pessoa.

– Se se tratar de uma recepção, talvez eu também seja convidada. Mas, se tal não acontecer, posso contar com a sua visita após o jantar?

– Vou pensar sobre o assunto.

– Como pode ser tão cruel, tão malvado, Stanwin?

Ela pulou da cama enquanto falava e, nua, com os cabelos caindo sobre os ombros, correu para ele abraçando-o com paixão.

Apesar da extraordinária beleza que tinha diante dos olhos, o marquês limitou-se a afastar-se dela.

– O seu problema é ser insaciável, Hester! Não quer um homem só, mas um regimento!

– Se todos do regimento forem como você e fizerem amor da mesma forma, por que não? – Fitou-o, desafiando-o para ser beijada.

O marquês sorriu, divertido, depois a tomou nos braços, atravessou o quarto e jogou-a na cama.

– Seja boazinha, Hester! Se se comportar bem, passarei por aqui amanhã ou jantaremos juntos depois de amanhã.

Ela deu um grito de alegria e suplicou:

– Beije-me uma vez mais antes de sair, Stanwin querido!

– Mas o marquês pegou seu sobretudo e vestiu-o. Ela repetiu:

– Beije-me, por favor. Beije-me!

Ele apenas beijou-lhe as mãos e saiu, pois sabia que, quando um homem se aproxima de uma mulher na cama, ela pode facilmente puxá-lo e nesse caso ele não terá escapatória...

“É sempre assim... Quando ele me deixa, nunca sei se vou vê-lo novamente...”, Hester pensou.

Ela tentara convencer-se milhares de vezes de que o marquês a amava também. Contudo duas semanas atrás, o episódio de Sheila Castleton a deixara ciente de que havia outra mulher, outras talvez...

“Eu o amo, eu o amo!”, ela repetia mentalmente. “E juro que não o perderei!”

Descendo a escada, o marquês concluía que Hester estava ficando cada vez mais inconveniente. Mais cedo ou mais tarde Dendall, seu marido, descobriria tudo sobre eles.

Não faltaria quem fosse contar-lhe o que se passava na sua ausência e, depois do duelo com o conde de Castleton, o marquês achava prudente evitar

fatos semelhantes e tomar mais cuidado no futuro.

Pensando em Castleton, ele lembrou-se de que, naquele dia fatídico, pressentira não ser conveniente jantar com Sheila, estando seu marido na Inglaterra. Mas, de acordo com ela, o conde só voltaria do campo no dia seguinte.

O marquês se amaldiçoou muitas vezes por ter sido descuidado, pois ninguém desconhecia ser o conde um extremo ciumento, capaz de voltar antes da data marcada, como o fez, a fim de verificar o que a esposa fazia quando ele se ausentava.

“Foi uma sorte eu já estar saindo do quarto quando o marido dela entrou...”, o marquês pensou.

Estava vestido, portanto, não em condição tão comprometedora como teria acontecido se o outro homem tivesse chegado meia hora mais cedo.

Mas a condessa ainda se encontrava na cama, nua, e ao ver o marido surpreendeu-se de tal maneira que se sentou e deu um grito, o que piorou a situação.

Se o conde possuísse um revólver na mão, o marquês não teria dúvida de que seria um homem morto.

Mas, em vez disso, com admirável autocontrole, considerando a intensidade de suas emoções, o conde expulsou-a da casa dizendo que se vingaria da maneira usual. Isto é, iria encontrar-se com ele de madrugada no lugar costumeiro, em Green Park, para um duelo em defesa da honra.

— Vou matá-lo, Weybourne! — ele ameaçou. — E, se quiser dizer suas preces, comece desde já.

O marquês, em vista das circunstâncias, achou de boa política não responder. Apenas retirou-se.

O lacaios de plantão, que lhe abriu a porta, estava branco como cera e tremia da cabeça aos pés.

O marquês só teve tempo de se dirigir à casa, acordar dois de seus amigos para atuarem como padrinhos e ir a Green Park na hora marcada.

— Por que, em nome de Deus, você quer lutar contra Castleton? — indagou Harry Melville.

Ele conhecera o marquês durante toda sua vida. Estudaram juntos em Eton, serviram no mesmo regimento. Harry era, na realidade, a única pessoa em quem o marquês confiava.

— Você sabe a resposta, não é mesmo?

— Eu não desconhecia que Sheila Castleton andava atrás de você, Stanwin, o que não me surpreende... Mas devia estar ciente de que o conde é ciumento e vingativo, e de que é um grande erro tê-lo como inimigo.

O marquês sacudiu os ombros.

— Ele é apenas um entre muitos e deve cuidar melhor de sua esposa, se quiser conservá-la só para si.

Harry Melville riu.

— Com efeito, Stanwin! Você sabe que, a menos que os maridos ponham cintos de castidade em suas esposas todas as vezes em que precisem deixá-las, não há possibilidade de mantê-las longe de seus braços.

O marquês não respondeu.

Ele não gostava de se gabar das conquistas que fazia e evitava falar sobre elas, até mesmo com Harry.

Mas, por estar frequentemente em dificuldade com maridos ciumentos, era Harry quem vinha em seu socorro.

— É o seu quarto duelo em dois anos — Harry censurou-o. — E, com franqueza, estou cansado de sair da cama quente para observá-lo salvar a honra de maridos aviltados. O resultado é sempre o mesmo: seu oponente fica com o braço na tipóia por duas ou três semanas e você sai ileso.

— Castleton é considerado bom atirador! — o marquês observou.

— Mas não tão bom quanto você! — Harry respondeu. Às vezes o marquês se perguntava se realmente valia a pena expor-se a tantos incômodos por causa de mulheres mas, se ele cessasse de procurá-las, elas o perseguiriam de qualquer maneira.

Com Hester, seu romance estava sendo mais longo do que com as outras, devido muito mais à persistência dela do que ao interesse do marquês.

Ela o divertia, era cheia de vida, sagaz, além de parecer uma gata quando faziam amor.

Sheila Castleton fora diferente e, para usar de sinceridade, ele a achara um tanto decepcionante.

Era linda, não havia dúvida, mas não alimentava nele a mesma chama que Hester conseguia despertar com tanta eficiência.

O conde de Castleton não precisava preocupar-se quanto à continuidade desse romance com sua esposa pois, da parte do marquês, tudo se acabara.

Rememorando esses episódios, ele chegou em sua casa. Tinha ido a pé, sendo a distância entre a residência dos Dendall e a sua muito pequena.

Gostava de andar respirando o ar fresco da noite, livre por algumas horas de lábios famintos e braços que o apertavam.

Voltara seus pensamentos para o campo, para seus cavalos e para o prazer de vê-los ganhando mais uma corrida.

Decidiu não visitar Hester com tanta frequência no futuro. Aliás, não tinha intenção de pôr-se em contato com ela nos próximos dias.

“Hester vai ficar furiosa”, pensou.

Concentrava agora seu interesse numa linda bailarina que conhecera noites atrás, num bale do Covent Garden.

Pretendia convidá-la para jantar no dia seguinte, depois do espetáculo.

Tinha certeza de que a moça aceitaria, cancelando outros compromissos, mas duvidava que o satisfizesse como esperava.

Grande número de artistas o desapontara no passado. Toda a atração e charme desapareciam com as vestimentas exuberantes que usavam no palco.

“Afinal, que procuro? Que espero da vida?”, ele se questionou.

Estava muito pessimista mas atribuía sua atitude negativa ao cansaço.

“Ninguém pode passar tantas horas com Hester sem ficar fatigado!”

Chegando em casa, em Grosvenor Square, o laçao em serviço, ao ouvir os passos do patrão, apressou-se para abrir-lhe a porta.

Apanhou o chapéu alto e a bengala de seu amo, sentindo-se feliz em poder usufruir algumas horas de sono até que os outros empregados comessem a limpeza da casa.

— Boa-noite, Henry! — o marquês cumprimentou-o.

— Boa-noite, milorde!

O marquês finalmente deitou-se, mas não conseguiu dormir. Estava entediado com a vida de Londres e pensava em ausentar-se por algum tempo dos bailes e recepções da temporada londrina.

As anfitriãs lamentariam sua falta e ficariam irritadas. Paciência! Quanto a Hester, pouco se lhe dava, pois sentia que o romance deles havia chegado ao fim. Quando o fogo do desejo tem necessidade de ser alimentado com esforço, tudo está acabado.

Hester tornara-se não apenas exigente e monótona, mas também extremamente pegajosa.

Ele queria ser sempre o caçador, nunca o animal caçado.

Por insistir em tomar todas as iniciativas, Hester ficara intolerável. Não era o tipo que ele apreciava.

“Irei ao campo, e isso concorrerá para amortecer o golpe quando Hester descobrir que não a quero mais...”, decidiu.

Claro, ela o bombardearia com cartas que não teriam resposta. Gradualmente, ele esperava, Hester se conformaria com a situação.

“Amanhã, vou-me embora”, falou consigo mesmo.

E adormeceu.

A manhã seguinte pôs os planos do marquês em total confusão. Ele foi acordado por seu valete na hora usual, isto é, oito horas.

Ia dar uma ordem para que lhe trouxessem sua sege dali a uma hora, quando o empregado informou:

– Há um recado que acabou de chegar do palácio para Vossa Senhoria!

– Do palácio?

Havers apresentou-lhe uma salva de prata com um envelope que trazia a insígnia real. O marquês perguntou-se qual seria o conteúdo do mesmo.

Abriu-o constatando que estava assinado pelo secretário particular da rainha, o qual informava que Sua Majestade o convidava para uma audiência nesse mesmo dia, às doze horas.

Como ele não houvesse solicitado uma audiência com a rainha, concluiu que se tratava de uma ordem real.

Preocupou-se e, sendo muito rápido nas conclusões e extremamente inteligente, adivinhou que o conde de Castleton conseguira sua vingança de maneira muito mais sutil do que se o tivesse matado.

O marquês não ignorava o fato de que não teria sido necessário ao conde entrevistar-se pessoalmente com a rainha a fim de se queixar sobre o comportamento dele.

Apenas teria que relatar tudo a lorde Toddington, membro da corte, apelidado de “o rei dos faladores”.

Lorde Toddington era conhecido como uma pessoa muito perigosa, tanto dentro como fora do palácio, pois repetia tudo o que ouvia ao príncipe ou à própria rainha.

“Maldição!”, o marquês pensou ao ler a carta. “Aposto que isto é obra de lorde Toddington!”

Os planos dele para sair da cidade teriam que ser adiados, não havia dúvida.

Enquanto se aprontava com esmero para ir ao Palácio de Buckingham, sentia-se como um escolar repreendido pelo diretor da escola por alguma falta cometida.

A rainha fora muito clara, com certeza por instigação do príncipe consorte, quanto à proibição de indivíduos se baterem em duelo. Não admitia mais esse tipo de acerto de contas entre dois homens, mesmo sabendo que sua decisão tinha provocado muitas críticas.

Duelos foram aceitos pelo rei George IV, e tolerados por seu sucessor.

Poucos duelistas morriam mas, se tal acontecesse, era hábito que o oponente vitorioso desaparecesse por alguns meses, indo para fora do país.

Assim, todo o episódio era convenientemente esquecido, exceto por aqueles que choravam a morte do ente querido.

O marquês era excelente duelista; nunca ia além de ferir o adversário de leve no braço.

Então, o árbitro considerando a honra satisfeita, o duelo terminava.

“Devia ter imaginado que Castleton era um tipo vingativo e que arranjaría uma compensação, de um jeito ou de outro...”, o marquês refletiu.

O marquês dirigiu-se ao palácio guiando sua própria condução. Era considerado correto para um cavalheiro visitante usar carruagem fechada, com cocheiro.

Mas o marquês passou pelos portões de ferro ladeados por duas sentinelas a postos dirigindo, ele mesmo, uma sege recém-adquirida puxada por dois magníficos cavalos.

Parou na entrada dos salões, passou as rédeas ao empregado e entrou com um ar de superioridade que fez com que os lacaios uniformizados com a libré real o olhassem com admiração.

Todos eles acompanhavam suas vitórias no turfe e muitas vezes apostavam em seus cavalos, que invariavelmente venciam.

Enquanto o marquês subia a escada acarpetada de vermelho, um lacai disse ao outro:

— Queria ter coragem de pedir a ele um palpite para as corridas. Podia ganhar um bom dinheiro!

— Mas garanto que não vai ter coragem — o outro respondeu, esboçando um sorriso.

O marquês foi levado, através de um largo corredor do primeiro andar, aos apartamentos particulares da rainha.

Davam para o jardim da parte de trás do palácio e ele notou que a luz do sol embelezava a sala de recepção com seus raios de ouro.

Logo ao entrar, pelo aspecto da soberana, percebeu que não se tratava de um assunto agradável.

Ela, por outro lado, não podia deixar de admirar a elegância do marquês, pensando que seria difícil encontrar na corte homem mais atraente que ele.

Tinha um corpo atlético, sem um grama de gordura supérflua, e feições aristocráticas. Chamaria a atenção de todos, em qualquer lugar do mundo.

Na verdade, a rainha sempre admirara homens atraentes, desde sua ascensão ao trono, quando se enamorara do simpático porém mal-afamado lorde Melbourne.

O marquês tentava mostrar indiferença.

Acima de tudo, ele tinha uma qualidade que a rainha sempre apreciara em pessoas do sexo oposto. Gostava de homens fortes, não apenas física mas mentalmente, que tentavam dominar quem os rodeasse e que, com ou sem conhecimento disso, tinham o magnetismo de um líder.

Ela notou tudo isso quando ele a saudou, em reverência respeitosa.

Mas a rainha, voltando à realidade, lembrou-se de que ele havia se comportado de maneira desprezível, coisa que não poderia tolerar vinda da parte dos que eram de seu círculo íntimo.

Ela o cumprimentou num tom de voz que já havia perdido a animação jovial, após anos de casamento e ter dado à luz tantos filhos:

— Bom-dia, marquês!

— Bom-dia, madame.

— O príncipe consorte e eu temos uma missão especial a lhe confiar.

Não era o que o marquês esperava ouvir. Fitou a rainha cauteloso, antes de responder:

— Tenho muita honra disso, madame.

— Nós queremos que o senhor nos represente no casamento do príncipe Frederick de Balutik com lady Clotilda Tevington-Hyde.

Por um momento o marquês ficou intrigado.

— Balutik, madame?

— Presumo que saiba onde fica! — a rainha retrucou, bruscamente.

— A menos que esteja enganado, madame, trata-se de um país báltico ao sul da Sérvia.

— Está absolutamente certo — a rainha concordou. — E o príncipe consorte e eu acabamos de arranjar o casamento do príncipe reinante, que é parente distante dos Saxe-Coburg, com minha afilhada, cujo pai foi o falecido duque de Hyde.

Houve uns segundos de silêncio, enquanto o marquês tentava lembrar o que sabia sobre Balutik e seu monarca.

— O príncipe Frederick está ansioso por se casar e espera fazê-lo dentro de um mês. Isso significa, marquês, que o senhor terá que viajar quase imediatamente a fim de acompanhar lady Clotilda, primeiro numa viagem marítima, depois de carruagem até a capital do país.

— Acompanhar lady Clotilda?!

— Sim, marquês, isso é o que o príncipe consorte e eu decidimos porque, infelizmente, o atual duque de Hyde, que é um primo bastante idoso e tutor de Clotilda, não está bem de saúde e não pode empreender uma viagem tão longa. O pobre homem se encontra praticamente aleijado em consequência de uma artrite reumática e a duquesa, sua esposa, não quer deixá-lo só.

Antes que o marquês pudesse dizer que não se julgava a pessoa adequada para acompanhar uma jovem noiva, a rainha continuou:

— A viagem o afastará da temporada, mas penso que o marquês concordará ser essa uma boa solução considerando as circunstâncias... sobre as quais não desejo falar!

O marquês, percebendo não ter o que responder, apenas fez um gesto de cabeça em sinal de consentimento. A rainha prosseguiu:

— Temo que a viagem seja penosa, mas o príncipe Frederick prometeu mandar um navio de guerra para conduzir sua futura esposa. Penso ser o único que Balutik possui, mas, uma vez no porto mais próximo, tudo estará preparado, estou certa, para melhor conforto e conveniência de todos.

Quando a rainha terminou de falar, o marquês concluiu que seu castigo por ter se envolvido no duelo tinha sido bem planejado e, sem dúvida, pelo príncipe consorte.

A única coisa a fazer era aceitar o inevitável e, ao mesmo tempo, para salvar seu orgulho, dar a impressão de que estava achando a tarefa muito

agradável e que não se sentia humilhado em precisar cumpri-la.

Com muita calma, e aparentando sinceridade, ele agradeceu:

– Muito obrigado, madame, por me incumbir dessa tarefa altamente interessante. Sempre quis visitar alguns países bálticos e, assim, terei a oportunidade de satisfazer esse meu desejo depois de entregar a noiva ao futuro marido.

Observando a rainha, viu surpresa nos olhos dela pelo que acabara de falar.

Sabia que tudo seria relatado, logo após sua saída, ao príncipe consorte.

– O embaixador de Balutik se comunicará com o senhor esta tarde, marquês, dando-lhe todos os detalhes sobre a viagem. E sei que ele gostaria que a mesma fosse iniciada até sábado, o mais tardar.

– Não há dúvida de que tudo vai ser feito dentro desse programa e mais uma vez obrigado, madame, por me confiar tarefa tão agradável e por me dar a grande honra de representar a ambos, Sua Majestade e o príncipe consorte.

Como não havia nada mais a ser tratado, o marquês fez uma reverência e saiu da sala.

Fora, lorde Toddington o esperava, em vez do mordomo que o tinha acompanhado antes.

Lorde Toddington havia sido, com toda a certeza, o responsável por tudo. Tinha, no momento, a expressão odiosa de alguém que sabia ter dado um golpe brilhante e que esperava, com ansiedade, por qualquer pessoa com que pudesse comentar o ocorrido.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão e, enquanto caminhavam pelo corredor, o marquês comentou:

– Acabo de receber uma missão muito interessante e o procurava, Toddington, para que me desse algumas informações sobre Balutik. Sei que você é uma valiosa fonte de conhecimentos sobre isso.

Foi um convite irresistível para lorde Toddington.

– Você não viu o príncipe Frederick quando ele esteve aqui, há mais ou menos cinco anos?

– Se o vi, não me lembro. Que idade tem ele?

– Quarenta e nove anos.

O marquês manifestou surpresa:

– Noivo... nessa idade?!

– Segundo casamento. – A mulher dele morreu há dois anos e agora ele pretende se aliar mais intimamente à Coroa britânica.

– Sua Majestade disse que ele é parente distante do príncipe consorte.

– Muito, muito distante... mas tira grande proveito disso!

– Que aparência tem ele? Resposta confidencial, é claro.

– Um alemão típico, sem nenhum senso de humor e cheio de si! E está com a idéia fixa de fazer de Balutik um modelo de país, a moldes germânicos.

O marquês riu.

– Um dia, Toddington, você vai ter que escrever um livro. Será um *best-seller*.

– Já pensei nisso muitas vezes. Temo ser afastado do país por anos ou talvez ser expulso por toda a minha vida, se falar a verdade sobre as pessoas que vêm ao palácio! – Olhou para o marquês de soslaio e este adivinhou exatamente o que ele estava pensando.

– Dê-me mais detalhes referentes ao príncipe Frederick – o marquês pediu. – Para que eu não cometa ratas quando representar Sua Majestade e o príncipe consorte no casamento.

Lorde Toddington parou no topo da escada, que levava ao saguão.

Baixou a voz e disse:

– Se quer agradar ao príncipe Frederick, leve-lhe gravuras pornográficas como as que se podem adquirir em Leicester Square, ou em Charing Cross Road.

O marquês encarou lorde Toddington, com enorme espanto.

– Gravuras pornográficas?!

– Foi um problema entretê-lo quando estive aqui... – lorde Toddington prosseguiu. – Só queria ir aos antros da mais baixa categoria e aos mais eróticos que podem ser encontrados na vida noturna de Londres! Sabe o que quero dizer com vida noturna, não? – O marquês não respondeu e lorde Toddington continuou: – Não me importa confessar a você, mas tudo consistiu em novidade para mim. Pessoalmente, nunca tive muito interesse nesse tipo de coisa, mas o príncipe queria experimentar o que havia de mais baixo!

– Ele me parece muito germânico – o marquês opinou, secamente.

– E é. – Concordou lorde Toddington. – E como não acho nada

agradável presenciar uma jovem sendo violentada ou chicoteada, preferia esperar fora, na carruagem, até que ele ficasse completamente satisfeito!

— Se o que você me conta é verdade, me parece que Sua Alteza é um tanto anormal! Você informou a rainha sobre isso?

— Não, claro que não! — protestou lorde Toddington, chocado. — Ela se recusaria a acreditar que qualquer parente do príncipe Alberto, ainda que distante, pudesse não ser perfeito. Aliás, teria que ser exatamente como ele!

— Alberto... o bom! — o marquês pronunciou entre dentes e lorde Toddington sorriu.

Ambos desceram a escada e entraram no saguão.

Embora lorde Toddington parecesse ligeiramente surpreso ao ver a sege do marquês que foi trazida à porta, nada disse. Este último sentou-se na boléia e tomou as rédeas.

O marquês ergueu o chicote à guisa de cumprimento e partiu.

Lorde Toddington, entrando no palácio, falou consigo mesmo: “O marquês de Weybourne é um homem cheio de imprevistos. Creio realmente que está feliz por ter que ir a Balutik!” Não era o esperado... Por um momento, questionou-se se não seria interessante comunicar à rainha sua suposição.

O marquês, voltando a Park Lane, pensou com um sorriso cínico nos lábios que tinha causado grande surpresa à rainha e a lorde Toddington.

Mas não havia dúvida de que toda essa situação o impediria de estar presente nas corridas reais de Ascot, onde tencionava ser o grande ganhador, e não tinha certeza de poder voltar nem mesmo para as festas de encerramento!

“Maldita viagem! Mas, de qualquer forma, consegui enganá-los!”

Só depois que chegou em casa lembrou-se de que havia requisitado informações sobre o noivo, mas não tinha perguntado nada sobre a noiva.

Nem lorde Toddington dissera coisa alguma sobre lady Clotilda...

CAPÍTULO II

Depois de cavalgar pelas terras do castelo, lady Clotilda conduziu seu cavalo à estrebaria. O velho empregado aproximou-se dela e indagou:

— Fez um bom passeio, milady?

— Maravilhoso, obrigada, Abbey! Nunca imaginei que Swallow saltasse tão bem!

— Cuidado com esses saltos, milady. Pode cair e se machucar seriamente.

— Vou tomar cuidado. — Lady Clotilda sorriu. Agradou o cavalo mais uma vez e apressou-se em entrar pois, estando um pouco atrasada, achou que sua tia talvez estivesse impaciente.

Mas tinha sido difícil interromper o passeio mais cedo. Ela não podia imaginar prazer maior que cavalgar, ficar fora de casa aproveitando o calor do sol, longe da tristeza que envolvia Hyde Castle como uma névoa, desde que seu pai falecera.

Antes disso era como se vivessem rindo, apesar da dificuldade financeira reinante no lar, porque o pai não tinha habilidade para gerir as próprias finanças; achava graça de seus problemas econômicos.

Fora grande surpresa para ele transformar-se no senhor do ducado.

Tinha dois irmãos mais velhos, por isso nunca pensara tomar algum dia o lugar de seu pai.

Lorde Julian Tevington-Hyde, como então era intitulado, havia sempre tirado o maior proveito da pequena mesada com a qual tinha que viver, viajando com economia.

Vira o mundo de maneira diferente da dos mais abastados que viajavam em transatlânticos de luxo, hospedavam-se em hotéis de primeira classe ou, como se esperava de pessoas ricas com boa posição social, em residências ou palácios luxuosos.

Lorde Julian usufruiu os prazeres da vida muito mais que seus contemporâneos pois, sendo fluente em várias línguas, conheceu bem os habitantes dos países visitados, como poucos ingleses conseguiam, fazer.

Sua avó tinha sido uma princesa balcânica e se comunicava com ele na própria língua. Daí o domínio fácil de mais um idioma estrangeiro.

Clotilda achara fascinante ouvir o pai narrar as viagens e, mais tarde, quando ele enviuvou, começou a viajar em companhia dele.

Visitaram várias regiões da África e da Europa, que não eram necessariamente os lugares para onde outras moças de sua categoria social teriam ido.

— É diferente quando se tem um filho, Julian... — seus parentes insistiam em aconselhar. — Mas levar Clotilda com você é absurdo, vai reduzir as oportunidades que ela poderia ter de um bom casamento!

Lorde Julian ria, nessas ocasiões.

— Acho, ao contrário, que isso aumentará as chances de Clotilda levar felicidade a seu marido, evitando que ele saia de casa a procura de outra mulher que lhe possa oferecer mais entretenimento.

Essa resposta chocou seus parentes ainda mais. Eles pararam de discutir, concluíram que Julian não tinha o menor senso de responsabilidade e ignoraram sua existência por completo.

Mas mudaram de tática quando ele se tornou duque de Hyde.

Foi uma extraordinária coincidência o fato de seus dois irmãos morrerem no espaço de poucos meses, por razões bastante diferentes.

Henry, o mais velho, morreu enquanto lutava na Índia. John, o segundo, que combatia no mesmo regimento, contraiu febre amarela no caminho de volta à casa e faleceu em Capetown.

A notícia da morte de ambos atingiu Julian e o resto da família como uma bomba.

— Julian, o duque?! Nunca pensei que tal coisa pudesse acontecer! — todos exclamavam.

Mas, por incrível que pudesse parecer, Julian, o novo duque de Hyde, tomou as rédeas como chefe de uma grande e diversificada família, assumindo todas as responsabilidades e agindo com muita honradez.

Isso não surpreendeu Clotilda. Ela sempre soubera que seu pai era generoso e compreensivo para com pessoas de todos os tipos e condições sociais. Essas qualidades o fizeram um senhor de terras muito clemente, mas também justo.

Infelizmente, não pôde traduzir em ação o que sentia, providenciando o dinheiro. Isso era de grande importância para os fazendeiros, arrendatários, pensionistas, enfim, todos os que habitavam as terras de Hyde.

Não havia dinheiro!

Embora vendesse continuamente valiosos objetos do castelo para manter as aparências, contrariando, aliás, os membros da família, a situação ficava cada dia mais difícil.

Quando Clotilda completou dezoito anos de idade, pronta, portanto para ser apresentada à corte como debutante, seu pai sofreu um acidente fatal enquanto cavalgava, e ela caiu em profunda dor.

Era incrível que um homem acostumado a montar todas as espécies de animais, do elefante ao iaque, tivesse que morrer num acidente ao saltar uma pequena cerca, façanha essa que ele havia realizado dúzias de vezes antes.

Ao cair do cavalo, o duque fraturou a espinha e o único consolo de Clotilda quando ele morreu foi saber que, se tivesse vivido, ficaria completamente paralisado.

“Papai odiaria esse tipo de vida!”, ela disse a si mesma, tentando se consolar.

No mesmo instante em que Julian morreu, outro duque tomou seu lugar.

Foi um primo do qual ninguém gostava. Tinha bastante idade, era antipático por natureza, e sofria de uma forma aguda de artrite reumática que o conservava numa cadeira de rodas.

Ele era uma pessoa de difícil convivência desde as primeiras horas da manhã até as últimas da noite. Fazia da vida de sua esposa um verdadeiro martírio, o que contribuía para transformá-la numa criatura amarga e desagradável.

Para Clotilda foi tal a mudança da felicidade que conhecera primeiro com a mãe e o pai, depois com o pai sozinho, que mal podia acreditar na realidade dos fatos.

A vida no castelo era extremamente monótona. As queixas por coisas de pequena importância eram contínuas. Os únicos momentos de prazer ela encontrava nos passeios a cavalo e nas recordações do passado.

Seu pai lhe dera Swallow quando este ainda era um potro e, por ter sido sempre cuidado por sua dona, ele seguia Clotilda aonde quer que ela fosse e obedecia prontamente quando ela o chamava.

Swallow se transformara num cavalo bonito, um excelente saltador! Poderia vencer qualquer competição.

Clotilda ainda não havia tomado nenhuma providência quanto a isso por não julgar o momento adequado, estando ela de luto.

Mas tinha muitos planos para Swallow e refletia sobre isso, enquanto entrava pela porta lateral do castelo e subia a escada.

Foi só quando chegou ao saguão que viu, através da porta da frente aberta, uma elegante carruagem conduzida por quatro cavalos. Não era comum haver visitas pela manhã no castelo. Clotilda examinou a carruagem, tentando adivinhar quem poderia ter vindo visitar o tio e se os visitantes ficariam para almoçar.

Então, estando prestes a subir a escada para ir ao quarto, sua tia saiu da sala e chamou-a bruscamente:

– Ah! Chegou afinal, Clotilda! Como sempre, atrasada!

– Desculpe tia Augusta, mas o dia está tão bonito que esqueci as horas.

A duquesa aproximou-se, dizendo:

– Depressa, troque de roupa e volte aqui. O assunto é de suma importância!

Clotilda, que já tinha começado a subir a escada, fitou-a surpreendida.

– Importante? Por quê?

– Você saberá a razão assim que trocar de roupa. Faça o que estou mandando e depressa! – Havia urgência no tom de voz da duquesa, o que fez Clotilda arregalar os olhos.

Obediente, ela continuou a subir a escada e dirigiu-se ao seu quarto, no fim do corredor.

O castelo era enorme. Quando o pai o herdara, decidiu que a família deveria utilizar os melhores aposentos, que ficavam no primeiro andar e geralmente eram usados por hóspedes importantes.

O segundo andar, que seria o da família, permanecia fechado.

Quanto aos quartos do terceiro andar, reservados aos criados que não eram muitos agora, estavam quase todos fechados também.

Clotilda entrou no seu quarto, conhecido como “apartamento de Charles II”, apesar de haver bastante dúvida quanto ao fato de esse rei ter alguma vez se hospedado no castelo. Começou a tirar a roupa de montaria.

Era muito velha e de aspecto modesto e ela a vinha usando por mais de dois anos, estando agora até um pouco pequena. Mas parecia não haver qualquer possibilidade de substituí-la por uma nova roupa de montaria num futuro próximo.

E sabendo disso, apesar da pressa, pendurou-a com cuidado no

guarda-roupa e pôs um vestido simples de algodão, feito por uma costureira que trabalhava no castelo duas vezes por semana.

A Sta. Geery, como era chamada, recebia pouquíssimo pelo trabalho que executava apesar de Clotilda achar que valia seu peso em ouro. Sem ela, duvidava que pudesse ter alguma coisa decente para vestir.

Abotoou o vestido e atravessou o quarto para se olhar no espelho.

Viu uma linda imagem diante de si. Com cílios escuros contornando enormes olhos, e cabelos claros, Clotilda era realmente uma figura fora do comum.

— Você tem os olhos de sua bisavó, querida — seu pai lhe dissera certa vez. — Ela era considerada um tipo de beleza na Romênia; mas você também tem os cabelos claros dos Hyde, herdados de algum antepassado viking. Sempre tive a intenção de investigar essa procedência em nossa árvore genealógica.

Clotilda rira.

— Estou muito contente por ter meus cabelos da cor dos seus, papai.

— O que importa mesmo é que tenho uma filha linda, que a amo demais.

— Como eu também o amo, papai. E ninguém no mundo tem um pai mais interessante, nem mais fantástico ou poliglota que o meu. Disso tenho certeza!

Ambos riram e, para provar que tinha razão, Clotilda falara com o pai em árabe e ele respondera em turco.

E agora, neste momento, seus cabelos tinham reflexos dourados enquanto ela os arrumava rapidamente diante do espelho, pois não havia tempo para fazer um penteado mais elegante. Apenas prendeu-os com um coque na nuca.

Sabia que estava na moda cobrir a cabeça de caracóis, mas nunca encontrava tempo para se pentear assim. E mesmo que tivesse tempo, quem repararia nela?

O tio sempre a olhava com desdém e Clotilda não desconhecia que ele cuidava dela por obrigação, não por amor.

Ela quebrara a cabeça, depois da morte do pai, tentando descobrir alguma pessoa com quem fosse possível morar, a fim de não ficar no castelo.

Mas ninguém a convidara, e ela não desejava ir a lugar algum onde não pudesse levar Swallow.

Contudo, era humilhante saber que ambos, o tio e a tia, a consideravam como uma cruz que eles deviam carregar, uma pesada tarefa que tinham de cumprir, ainda que contra a vontade.

Clotilda apressou-se em descer a escada, mesmo sabendo que, por mais rápido que chegasse à sala, a tia acharia que não havia sido suficientemente rápida.

Entrando na sala, deparou com um estranho, um senhor distinto de cabelos grisalhos, que a fitou de modo tão insistente que lhe apareceu quase um insulto.

— Enfim, Clotilda! — o tio exclamou da cadeira de rodas, ao pé da lareira.

— Sim, aqui estou tio Edward e desculpe se os fiz esperar por mim.

— Temos uma visita... — o duque disse, pesando bem as palavras. — Excelência, esta é a filha de meu predecessor, lady Clotilda Tevington-Hyde.

Clotilda fez uma reverência e estendeu-lhe a mão. Então, para sua grande surpresa, o cavalheiro saudou-a, tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios, à maneira estrangeira.

— É uma grande honra e inexplicável prazer conhecê-la, lady Clotilda.

O modo como ele falou era um tanto incomum. O duque expressou-se então, indo direto ao assunto:

— Sua Excelência veio aqui, com a aprovação de Sua Majestade a rainha, para lhe oferecer uma proposta de casamento com o príncipe Frederick de Balutik! — o duque falou devagar, pronunciando bem as palavras. Mas, por um momento, Clotilda pensou não ter ouvido bem e acreditou estar sonhando.

— O que... acabou de dizer... tio Edward?

— Acho que tudo foi dito com bastante clareza — a duquesa interveio, bruscamente. — Sua Alteza Real deseja que você, por incrível que pareça, seja sua esposa!

— Mas... isso não é possível! Não tenho sangue azul! O embaixador sorriu:

— Esqueceu, milady, que sua bisavó foi a princesa Marie-Celeste da Romênia?

— Ah! É verdade... — Clotilda concordou. — Mas achei que isso não seria suficiente.

— Mais do que suficiente e posso lhe assegurar que Sua Alteza Real

ficará muito satisfeito pelo fato de a rainha Vitória ter consentido esse casamento. Agora, nada pode impedir que continuemos os preparativos, os quais, para apressar a realização da cerimônia, já foram iniciados há algum tempo.

— Que... preparativos? — Clotilda indagou, confusa. — Não entendo nada.

Por sentir-se de repente fraca e assustada, resolveu sentar-se no sofá.

O embaixador tomou lugar ao lado dela e explicou:

— Acho que devo lhe esclarecer que Sua Alteza Real deseja ansiosamente que Balutik possa apresentar seus respeitos e afeição à Coroa britânica.

Clotilda sabia ser esse o anseio de muitas pequenas nações da Europa, com a finalidade de conservarem a própria independência.

O embaixador continuou:

— Como Sua Alteza Real tem muito orgulho de ser aparentado com o príncipe consorte, ele entrou em contato com Sua Majestade a rainha Vitória e sugeriu ser interessante que ele se casasse com uma súdita britânica a fim de compartilharem o trono de Balutik.

— Mas ele... nem me conhece! — Clotilda retrucou, atônita.

— Acho que a senhora está menosprezando a nossa eficiência em Balutik! O ministro protestou — E como representante de meu país em Londres pude apresentar seu nome para aprovação, sabendo ser a senhora afilhada da rainha.

Clotilda concluiu, pela explicação, que havia uma lista com vários nomes, mas era bastante diplomática para não fazer perguntas, apesar de sentir-se curiosa e surpreendida pelo que acabava de ouvir.

— Agora, tudo já está decidido... — o embaixador se expressou com certo alívio. — A única dificuldade é que Sua Alteza Real deseja que a senhora inicie sua viagem a Balutik até o fim da semana próxima.

— Até o fim da semana próxima?! — a duquesa repetiu. — Mas isso é impossível!

O embaixador sorriu.

— Sua Graça deve saber que nada é impossível e eu lhe garanto que Sua Alteza Real pensou em cada detalhe para que não haja dificuldades desnecessárias.

— Pois eu acho fora de propósito para qualquer noiva se preparar em

tão curto espaço de tempo!

O embaixador fez um gesto de impaciência.

— Entendo a preocupação de Sua Graça. Ao mesmo tempo, convém saber que Sua Alteza Real deseja casar no começo do verão, quando grande número de súditos está de visita à capital. Ademais, um atraso implicaria o risco de termos um calor insuportável e de sofrer... a inconveniência da proximidade da colheita.

— Entendo o que diz... — o duque concordou. — Clotilda deverá fazer o possível para se aprontar.

— O senhor está dizendo que não vou conhecer... o príncipe Frederick... até que chegue a Balutik?!

— Sinto muito informar que é impossível a ele vir à Inglaterra neste momento — o embaixador respondeu. — Mas Sua Alteza Real está fazendo todo o possível para torná-la feliz. — Mais vagarosamente, prosseguiu: — Um navio de guerra levará a senhora e seus acompanhantes a Drina, que é o porto mais próximo. Lá haverá uma escolta militar que os conduzirá, através da Albânia, até Balutik. É uma viagem curta, que implicará apenas um pernoite no caminho.

A duquesa apressou-se em falar, antes de Clotilda:

— Suponho que Sua Alteza Imperial tenha se esquecido de que uma noiva precisa de um enxoval!

O embaixador sorriu.

— Sua Graça se engana nesse particular, perdoe-me dizê-lo. Sua Alteza Real, devido à pressa com que tudo deverá ser feito, encarregou-me de encomendar o que for necessário, nos melhores e mais renomados costureiros de Londres... Clotilda o interrompeu:

— O senhor quer dizer que meu enxoval... já foi... encomendado?!

— Admito que consultei minha esposa, que tem bastante conhecimento do assunto — o embaixador respondeu. — E, considerando que os vestidos talvez precisem de alguma modificação, milady, pedi aos costureiros que viessem aqui amanhã de manhã.

E olhando para o duque, ele continuou:

— Espero, se houver muito a fazer, que Sua Graça lhes ofereça hospitalidade por uma ou duas noites. Eles trarão consigo, é claro, todo o material necessário.

Fez uma pausa para constatar, com satisfação, o espanto impresso nas

faces dos membros de sua audiência. Depois o embaixador prosseguiu:

— Qualquer coisa que não fique pronta, de sábado a uma semana, poderá ser enviada posteriormente. Porém, minha esposa acredita que muitos baús seguirão no mesmo navio.

— Não posso acreditar no que ouço! — a duquesa exclamou. — Com franqueza, senhor, se quiser a minha opinião, acho que essa pressa é inadequada. Além disso, uma noiva receber o enxoval das mãos do noivo é quase um insulto!

— Sua Graça talvez deva tomar conhecimento de um pequeno segredo — o embaixador frisou. — Sua Majestade a rainha não deu a palavra final tão rapidamente como esperávamos. Nas últimas duas semanas fui ao palácio todos os dias, aguardando obter uma resposta favorável ao pedido de Sua Alteza.

Clotilda podia perceber, pelo modo como ele falou, que estivera de fato preocupado.

Mas agora, com um sorriso nos lábios, o embaixador terminava sua explicação:

— Ontem, para meu grande prazer, a rainha consentiu o casamento e pude continuar com os preparativos.

— Penso que deveríamos ter sido informados com mais antecedência — a duquesa queixou-se.

— A única coisa que posso fazer é pedir-lhe que me desculpe. Mas acredite-me, senhora, fiz o que pude.

Depois de uns segundos de silêncio, Clotilda tentou expor sua opinião:

— E se eu não aceitar a proposta de Sua Alteza? — falou muito baixo, com medo.

Mas todos os presentes ouviram-na muito bem.

A consternação na face do embaixador foi evidente. Não se moveu, como se tivesse se transformado numa estátua de pedra.

A duquesa encarou Clotilda.

O duque, que conseguiu vencer a surpresa com mais rapidez que os outros, respondeu prontamente:

— O que você quer dizer com isso?! Não aceitar?! É claro que vai aceitar! Essa união representa não só uma grande honra para você, como também para toda a família. Deveria ter me expressado desde o começo, em meu nome e no das pessoas de meu sangue, que consideramos grande prova

de estima esse pedido, e não há outra palavra para qualificá-lo.

– Mas... eu nunca vi Sua Alteza, meu tio!

– Que diferença isso faz, Clotilda? Uma vez casada, você terá bastante tempo de conhecê-lo bem!

Achando que o duque estava se portando sem habilidade, o embaixador aproximou-se dela e disse com voz mais suave:

– Garanto-lhe, lady Clotilda, que todos em Balutik, do monarca reinante ao mais humilde súdito, irão recebê-la muito bem e farão o possível para torná-la feliz! – observou-a enquanto falava e, vendo que não a tinha convencido, seguiu sua explicação: – Balutik é um país muito agradável. Está situado no alto das montanhas e os rios que o banham o fazem extremamente belo e fértil.

Vendo-a ainda duvidosa, continuou:

– No início, a senhora achará a língua um pouco difícil. É mais similar ao sérvio que ao húngaro, mas tem muita semelhança com o romeno.

– Eu falo ambos os idiomas, romeno e sérvio.

– Fala?! – Incrédulo, o embaixador prosseguiu: – Agora me lembro! Ouvi dizer que seu pai era muito dotado em línguas estrangeiras. Havia me esquecido por completo!

– Não creio que papai tenha ido a Balutik.

– Mas visitou muitos outros países dos Bálcãs.

– Papai viajou por todo o mundo e minha mãe falava romeno e muitos outros idiomas balcânicos.

– Disso tenho certeza, lady Clotilda, como também sei que ambos, seu pai e sua mãe, ficariam muito orgulhosos em ver que a senhora vai reinar em Balutik, levando sua influência britânica à nossa linda terra.

“Ele está tentando me adular, expondo as vantagens de minha futura posição...”, Clotilda pensou.

Mas seu instinto lhe mostrava a injustiça de ser forçada a fazer alguma coisa não somente assustadora, mas errada. Não lhe parecia certo casar-se com um homem que nem ao menos conhecia!

Quase lendo os pensamentos dela, o embaixador lembrou:

– Trouxe comigo, milady, o retrato de Sua Alteza Real. Está na carruagem e vou deixá-lo com a senhora.

Não havia nada que Clotilda pudesse fazer, além de murmurar:

– Obrigada...

O embaixador dirigiu-se ao duque.

— O que eu gostaria de sugerir, para a aprovação de Sua Graça, é que minha esposa venha aqui amanhã com os costureiros. Ela traria consigo a dama de companhia que vai com lady Clotilda para Balutik.

— Acho que minha sobrinha deveria ter uma dama de companhia inglesa; o senhor não pensa assim? — a duquesa inquiriu.

O embaixador respondeu negativamente:

— Sua Alteza Real pensou, e concordo com ele, que seria um erro lady Clotilda não ser acompanhada por uma dama de nosso país. Uma camareira poderá vir também amanhã. Trata-se de uma mulher agradável, de responsabilidade no trabalho, e com referências excelentes de outras senhoras a quem serviu.

— Parece-me esse um modo estranho de conduzir as coisas! — a duquesa protestou. — Presumo que ambos, o senhor e Sua Alteza Real, saibam que meu marido não está bem de saúde para empreender tão longa viagem e eu não posso deixá-lo sozinho. Mas acho que Clotilda devia ter uma pessoa de nacionalidade britânica com ela, a fim de ajudá-la e guiá-la até o casamento!

Contente por ter uma resposta pronta, como um trunfo nas mãos, o embaixador replicou:

— Sua Graça precisa saber que Sua Majestade a rainha pensou nisso e designou o marquês de Weybourne para representá-la e o príncipe consorte na cerimônia e para acompanhar lady Clotilda na viagem.

— O marquês de Weybourne?! — a duquesa exclamou, surpreendida.
— Mas que tipo de escolha é essa?!

— Foi sugestão de Sua Majestade, senhora.

A duquesa comprimiu os lábios e olhou para o duque, que comentou:

— Weybourne? Ele tem ótimos cavalos. Ganhou o Derby este ano!

— Estamos falando de Clotilda, Edward! Não de cavalos!

— Eu sei, eu sei, Augusta! Mas não podemos interferir, minha cara, na escolha da rainha sobre quem a representará no casamento.

— Não, claro que não — a duquesa concordou. — Mas continuo pensando que ela deveria ter uma dama de companhia inglesa a seu lado.

— Acho que, quando a senhora conhecer a baronesa, que é a pessoa designada para acompanhá-la, concluirá que ninguém poderia dar melhor auxílio, em circunstâncias tão fora do comum. A baronesa é a viúva de um

dos nossos mais distintos diplomatas.

A duquesa não teve resposta.

Não podendo mais aguentar essa conversa, Clotilda levantou-se.

Foi até a janela e ficou observando o jardim maltratado; nunca havia jardineiros em número suficiente para lhe dar um aspecto mais agradável.

Na realidade, não pensava nesse momento no horror que seria casar-se com um homem que nunca vira, e nem no país estranho onde deveria morar no futuro.

Pensava em Swallow e na tristeza enorme que a separação significaria para ela.

“Não posso fazer isso, não posso!”, Clotilda falou consigo mesma.

Assim pensando, voltou ao passado e enxergou o pai ao lado dela, sorrindo, piscando o olho como sempre fazia quando alguma coisa o divertia ou quando estava prestes a realizar uma façanha.

“Que posso fazer para recusar esse casamento? Que devo fazer, papai?”

Então, como se pudesse ouvir uma resposta, sentiu que o pai lhe dizia que ela não tinha muito a perder além de Swallow.

Frequentemente, nos últimos dois anos, nas longas noites em que tivera dificuldade em dormir, Clotilda havia conversado com o pai, em pensamento, e lhe contava como sentia saudade de sua presença e como o castelo parecia desolador e lúgubre sem ele.

Nada acontecia lá, além de repetidas explosões de fúria da parte do tio.

“Vai... vai...!”, sentia o pai dizer-lhe. “O mundo é muito grande e qualquer coisa é melhor do que viver aqui nesta miséria”!

Isso é o que ela já estava pensando por algum tempo, mas nunca sentira o pai tão perto dela ou tão pronto em responder ao seu apelo.

Voltou-se e se reuniu ao grupo, notando que todo o tempo em que tinha estado na janela o silêncio fora completo na sala.

Então, com um sorriso nos lábios e com esforço quase sobre-humano, ela disse:

— Espero ansiosamente encontrar sua esposa, Excelência. Quero lhe agradecer por todo o trabalho que está tendo, cuidando de meu enxoval.

Indo só em sua própria condução para Tilbury, o marquês não desconhecia estar agindo contra o protocolo e certamente de maneira um

tanto rude por recusar-se a viajar como o embaixador esperava: na carruagem da noiva ou na da comitiva.

Ele dissera altivo:

— Se há uma coisa que detesto, Excelência, é ficar fechado numa carruagem, sozinho ou em companhia de uma mulher estranha, provavelmente em prantos por estar se despedindo de sua família.

O embaixador apenas respondera:

— Esperava que Vossa Senhoria pudesse ser apresentado a lady Clotilda na embaixada. De lá iríamos juntos, com minha esposa e comigo, a Tilbury, pois queremos ver o navio partir.

— E havia acrescentado, para fazer seu convite mais atraente:

— Estaremos acompanhados de ministros e embaixadores de outros países balcânicos, que querem apresentar suas homenagens à futura esposa de Sua Alteza Real.

— Muito bem! — O marquês aprovara. — E eu terei tempo mais que suficiente para dizer tudo o que não foi dito antes, durante a inconfortável travessia da baía de Biscaia.

— Espero que não seja tão desconfortável — o embaixador tinha replicado. — Mas não há dúvida de que o clima na baía é sempre imprevisível.

— Como a maior parte das mulheres! — o marquês concluía cético.

Estava pensando, ao falar, na revolta que tinha provocado em Hester quando lhe dissera que iria viajar.

Ele encontrara, é claro, um modo fácilimo de terminar seu envolvimento com ela... muito mais simples do que jamais esperara.

Hester havia tentado apegar-se a ele e convencê-lo de que morreria mil vezes nas semanas em que ele estivesse fora, e jurara eterna fidelidade esperando o mesmo da parte dele...

Felizmente, o marquês não pôde permanecer muito tempo em companhia da amante porque sir Anthony Dendall encontrava-se em Londres.

Mas, o que tornou as coisas mais difíceis foi que a condessa de Castleton, sabendo que ele iria deixar a cidade, arriscara sua reputação e também provocara a ira do marido, visitando o marquês às escondidas.

Quando o marquês entrou em casa em Grosvenor Square, o mordomo informou-lhe que uma senhora o esperava, e ele deduziu que a única pessoa

bastante indiscreta para vir à sua casa seria Hester.

Mas, para sua completa surpresa, quando foi à biblioteca, viu Sheila Castleton semicoberta com véus. Ele teve que admitir que a condessa estava lindíssima.

— Tive que vir... — Ela adiantou se, antes que ele falasse. — Tive que vir, Stanwin! — Aproximou-se mais do marquês e continuou: — Sei que é minha culpa o fato de você ser enviado para fora do país.

— Como sabe?

— Arthur estava se vangloriando por ter sido o instrumento para conseguir isso, pois sabia que se a rainha tomasse conhecimento do duelo ficaria irritada e tomaria essa decisão.

— Como vê, estou ansioso para conhecer Balutik!

— E me deixar? Ah! Stanwin, como pode dizer tal coisa? — Sheila Castleton protestou.

Ele quis explicar que não havia nada que pudesse fazer. Ao mesmo tempo, bendisse essa ocorrência que lhe permitiu afastar-se dela sem problemas...

Todos sabiam, no clube, que ele iria perder as corridas de Ascot.

— Pensei que você fosse ganhar a taça de ouro, Weybourne — o conde de Derby disse a ele.

— E vou! — o marquês respondeu.

— Quer dizer que vai competir com seus cavalos, mesmo estando fora?

— E por que não? Infelizmente esses dois acontecimentos agradáveis coincidiram na data, mas não acho que as corridas deste ano vão ser diferentes das do ano passado. Também não serão diferentes das do próximo ano!

— Não é possível entendê-lo... — os amigos comentavam entre si. — Até parece que ele gostou da oportunidade de sair do país no meio da temporada.

Só Harry sabia da verdade.

— Você está fingindo gostar da viagem e conseguiu enganar a todos, Stanwin, mas estou com pena de você.

— Se quer saber da verdade, Harry, eu também tenho pena de mim. Mas não pretendo dar a Sua Majestade a rainha ou a qualquer outra pessoa a satisfação de pensar que tudo foi um castigo.

— Não, claro que não, e me esforçarei para conservar todos na ilusão de que você está dando pulos de alegria pelo privilégio de escoltar uma entediante noiva à sua condenação.

— Pelo amor de Deus, Harry, não ponha sal em minhas feridas! Ainda se fôssemos viajar num navio inglês, poderia haver alguma compensação! Não falo a maldita língua deles, e nem tenho intenção de aprendê-la.

— Mas fala alemão, e aposto que os oficiais de marinha falam esse idioma.

O marquês sorriu.

— Espero que você esteja certo. Nesse caso, tenho pena dos pobres diabos que trabalham sob o tacão deles.

— Você vai é ter pena da pobre noiva... — Harry comentou. — Pois ouvi referências muito desagradáveis sobre o príncipe Frederick.

— Também ouvi. Mas penso que para ela, como para qualquer mulher, o que importa é usar uma coroa — falou com tanto azedume que fez Harry voltar ao passado. Ele se lembrou da razão pela qual o marquês ainda não havia casado.

Era um fato conhecido talvez apenas por ele mas, apesar de ser... amigos íntimos, nunca falavam sobre o assunto.

O marquês tinha apenas vinte e um anos quando se apaixonou seriamente pela primeira vez. Seu pai era o filho mais jovem, não tendo portanto qualquer chance de herdar o título da família.

A moça pela qual ele perdera seu coração era lindíssima, uma maravilhosa criatura que possuía grande quantidade de bons partidos a seus pés, mas nenhum tão atraente como Stanwin Weybourne.

Ele a beijara pela primeira vez numa festa em Devonshire House, nos jardins da mansão. Depois disso, encontravam-se quase diariamente e eram vistos juntos sempre, dançando em todos os bailes da temporada.

Quando Stanwin a pediu em casamento, ela concordou, porém em segredo, alegando que a mãe a achava ainda muito jovem para tomar um compromisso sério.

Então, quando Stanwin vivia nas nuvens por causa desse amor, foi informado pela própria namorada que ela ia casar com outro homem.

Isso aconteceu um pouco antes do final dessa mesma temporada, quando todos se preparavam para deixar Londres a fim de ir ao campo.

— Desculpe Stanwin... — ela dissera. — Mas você sabe que o amo

muito! Nunca amarei ninguém mais como você. Mas Hugh é um conde e eu serei uma dama de honra da rainha.

— Você está me dizendo que vai se casar por causa disso?! — Stanwin perguntara num tom de voz que não soava como o seu.

— É o que sempre quis. Mamãe e papai estão muito felizes com isso. E Hugh tem uma casa e propriedades maravilhosas em Buckinghamshire!

Três anos mais tarde, o pai do marquês herdou inesperadamente o título e a vasta propriedade que deveriam caber ao irmão mais velho.

E, dois anos depois que Stanwin perdera seu primeiro e verdadeiro amor por não ser suficientemente rico, ele ficou sendo o marquês de Weybourne.

Não havia outro aristocrata no país que possuísse tantas terras, e nenhum nobre da corte era tão atraente e distinto como ele.

O marquês teve, contudo, alguma satisfação ao ver que o conde que o tinha suplantado — ficara gordo e calvo prematuramente, e sua esposa, apesar de ainda muito bonita, trazia sempre um ricto de tristeza nos lábios.

Além disso, apesar de já ter... três filhas, não possuíam um herdeiro.

O marquês não perdera nada, mas também não gostava de falar sobre ela.

Ele se abria apenas com Harry, por serem amigos íntimos.

— Estou convencido de que as mulheres, mesmo quando juram amor eterno, vendem-se por uma posição social ou pelo título mais alto que possam obter.

— Mas você vai ter que se casar um dia — Harry dissera ao marquês.

— Não haverá nenhuma dificuldade — o marquês respondera. Mas o amigo notara ceticismo em sua voz e dureza na expressão.

O marquês não tinha dúvida de que qualquer jovem aceitaria com grande prazer e sem nenhuma relutância casar com ele, devido às suas posses e ao seu título. Não haveria nem mesmo necessidade de ele envolver seus sentimentos nessa união.

“Talvez algum dia ele se apaixone outra vez...”, Harry disse a si próprio.

Ao mesmo tempo, não achava isso muito possível.

Dirigindo-se para Tilbury, o marquês pensou pela primeira vez naquilo que lorde Toddington lhe havia dito sobre o príncipe Frederick, o que fora confirmado em todos os detalhes por membros da corte. E concluiu que

Clotilda iria ter uma vida bem difícil.

“Mas, que importa?”, ele se questionou. “Sendo filha de um falecido duque, ela agora salta, da noite para o dia, à posição de princesa reinante!”

E como nesse momento seus vigorosos cavalos se agitassem um pouco, ele prosseguiu em seus pensamentos.

“Vamos esperar que ela tenha bastante energia e fibra para enfrentá-lo.”

Mas, lembrando-se de que o príncipe era de origem germânica, achou muito pouco admissível que ele aceitasse sugestões de quem quer que fosse, muito menos de sua própria esposa.

CAPÍTULO III

Durante todo o trajeto para Tilbury, Clotilda sentiu-se triste, estranha, como se estivesse indo ao seu próprio funeral.

A surpresa fora tão grande ao saber que o príncipe Frederick de Balutik queria casar com ela, que concordara com tudo sem criar complicações.

Mas depois que a condessa Lakidik, a esposa do embaixador, chegou com o enxoval, Clotilda caiu em si e deu-se conta de tudo que aconteceria após seu casamento.

Praticamente exilada num país estranho, vivendo com um homem com quem nunca se encontrara, sabia que, uma vez casada, não haveria caminho de volta.

Por sentir-se tão desolada e com medo, conversou com sua tia alguns dias antes da data de saída para Balutik:

— A senhora acha, tia Augusta, que seria possível para eu retirar a palavra dada... e dizer que... mudei de idéia?

A duquesa fitou-a com ar de desdém e fez uma censura, impaciente:

— Penso que você está sofrendo do que costumamos chamar de crise das noivas! Pois bem, esqueça o que disse. Ninguém daria atenção aos seus choramingos e queixas porque, em minha opinião, você é a criatura mais afortunada do mundo!

— Não estou choramingando... tia Augusta, apenas tenho medo de deixá-la... e a todos que são meus... familiares. Suponhamos que eu seja... muito infeliz. Que posso fazer?

— Você será uma princesa reinante, portanto, trate de tirar o melhor proveito disso e porte-se com a coragem de uma dama inglesa — a duquesa respondeu com firmeza. Mas depois, com suavidade fora do comum na voz, acrescentou: — Naturalmente vai ser difícil no começo, pois o casamento não é fácil para nenhuma mulher, mesmo que ela seja mais vivida e experiente no assunto.

Fez uma pausa, e como Clotilda não dissesse nada, continuou:

— Apenas ponha na sua cabeça que seu marido é seu senhor e que você deverá obedecê-lo sempre. Ele fará, sem dúvida, muitas coisas que você

vai achar extremamente desagradáveis, mas essa é a sina de todas as mulheres, e não há nada que possamos fazer! — Com essas palavras, a duquesa saiu do quarto fechando a porta ruidosamente.

Clotilda arregalou os olhos, em total confusão.

Não era o que esperava ouvir de sua tia, e essa conversa a fez ainda mais apreensiva sobre o futuro.

Clotilda estava como era de se esperar, entusiasmada com as lindas roupas que a condessa, mulher muito elegante, lhe trouxera de Londres.

— Todas as mulheres de Balutik terão inveja de você, minha cara — a condessa disse. — E não há nada melhor que lindas roupas para dar autoconfiança às pessoas.

— Autoconfiança... é certamente disso que preciso... — Clotilda respondeu baixinho.

A condessa fez um gesto de compreensão, pondo a mão no braço de Clotilda. Consolou-a, dizendo:

— Entendo que deva ter sido assustador ser obrigada a decidir tudo com tanta rapidez, mas posso garantir que meu marido suplicou uma resposta da rainha, dia após dia. — E sorriu, quando disse: — Teve enormes dificuldades, pois recebia incumbências do príncipe Frederick, tarefas que não podia cumprir, porque a soberana o conservava numa absoluta incerteza e ele pisava sobre espinhos, sem saber o que fazer.

Embaraçada por ter sido a causa de tanto trabalho, Clotilda desculpou-se:

— Sinto muito ser um estorvo... na vida de tanta gente.

— Mas agora, tudo vai muito bem! Sua Alteza Real ganhará uma noiva e a senhora terá o coração de todos os súditos a seus pés, pois é encantadora! — a condessa falou com uma sinceridade na qual não se podia pôr dúvida.

Clotilda respondeu:

— Desculpe por não ter agradecido devidamente por seu trabalho em escolher vestidos tão lindos. Ao mesmo tempo, não acho certo que Sua Alteza Real arque com as despesas de meu enxoval.

— Deve agradecer a meu marido, mais que a mim. Mas ele pôde perceber como ninguém em Balutik poderia, que seu tio tem dificuldades financeiras e que seu pai lhe deixou muito pouco dinheiro ao morrer. Ele sabe que ser filha de um duque não significa necessariamente ser herdeira.

Clotilda riu.

— E é a pura verdade! Não poderia comprar nem ao menos um desses vestidos, imagine todos eles!

— Isso é o que meu marido pensou. Ele é um homem muito bondoso e se preocupa realmente com a senhora.

— Preocupa-se?

A condessa desviou o olhar e Clotilda percebeu que ela se arrependia do que dissera.

A mulher explicou-se, após uma pausa:

— Ele se preocupa com o fato de a senhora talvez não estar feliz com todos esses preparativos de última hora...

Mas Clotilda sabia que não tinha sido essa a preocupação inicial que a condessa tivera em mente.

O retrato do príncipe Frederick, que o embaixador tinha deixado quando de sua primeira visita, era uma pintura costumeira de personagens reais. Clotilda deduziu que o artista se detivera no arranjo artístico, mais do que no rosto propriamente dito...

Acima de tudo, o que ela sempre considerava essencial era o caráter de uma pessoa, e isso um retrato nunca pode revelar.

A imagem mostrava a cabeça e os ombros de um homem que olhava fixamente para alguma coisa que o aborrecia, e via-se em seus grossos lábios uma expressão de rudeza bastante desagradável.

Os olhos eram um pouco salientes. Parecia jovem, e ainda que de aspecto germânico, era um homem bonito.

Quanto mais ela o olhava, mais se convencia de que aquela imagem não era uma reprodução fiel da pessoa que o artista quisera retratar.

Clotilda teve essa impressão desde o primeiro dia em que recebera essa pintura, que ficou em seu quarto no castelo.

Mas foi a condessa Lakidik quem lhe esclareceu o que ela já tinha percebido instintivamente.

— Que idade tem o príncipe Frederick? — Clotilda perguntou, fingindo indiferença, enquanto experimentava o vestido de noiva. Mas antes de a condessa responder, acrescentou: — Acho que deveria ter perguntado isso há mais tempo.

Depois de uma pausa embaraçosa, a mulher replicou:

— Penso que quarenta e oito ou quarenta e nove anos. Clotilda

engasgou e repetiu:

– A senhora disse... quarenta e nove?!

Ela teve certeza, então, de que o retrato mandado para ela era uma farsa, uma mentira bem preparada.

Sabia que o príncipe fora casado e que sua esposa havia morrido, mas nunca lhe passara pela cabeça, nem por um segundo, que ele tivesse idade para ser seu pai.

Depois de longo silêncio, Clotilda arriscou uma opinião:

– Acho que Sua Alteza Real deveria ter preferido uma esposa... um pouco mais velha... mais próxima de sua idade... pois teriam coisas em comum.

A condessa hesitou, antes de responder:

– Penso que todos os homens, quanto mais velhos ficam, mais procuram mulheres jovens para se casar, pois elas os fazem sentirem-se jovens outra vez. Principalmente no caso de Sua Alteza Real, que deseja um herdeiro para o trono...

O que Clotilda acabava de ouvir fazia-a ainda mais nervosa e amedrontada. Mas não desconhecia que a condessa Lakidik tinha razão e que não havia nada a fazer.

Sentia-se como que conduzida por uma enxurrada e em cada minuto que se passava correntes inquebráveis prendiam-na com força, como algemas das quais nunca mais poderia escapar.

A dama de companhia, a baronesa Von Kitzenstein, era muito agradável, uma viúva da velha guarda que vivera em vários países e que tinha ouvido falar do pai de Clotilda.

– Seu pai viajou muito, não é mesmo, lady Clotilda? Gostaria de tê-lo conhecido, sei que teríamos grande quantidade de coisas sobre o que conversar e experiências em comum.

– Quero lhe pedir um favor, baronesa; fale comigo na língua de minha nova pátria.

A baronesa fitou-a surpresa e respondeu:

– Isso não será necessário, pois Sua Alteza Real insiste que todos no palácio falem alemão, o que a senhora pode imaginar, constitui enorme problema para nossos estadistas que não são necessariamente dotados em línguas estrangeiras.

Mas essa revelação não surpreendeu Clotilda.

Ela sabia que os alemães eram exclusivistas e insistiam em impor sua língua, sua cultura, seus costumes e sua disciplina militar aos lugares onde vivessem.

Ela tomara conhecimento também de que Balutik oferecera o trono ao príncipe Frederick quinze anos atrás porque, como outras nações dos Bálcãs, não pudera encontrar entre seus próprios habitantes alguém bastante capaz para reinar no país.

De início, os nativos de Balutik haviam feito a mesma oferta, aliás recusada, a um príncipe da coroa da Dinamarca. Mas o príncipe Frederick, filho mais jovem do monarca de um pequeno principado, aceitou a posição com enorme alegria.

Sabendo como os naturais da maioria dos países balcânicos são cordatos e de boa índole, Clotilda considerou grande erro eles terem escolhido um governante alemão.

Quando manifestou essa opinião à baronesa, Von Kitzenstein, esta replicou prontamente:

– Sua Alteza Real fez muito por Balutik: reforçou as defesas do país, incentivou o progresso como nunca se havia feito antes e, sem qualquer dúvida, se fez ouvir no Conselho das Nações Européias.

Clotilda perguntou-se se isso tudo contribuía para fazer o povo mais feliz, mas se absteve de fazer indagações em voz alta, com medo de ser indiscreta.

Por certo a baronesa fora instruída a pintar o país com as cores mais convidativas e fascinantes possíveis, esse país para onde Clotilda estava sendo levada com tanta pressa, sem que tivesse tempo de respirar e muito menos de pensar sobre as condições em que iria viver.

Ainda que a duquesa, sua tia, se queixasse do modo como as coisas eram feitas, ela e o duque ficaram bem impressionados com a eficiência do príncipe e de seus ministros nos preparativos, pensando nos mínimos detalhes, o que os poupou de todo e qualquer trabalho e despesas concernentes ao casamento da sobrinha.

Eles lhe deram como presente de bodas um grande broche de diamantes que fazia parte do acervo da família Hyde. Mas não era uma jóia bonita. Também insistiram em lhe falar sobre a importância de sua união com o príncipe Frederick de Balutik.

Clotilda recebeu vários presentes de parentes seus, muitos dos quais

não haviam feito esforço algum para comunicar-se com ela após a morte do pai.

Os presentes eram os típicos dessas ocasiões: jogos de prata para aperitivo, que ela acreditava haver muitos dos mesmos no palácio; vasos de cristal que requeriam extremo cuidado na embalagem e que causariam portanto, grande incômodo; inúmeras torradeiras; livros encadernados; cigarreiras com os nomes dos doadores gravados etc.

Foi grande amabilidade deles, Clotilda constatou, mas não era uma coleção da qual pudesse orgulhar-se, e só esperava que esses presentes não fizessem má figura se fossem postos em exposição nas festividades do casamento.

Mas todo esse martírio foi nada, se comparado à dor da separação de Swallow.

Apesar de contrariar a tia, Clotilda cavalgou todos os dias até a data da partida do castelo.

Para evitar atritos, ela montava das seis da manhã até a hora do desjejum, quando fazia um intervalo para continuar os passeios mais tarde.

Isso acontecia enquanto os costureiros, as ajudantes, as empregadas e as damas de companhia trabalhavam fazendo modificações nos vestidos, embalando tudo e executando milhares de coisas que precisavam ser feitas antes da viagem.

Somente no último dia, quando se despediu de Swallow, foi que ela não aguentou e caiu em pranto.

— Como posso deixá-lo? Oh, querido, como posso abandoná-lo? — Ela soluçava.

Parecendo entender toda a infelicidade de sua dona, o animal esfregou o focinho contra ela, o que a fez chorar ainda mais, até que seus olhos ficassem completamente inchados.

Conseguiu segurar as lágrimas ao despedir-se do tio e da tia, mas quando a carruagem se distanciou do castelo, olhou para trás na esperança de ver Swallow no pátio despedindo-se.

Então, começou a chorar novamente.

A baronesa, Von Kitzenstein, que viajava a seu lado, teve bastante tato para ficar em silêncio até que Clotilda pudesse controlar-se.

Depois, a caminho de Londres, conversou sobre outras coisas: sobre os países onde o falecido duque havia estado e que ela também conhecia por

causa das viagens diplomáticas do marido, e sobre os habitantes desses países.

A baronesa procurava ser compreensiva. Quando entraram em Londres, Clotilda estava determinada a portar-se como era esperado que ela fizesse.

Chegaram tarde da noite e só houve tempo de se trocarem para jantar. O embaixador e sua esposa foram bastante atenciosos com Clotilda e, em consideração a seu sofrimento, ofereceram uma refeição íntima que incluía apenas as pessoas residentes na embaixada.

Na manhã seguinte houve uma pequena cerimônia de despedida, antes que todos se dirigissem para Tilbury. Ali, Clotilda embarcaria.

O marquês de Weybourne não estava presente mas, na verdade, Clotilda não se preocupava com isso, apesar de ter ouvido a condessa dizer a seu marido que fora uma grande falta de gentileza ele insistir em fazer a viagem até o porto sozinho, e não em companhia da comitiva.

— Weybourne, minha cara, faz suas próprias leis — o embaixador respondeu.

Falavam sua própria língua, mas Clotilda entendia tudo.

Descobrira, para seu grande prazer, ao falar com a baronesa, que o novo idioma não apresentava nenhuma dificuldade para ela.

O Balutik era uma mistura de albanês e sérvio, com grande quantidade de palavras romenas e algumas gregas, línguas que Clotilda dominava com facilidade.

Insistia em falar Balutik com a baronesa sempre que estavam juntas, e ela logo percebeu que poderia manter uma conversa simples na língua de seu futuro país, mesmo que ainda tivesse muito a aprender.

— Suponho que o príncipe Frederick, mesmo preferindo o alemão, fale Balutik. Estou certa? — ela indagou.

— Penso que não... — a baronesa respondeu. — Acho que para ele seria se rebaixar em sua dignidade falar outra língua que não fosse a dele.

— Que ridículo! — Clotilda exclamou com espontaneidade, não podendo conter-se.

Notando que a baronesa tinha ficado chocada, tratou de mudar de assunto.

Nesse momento, ao se aproximar de Tilbury e sabendo que seria uma questão de tempo até subir a bordo do navio que a levaria para longe da

Inglaterra definitivamente, Clotilda foi tomada de pânico.

Por que fazia isso? Por que se deixara prender nas redes que a conduziam para longe de seu mundo, rumo a uma terra desconhecida?

Nunca desejara ser uma princesa reinante e, quando pensava em casamento, sempre imaginava unir-se a alguém que fosse mais jovem.

Queria um homem que tivesse os mesmos interesses que ela, muito informal em se tratando da vida de sociedade ou de protocolos de qualquer espécie.

“Devia estar louca quando concordei com tudo isso!”, ela pensou.

Mas sabia que, concordando ou não, o resultado seria o mesmo.

Fora forçada a uma posição, em que teria de agir conforme o previamente determinado.

“É uma atitude bem germânica, muito germânica!” – disse para si mesma. “Fazer uma pessoa obedecer, sem lhe dar tempo suficiente para refletir!”

Por querer gritar e ter ímpetos de saltar em desespero da carruagem apertou as mãos com força contra o colo.

Com as faces lívidas e olhos assustados, viu o navio de combate que a levaria.

“Como uma prisioneira, indo ao seu destino...”, ela concluiu em silêncio.

Não havia dúvida de que se tratava de uma linda embarcação.

Era um navio moderno, construído há poucos anos e, apesar de possuir dois mastros com velas, o *Man-O'-War* tinha todo o aspecto de um navio de guerra.

O embaixador e sua esposa chegaram antes e esperaram pela carruagem que, poucos minutos depois, encostou no embarcadouro.

Havia bandeiras ornamentando o local e, quando todos desceram da carruagem, uma banda executou primeiro o hino nacional britânico e depois o de Balutik. Toda a comitiva se imobilizou para ouvi-los.

Então, o embaixador apresentou Clotilda ao capitão do navio e a seus oficiais, e eles a cumprimentaram num inglês mal falado, com o inconfundível sotaque alemão.

Ela foi levada a um *tour* pelo navio a fim de apreciar a ponte de comando, as armas de defesa e os barcos salva-vidas.

Em seguida, Clotilda dirigiu-se ao salão onde foi presenteada com um

modelo miniatura do *Man-O'-War*, presente de casamento para ela e para o príncipe Frederick, dado pela tripulação.

Ela pronunciou algumas palavras de agradecimento, pois, ainda que tímida, tinha certa experiência para falar em público porque fazia frequentes discursos de inauguração nas exposições de flores e em quermesses em benefício dos pobres que se realizavam na aldeia onde morava.

Tinha, portanto, certa capacidade oratória, o que lhe valeu um elogio do embaixador quando terminou de falar.

O homem exclamou:

— Foi um discurso excelente! Tenho a impressão de que virá a ser uma ótima oradora, lady Clotilda!

— Espero que seja verdade! Mas, por outro lado, não pretendo fazer isso com frequência.

Apenas havia começado a tomar o champanha que lhe fora servido, quando o capitão se apressou em receber alguém que acabava de chegar.

Alguns minutos depois ele entrou no salão com o recém-chegado, que Clotilda supôs ser o marquês de Weybourne.

Não era nada como tinha imaginado...

Mais alto que todos os homens presentes, vestia-se com esmero e sua elegância era ainda mais notável porque ele não demonstrava estar consciente de sua aparência. Parecia opressivamente autoritário e, ao mesmo tempo, distinto.

Clotilda não podia explicar seus sentimentos em relação a ele, mas apenas percebeu que a presença do marquês obscurecia todas as outras pessoas que estavam ali. Ela, por sua vez, não podia tirar os olhos dele.

O embaixador correu para saudá-lo:

— Já estava começando a me preocupar. Temia que houvesse perdido o caminho.

— Saí de Londres um pouco atrasado — o marquês explicou, com voz entediada. — Mas meus cavalos fizeram o possível para que os senhores não partissem sem mim.

— Isso nunca faríamos — respondeu o capitão, como se o marquês tivesse falado seriamente.

Enquanto conversavam encaminharam o marquês ao encontro de Clotilda, que estava no outro extremo da sala observando a maquete do navio.

“Não posso deixar de agradecer a Deus por ter um inglês comigo, quando desembarcar em Balutik”, ela pensava.

E mesmo que o príncipe Frederick fosse um personagem de vulto, o marquês ergueria a Coroa da Grã-Bretanha, da qual era representante, muito acima da cabeça do monarca de Balutik, não havia a menor dúvida.

O embaixador aproximou-se, dizendo:

– Lady Clotilda, quero lhe apresentar o marquês de Weybourne que, como sabe, vai acompanhá-la e representará Sua Majestade e Sua Alteza o príncipe consorte no casamento.

Clotilda fez uma reverência e estendeu a mão prontamente.

Para sua surpresa, o marquês cumprimentou-a com um gesto de cabeça e parecia relutante em tomar-lhe a mão, que ficou suspensa no ar por alguns segundos.

Clotilda notou, pela expressão dos olhos dele, que a fitava com desdém e talvez até com certa aversão.

Não podia imaginar a razão desse sentimento.

Então, com voz fria e distante, o marquês disse:

– Meus melhores votos, lady Clotilda, e espero que seja muito feliz com o marido que escolheu.

Havia um tom de desprezo, cinismo e quase sarcasmo em suas palavras, o que provocou um grande choque em Clotilda.

“Por que ele fala comigo dessa maneira? E por que essa repulsa contra mim, mesmo sem me conhecer? Ele nunca me viu antes”, ela se questionou.

Não errara na sua suposição, pois o marquês, sem dizer mais nada, virou-se para cumprimentar a condessa e os outros membros do grupo que tinham vindo de Londres.

Compareceram também ao embarque o embaixador da Áustria, ministros da Bulgária e da Sérvia e, para grande alegria de Clotilda, o embaixador da Romênia.

“Ele deve conhecer a família de minha bisavó”, ela pensou ao ver este homem.

E, assim que foram apresentados, conversaram em romeno.

Falaram sobre a beleza do país, sobre os cavalos que ela e o pai montaram quando da visita deles à região.

Clotilda tinha quinze anos na época mas, conversando com o embaixador, parecia voltar ao passado e concluiu que sempre se sentiria em

casa no país de seus antepassados.

— Quando se casar, deve convencer Sua Alteza Real a levá-la à Romênia — o embaixador sugeriu.

— Espero visitar muitas regiões balcânicas sobre as quais papai falou tanto e também aquelas que já conheço.

— Será uma surpresa agradável para todos ver que, como seu pai, domina a língua de cada país. Mas deixe-me cumprimentá-la, milady, pela sua fluência em meu idioma.

— É um prazer ouvi-lo falar assim. — Clotilda sorriu. — Tive medo de, após a morte de meus pais, esquecer essas línguas, as quais, quando era jovem, me foram familiares como o inglês.

— Gostaria que pudesse reinar em meu país em vez de num que se torna mais germânico a cada ano que passa... — Uma expressão de tristeza cobriu a face do embaixador.

Segundo Clotilda, ele não devia ter criticado a terra de seu futuro marido, mas talvez, por estar falando romeno, não se dera conta disso.

Porém o embaixador tossiu para esconder seu embaraço, continuando: — Se eu puder fazer qualquer coisa em seu favor, lady Clotilda, não se esqueça de que será grande prazer e honra para mim ajudá-la.

E por sentir-se envergonhado pelos comentários contra Balutik, afastou-se dela quando outra pessoa se aproximou para conversar.

Muito breve o capitão anunciou que o navio estava pronto para zarpar.

Mas levou algum tempo até que todos os convidados se despedissem. Quando eles se dirigiram ao embarcadouro, onde as carruagens os esperavam, Clotilda teve ímpetos de segui-los.

Em vez disso, com a baronesa Von Kitzenstein ao lado, abanava a mão dizendo adeus. E com a banda tocando, a comitiva desapareceu vagarosamente.

Foi só depois de acenar aos amigos até sentir o braço doer e a multidão que estava no cais ficar fora do alcance da vista, que Clotilda deu pela falta do marquês de Weybourne.

Pelo que podia lembrar, ele não tomara parte nas cerimônias da despedida.

Suspeitou que ele estivesse ou na ponte de comando, vendo o capitão conduzir o navio ao mar, ou no seu camarote.

A baronesa insistiu em descer para os beliches.

— Espero, lady Clotilda, que não tenhamos mau tempo no canal pois, devo confessar, não sou bom marinheiro — ela falou, assustada.

— Pois sinto muito pela senhora, baronesa. Adoro o mar, que nunca é agitado demais para mim.

A baronesa não respondeu e Clotilda teve a impressão de que ela ficava enjoada à simples idéia de que alguém pudesse gostar do movimento de uma embarcação em mar tempestuoso.

Muitas pessoas achavam intolerável até mesmo sentir o navio flutuar.

Clotilda descobriu que lhe tinha sido dada a melhor cabine, provavelmente a que pertencia ao capitão.

O seu quarto tinha uma grande cama, apesar de estarem num navio de guerra.

Havia um pequeno compartimento ao lado, com uma comprida mesa no centro, onde ela poderia tomar as refeições, e várias poltronas confortáveis completavam o mobiliário.

Sua empregada Greta, já desfizera os baús que continham as roupas de viagem..

Ela era outra pessoa com quem Clotilda podia falar sobre Balutik. No momento, perguntou-lhe apenas:

— Você é bom marinheiro, Greta?

— Tento ser, minha senhora.

— Então, você e eu não teremos medo da baía de Biscaia. — Clotilda riu. — E não posso acreditar que este navio não seja bem seguro em alto-mar. Como foi a viagem de vinda?

— Um tanto agitada! — Greta respondeu, e ambas riram.

Pelo fato de a baronesa ter se retirado para o próprio camarote, Clotilda conversou com Greta, que era uma excelente camareira. Tinha sido requisitada, apesar de já estar gozando de sua aposentadoria, para vir à Inglaterra nessa viagem especial.

— Isso significa que teve de deixar seu marido e o resto da família?! — Clotilda exclamou, com espanto.

Greta fez um gesto elegante com as mãos e respondeu:

— Não tive escolha, minha senhora.

— Que você quer dizer com isso?

— Sua Alteza Real me ordenou que viesse servi-la. Ele me conheceu

quando trabalhava para uma das damas da corte da pobre princesa. Aprendi a exercer meu ofício com perfeição.

Greta parecia embaraçada com as perguntas, o que fez Clotilda pensar que havia qualquer coisa de estranho em tudo.

Também era esquisito o fato de ter sido obrigada a voltar ao serviço ativo por ordem do príncipe.

— Você deve ter impressionado Sua Alteza Real muitíssimo — Clotilda arriscou, tentando continuar com o assunto.

— Sua Alteza Real me achou útil — ela replicou, com voz magoadada. — E então, ansiosa por mudar o tema da conversa, indagou: — O que a senhora vai usar esta noite, no jantar?

— Tenho tantos vestidos que não posso me lembrar de todos eles! Você escolhe um para mim, Greta, e espero ser admirada.

Estava pensando no marquês ao falar, na esperança de que estivesse enganada quando supôs que ele a olhara com desprezo. Talvez ele se comportasse de maneira mais agradável no próximo encontro.

Porém, quando foi ao salão e se encontrou com ele e o capitão, que esperavam por Clotilda, ela notou, para seu desapontamento, que o marquês estava tão irritado quanto antes.

O grupo reunido não era grande; apenas a baronesa, o marquês, um *aide-de-camp*, o major Bernstein, que fora enviado para representar o exército, o capitão e seu imediato.

Pelo fato de o capitão não falar inglês bem e o imediato absolutamente nada, foi mais fácil para todos conversarem em alemão do que se esforçar num inglês incorreto ou em Balutik, sendo este último idioma falado só pela baronesa.

O marquês dominava o alemão perfeitamente e Clotilda, apesar de não gostar da língua que seu pai considerava horrível, também a usava com fluência.

O marquês surpreendeu-se ao ouvi-la falar com tanta desenvoltura, pois Clotilda acompanhava a conversa que se referia, em particular, ao navio em que viajavam e à frota que estava sendo construída por ordem do príncipe Frederick.

— Vamos ter outro navio de combate e destróiers num futuro próximo — o capitão anunciou. — Mas é claro que custarão muito dinheiro e os habitantes de Balutik não se mostram entusiasmados em desembolsar pois,

morando longe do mar, nunca terão chance de vê-los.

— Não posso imaginar por que desejam ter uma frota tão grande — Clotilda observou.

Após alguns segundos, o capitão respondeu:

— Sua Alteza Real tem certeza de que mais cedo ou mais tarde todos os países balcânicos terão de combater seus agressores.

— Que agressores? — Clotilda insistiu.

Ela se lembrava de ter ouvido o pai falar sobre a ambição dos alemães em ocupar os pequenos estados da vizinhança. Eles tentavam, aos poucos, incorporá-los todos a seu território, para que eles lutassem sob a bandeira germânica.

Houve grande silêncio antes de o capitão, olhando nervosamente para o marquês, replicar:

— Sinto dizer-lhe, lady Clotilda, que sou muito ignorante no que diz respeito à política; mas Sua Alteza Real estará ansioso, tenho certeza, em lhe transmitir suas idéias e planos, sobre os quais ele é bastante positivo.

Clotilda achou que o capitão tinha se saído muito bem evitando uma resposta clara mas comprometedora. Porém, olhando para o marquês de Weybourne, notou que ele ria interiormente por ela ter sido tão sem tática e indiscreta.

“Eu o odeio! Por que ele tem que ser assim, cruel comigo?”

Mas o admirava também, pois ele, com sua presença, dominava o ambiente por completo.

Observou ainda que, quando ele falava, todos o ouviam com atenção, como se se tratasse de uma autoridade real.

Apesar de tudo ele estava irritado, descontente e é claro, cético a respeito de todas as coisas.

Embora tentasse duvidar que ela fosse a causa dessa irritação, pois não podia saber o que havia feito para tal, sentia, pelo tom de voz quando falava com ela, que sua presença o fazia insolente.

Por isso, o desespero e apreensão sobre seu futuro aumentaram ainda mais.

Assim que pôde dizer boa-noite a todos, retirou-se para seu camarote onde Greta a esperava.

— Admiraram seu vestido, minha senhora? — a camareira indagou, curiosa.

— Não, Greta. Ninguém prestou atenção em mim! Só falaram sobre navios!

Greta riu.

— Os homens são assim! Pensam apenas em seus próprios interesses e as mulheres não merecem nenhuma consideração da parte deles... exceto na cama! — disse sem pensar. Mas depois, julgando-se atrevida, acrescentou: — Perdão, minha senhora! Não devia ter me expressado dessa maneira.

— Não Greta não me peça perdão. Você pode me dizer o que quiser e o que lhe vier à cabeça. Estou me sentindo muito triste e só, neste momento, e quero que você fale como falaria com uma amiga. Vai me fazer bem.

Clotilda percebeu que tocara o coração da empregada que, imediatamente, compartilhou seu sofrimento.

— Tenho pena, muita pena mesmo da senhora. Não deviam ter escolhido uma pessoa tão jovem, nem tão bonita como a senhora, para casar com Sua Alteza Real.

— Diga a verdade, Greta, o príncipe é amado por seu povo em Balutik? — Greta estava ocupada, desabotoando o vestido de Clotilda, e hesitou em responder. Ela insistiu: — Diga-me a verdade!

Após longa pausa, a empregada decidiu-se a falar com franqueza:

— A senhora me pede que eu fale como amiga, e como amiga eu vou falar a verdade.

— Por favor... — Clotilda implorou.

— O príncipe é muito áspero, muito severo, e não podemos entender a razão desse procedimento. Nós somos um povo feliz; nós rimos, choramos às vezes, cantamos muito, mas o príncipe, sendo alemão, é muito diferente de nós.

“Devia ter imaginado isso...”, Clotilda pensou.

E mais tarde, sozinha em seu quarto e ouvindo o barulho dos motores no porão, teve vontade de dar meia-volta ao navio e ir para casa.

O que ela suspeitava era certo. O príncipe não parecia ser um governante benquisto no país, e ela fora usada apenas como uma garantia a fim de melhorar a posição dele em Balutik.

“Por que me escolheram para isso?”, ela se perguntou. “Por que eu?”

Era uma pergunta, como outras desse tipo, que homens e mulheres têm feito através dos tempos, para as quais nunca houve uma resposta.

Enquanto o navio a levava pelas trevas da noite, Clotilda permanecia

de olhos abertos.

Tinha medo, mais agora que antes, do que a esperava quando chegasse a Balutik.

CAPÍTULO IV

Assim que saíram do canal e entraram na baía de Biscaia, o tempo foi piorando progressivamente.

A primeira a não comparecer às refeições foi a baronesa Von Kitzenstein, que se recolheu ao camarote onde ficou deitada, bastante indisposta.

As presenças do capitão e do comandante eram constantemente requisitadas na ponte de comando, o major Bernstein desapareceu e Clotilda encontrou-se quase a sós na companhia exclusiva do marquês.

A primeira refeição em que isto aconteceu foi um jantar e, apesar do balanço do navio e da agitação do mar, ela pôs um lindo vestido e dirigiu-se à saleta adjacente a sua cabine.

Lá encontrou o marquês, elegantíssimo em traje de noite.

— Temo que o resto dos viajantes tenha desertado lady Clotilda.

O modo como se exprimiu deixou claro a Clotilda que ele lamentava o fato.

Quando ela sentou-se à mesa esperando ser servida, comentou o ocorrido:

— Tenho muita pena das pessoas que sofrem de enjôo marítimo, e penso que é uma coisa que jamais sucederá a mim.

— Eu não diria que nunca vai acontecer comigo... — o marquês replicou. — Mas possuo um iate e tenho feito viagens em mares revoltos, assustadores às vezes, sem experimentar indisposição de qualquer espécie.

— Que maravilha ter sua própria embarcação! Papai viajou muito por todo o mundo e quando eu tive idade suficiente para acompanhá-lo, também fui com ele. Mas nunca pudemos viajar de outra maneira que não fosse a mais barata possível, conseqüentemente, pouco confortável.

O marquês encarou-a surpreendido ao ouvir confissão tão sincera.

Clotilda acrescentou:

— Amei cada minuto vivido nessas viagens, e tudo ficou muito triste e monótono quando papai se tornou duque e não pôde mais viajar. Depois ele morreu...

Soluçou ao lembrar-se desses acontecimentos. Ela mesma não podia

imaginar que ainda lhe trouxessem tanta mágoa.

O marquês admirou-se do que acabava de ouvir.

— Não tinha idéia, lady Clotilda, de que fosse tão viajada. Pensei que esta fosse a sua primeira aventura no mar!

— E é a primeira em grande luxo. Acho que um navio de combate é um meio de transporte emocionante!

— Talvez seja por conviver com tantos homens a bordo... — Havia boa dose de sarcasmo no tom de voz do marquês.

Clotilda arregalou os olhos, antes de responder:

— Estava pensando nas emoções da viagem propriamente dita. Mas, voltando ao assunto, adorei conhecer os habitantes de todas as cidades que visitamos, falar com eles e conhecer seus problemas e alegrias! — falava com simplicidade, sem se dar conta de que o marquês a fitava, atônito.

Depois, ele deu um palpite, tentando encontrar alguma falsidade na revelação que ela fazia:

— Que quer dizer com falar com eles? Sei que seu pai dominava muitas línguas estrangeiras com grande fluência, mas não posso acreditar que a senhora, assim jovem, já pudesse fazer o mesmo!

— Em que idioma deseja se comunicar comigo agora? — ela indagou, em turco.

Não obtendo resposta, disse em grego:

— Seu alemão é muito bom mas essa língua soa desagradável em meus ouvidos. Por isso, estou encantada por não precisarmos usá-la esta noite.

O marquês riu.

— Ganhou, lady Clotilda, e peço que me desculpe por ter duvidado de seus talentos. — Mudando de tom por completo, prosseguiu: — Agora posso ver por que almeja tanto reinar em Balutik.

Gaguejando, Clotilda replicou:

— Nunca em minha vida pensei... em ocupar... essa posição!

Logo após, lembrou-se de que os garçons que os serviam eram originários de Balutik, e seria muito arriscado dizer alguma coisa comprometedora que eles pudessem repetir entre si, no caso de entenderem inglês. Por isso, ela mudou de assunto:

— Diga-me, de que país gostou mais de conhecer e para onde gostaria de voltar?

O marquês compreendeu que ela tentava ser prudente, e procurou responder às suas perguntas.

Tiveram uma discussão animada sobre as atrações do leste da Europa, lugar sobre o qual Clotilda sabia muito pouco; e sobre a África, região que ela conhecia tão bem quanto ele.

— Quer dizer que acompanhou seu pai através do deserto? Mal posso acreditar!

— Poderia lhe provar isso se este navio fizesse uma parada no norte da África. — Suspirou, antes de continuar: — Às vezes sinto falta do calor, do ar seco, das areias que se estendem a perder de vista e do fato de que não há o ontem e nem o amanhã... — falando deu-se conta de como apreciaria não haver o amanhã pois, assim sendo, não teria de ir a Balutik e casar com o príncipe Frederick.

O marquês fitou-a e, ao fazê-lo, viu diante de si olhos muito reveladores que o deixaram em dúvida sobre sua opinião a respeito de Clotilda.

Mesmo assim, sentado confortavelmente na cadeira que fora fixada no chão do convés, com um copo de conhaque na mão, ele insistiu:

— Tenho certeza de que a senhora está antegozando a glória de ser aclamada com entusiasmo pelos novos súditos.

O sarcasmo estava de volta nesse comentário, o que fez Clotilda achá-lo desagradável mais uma vez.

Ela apoiou os cotovelos na mesa e segurando o queixo com as mãos olhou, não para o marquês, mas para dentro do camarote, na verdade para o retrato do príncipe Frederick.

Adoraria poder contar ao marquês como estava assustada com o desenrolar dos acontecimentos, e como sentia falta do pai, em quem podia confiar e que a entenderia bem.

Em vez disso, aconselhou-o a ter cuidado:

— Todos os copeiros de bordo vieram de Balutik, como também a tripulação... exceto os oficiais. É necessário muito cuidado com tudo o que dissermos diante deles.

O marquês franziu a testa.

— Está me censurando, lady Clotilda, me tachando de indiscreto?

— Não, claro que não, mas tenho receio de que tudo o que falarmos sobre Balutik será imediatamente repetido por todo o navio e, claro, repetido

outra vez quando chegarmos ao nosso destino.

Lembrava-se de como o pai a prevenia sempre contra comentários que, tanto nos países do leste da Europa como, talvez, em todo o continente europeu, eram levados pelo vento e espalhados por toda parte.

“Uma palavra descuidada pode, com frequência, custar muitas vidas...”, ele costumava dizer.

Por essa razão, Clotilda tinha sido invariavelmente cuidadosa quando ficavam hospedados em residências estrangeiras.

Sabia que, como muito bem diz o ditado: “As paredes têm ouvidos”.

“Os palácios russos têm paredes ocas... O mesmo se pode dizer sobre a Turquia, a Pérsia, e também sobre os países da África, onde há sempre alguém tentando escutar as conversas, mesmo as que têm lugar em ambiente privado!”, o pai frisava.

Ambos, pai e filha, haviam rido muito sobre isso e Clotilda agora pensava que seria grande erro deixar que o marquês de Weybourne a induzisse a cometer qualquer indiscrição.

Mas também, sem saber por que, gostaria de poder confiar nele e, mais que tudo, sentir que ele compartilhava seu sofrimento.

O tom sarcástico e cínico da voz do marquês desaparecia por momentos, mas sempre voltava quando se referia à posição que ela iria ter ao se tornar esposa do príncipe Frederick.

— Penso que saiba que não é correto a senhora jantar comigo aqui, sozinha — ele falou depois de curto silêncio. — Não entendo por que Sua Alteza Real não mandou uma jovem dama da corte para lhe fazer companhia.

— Não preciso de acompanhantes... — Clotilda respondeu. — E não entendo por que o príncipe tirou a baronesa de seu repouso, considerando que ela não goza de boa saúde, para viajar comigo. Forçou também Greta, a camareira, uma mulher casada, com quatro filhos, a deixar sua casa só por ser ela uma pessoa competente e por saber executar seu trabalho de maneira perfeita.

— E eu considero essa atitude de muita consideração para com a senhora.

— Consideração comigo, mas não com elas!

— Mas é claro que a noiva é mais importante que qualquer outra pessoa!

Outra vez Clotilda o achou desagradável e sugeriu:

– Se o preocupa ficar sozinho comigo, posso tomar as refeições em meu camarote.

– Não me preocupa, mas penso em sua reputação, lady Clotilda.

Ela riu, descrente.

– Creio, milorde, que está pensando em si mesmo mais que em mim. Aliás, meus tios ficaram muito surpresos quando souberam que o senhor tinha sido designado para me acompanhar!

O marquês franziu a testa e ela concluiu que fora pelo que tinha dito.

De súbito, Clotilda admitiu que seria impossível fazer o resto da viagem tendo contínuo cuidado com tudo o que falasse.

Por isso, virou-se para ele e pediu:

– Por favor, milorde, poderíamos tentar... ser... amigos pelo espaço de tempo que nos resta dessa viagem? O senhor é a única pessoa, a bordo, de minha nacionalidade... e, antes de entrar num país estranho... onde nunca... estive antes... e do qual provavelmente nunca mais sairei... apreciaria ter algumas horas de felicidade.

Ao terminar de falar, notou que o marquês a fitava atônito. Depois, ele desculpou-se em tom de voz mais amável que o habitual:

– Devo pedir-lhe que me perdoe, lady Clotilda, se a fiz sofrer e se dei a entender que não era seu amigo...

– Perdoe-me também, senhor, pois sei, em primeiro lugar, que desaprova meu casamento com o príncipe Frederick.

O marquês retesou-se, encarando-a.

– Sem admitir ser verdade o que está falando, gostaria de saber por que tirou essas conclusões.

Clotilda sorriu e fez um gesto com as mãos.

– Suponho estar usando minha capacidade perceptiva. Não é necessário que o senhor admita coisa alguma, mas tenho certeza de que falei a verdade e não há nada que possamos fazer.

– Peço-lhe desculpas novamente, lady Clotilda, se lhe dei impressão errônea.

– Errônea em que sentido? – Clotilda fitou-o com firmeza, para que ele não mentisse ao responder.

– Apenas quero insistir que farei tudo que estiver em meu poder para que seja feliz, até sua chegada em Balutik.

Por já ser muito tarde, Clotilda decidiu recolher-se.

Ela abandonou a sala e percebeu que o marquês permanecera lá ainda por muito tempo, antes de retirar-se também.

“Ele é um homem estranho...”, ela pensou. “Mas é confortador tê-lo aqui comigo, se não por outros motivos, ao menos por eu estar com medo do futuro e do príncipe Frederick!”

O mau tempo continuou até chegarem a Gibraltar. Aí, o capitão informou ao marquês que iriam ancorar para efetuar alguns reparos no navio, pois a tormenta prejudicara várias partes importantes que precisavam ser substituídas.

Clotilda exultou de alegria:

– Não venho a Gibraltar há muitos anos, mas me lembro de como as lojas eram atraentes!

Não acrescentou que nem o pai e nem ela tiveram dinheiro para gastar em compras.

Mas, não se pagava para olhar. Admirara os lindos xales bordados originários de Hong Kong e da China, mesmo não podendo comprar nenhum deles.

O marquês estava no convés, apreciando o magnífico penhasco que se elevava muito acima da cabeça deles, e para os soldados e marinheiros ingleses que se agitavam no porto.

De repente ouviu uma voz suave, ao lado dele:

– Por favor, senhor... pode me acompanhar à terra... por pouco tempo?

– Que há com a baronesa? Ela está indisposta, lady Clotilda? – ele perguntou.

– Não está bem e como Greta cuida dela neste momento, o senhor é a única pessoa a quem posso pedir esse favor.

– E eu estou à sua inteira disposição.

Clotilda dirigiu a ele um sorriso de satisfação e correu para o camarote.

Quando voltou, usava um gracioso chapéu combinado com o vestido e trazia na mão uma pequena bolsa.

Caminharam até o porto, onde os esperava uma carruagem aberta conduzida por um cavalo, encomendada pelo marquês a fim de levá-los do porto às lojas.

– Isso é muito luxo! – ela exclamou. – Poderíamos ir facilmente a

pé.

— Pessoas importantes não andam no meio da multidão, lady Clotilda.

— Mas eu não sou importante ainda.

— É, para aqueles que ficaram a bordo.

— Se acha que sou importante demais para ir às compras, está enganado. Pois insisto em comprar um presente para a baronesa e um para Greta.

— E para a senhora, não vai querer nada?

— Que mais posso desejar? Mas sei muito bem o que é ser pobre e impossibilitada de gastar sequer alguns níqueis em coisas supérfluas, e isso é o que quero dar às duas pessoas que estão cuidando de mim.

O marquês ajudou-a a escolher uma linda bolsa bordada para a baronesa e uma blusa, também bordada, para Greta.

— Papai prometeu me comprar, da próxima vez em que viéssemos aqui, um desses xales bonitos — Clotilda disse, quase como se falasse consigo mesma.

Ela olhava para a vitrina de uma das lojas ao longo do cais. O marquês retrucou acremente, imaginando que ela estivesse inventando essa história para impressioná-lo:

— Agora pode comprar tudo o que deseja, não acha?

— Só se gastar o dinheiro de Sua Alteza Real — Clotilda respondeu. — E não tenho intenção de fazer isso. O que comprei para a baronesa e para Greta foi com meu dinheiro. Não posso comprar presentes de grande valor, pois o pouco que tenho precisa durar muito.

Clotilda tinha certeza de que o marquês não estava acreditando no que ela dizia.

Ele olhou para o vestido caro que ela usava e para o chapéu da última moda, muito elegante.

— Penso que ninguém lhe tenha contado, milorde, que, contrariando a tradição e todas as normas e convenções sociais, Sua Alteza Real encarregou seus ministros de comprarem meu enxoval.

Viu espanto nos olhos do marquês e continuou:

— Por ter apenas uma semana para preparar tudo, não pude recusar a oferta e, além disso, meu tio não tinha meios de comprar nem mesmo um vigésimo do que possuo.

– É difícil acreditar no que me conta, lady Clotilda!

– Não havia nada que pudesse fazer e, se quisesse saber a verdade, me senti muito humilhada!

No caminho de volta o marquês, como se estivesse pensando no que Clotilda lhe confessara, indagou:

– Por que não se recusou a casar com o príncipe? Foi a fascinação da coroa, ainda que de um país pequeno, que a tentou, arriscando todas as consequências?

Pela primeira vez, desde que estavam juntos nessa manhã, o sarcasmo voltou à voz do marquês. Clotilda respondeu, com certa aspereza:

– Será que o senhor é tão ingênuo a ponto de pensar que eu pudesse ter uma opção? A rainha, mesmo com certa demora, deu seu consentimento. O embaixador tomou todas as decisões, e já tinha até comprado meu enxoval quando me comunicou sobre o pedido de Sua Alteza Real, que desejava casar o mais depressa possível. Isso de fato vai acontecer, assim que eu chegar a Balutik. Não tive tempo de refletir e nem a possibilidade de escapar desse casamento.

– Foi o que aconteceu? Aí está toda a verdade? – o marquês fez a pergunta ainda incrédulo e tentando penetrar na mente de Clotilda, para ver se ela não estava mentindo.

– Claro que essa é a verdade. Mas não sabia... – Parou e prosseguiu rapidamente: – Mesmo que o senhor tenha prometido ser meu amigo, não devo cometer indiscrições... mas não havia pessoa alguma que pudesse aconselhar-me. Meus tios, o duque e a duquesa, ficaram encantados com a honra que caberia à família com essa união... – não olhou para o marquês ao dizer as últimas palavras e nesse momento chegaram ao cais.

Andaram a pequena distância que os separava do navio, sem falar.

A baronesa compareceu ao almoço não havendo, portanto, outra chance para uma conversa íntima com o marquês.

Agora que as águas estavam mais calmas, o capitão e o *aide-de-camp* jantaram com eles e a conversa girou outra vez em torno de navios em geral, e de batalhas que tiveram lugar no Mediterrâneo.

Quando Clotilda foi para cama, refletia sobre a veracidade do que o marquês lhe dissera quando prometera ser amigo e fazê-la feliz.

“Penso que tenha sido apenas um modo de falar, uma expressão de amabilidade mais diplomática do que sincera...”, ela disse a si mesma,

suspirando.

Mesmo assim, aguardava ansiosamente uma nova oportunidade para estar com ele.

Na manhã seguinte, o marquês acordou ao som de tambores.

De início pensou que estivesse imaginando tratar-se de tambores. Talvez fossem as máquinas do porão.

Mas logo percebeu que o som vinha da proa do navio e, depois de vestido, dirigiu-se ao local de onde vinha o ruído em vez de ir para o salão de refeições.

E, como havia antecipado, viu que um dos marinheiros ia ser submetido à punição costumeira por algum delito cometido. O homem estava sendo amarrado ao mastro do navio para ser chicoteado.

O marquês sabia que as ofensas usuais que resultavam em flagelamento eram roubo, alcoolismo, atrevimento, dormir em serviço e desobediência.

Apesar de ter viajado com frequência em navios e visto marinheiros serem flagelados, ele sempre achara esse um método selvagem de manter a disciplina, e o desaprovava integralmente.

Agora que as batidas do tambor se aceleravam, o homem amarrado, com as costas nuas, esperava o primeiro açoite.

Era um marinheiro forte e corpulento que, sem dúvida, já tinha sido flagelado antes, pois suas costas apresentavam cicatrizes com aspecto de conchas, como acontecia com as pessoas submetidas a esse castigo.

O chicote descia e os tambores iam num crescendo, a fim de abafar os gritos que a vítima pudesse emitir. Quando o sangue começou a jorrar, o marquês retirou-se.

Era um espetáculo que não desejava apreciar. Mas quando se decidiu a abandonar o local, percebeu que não estava só no convés superior.

Sem que tivesse notado antes, alguém mais estava lá.

Era Clotilda, e quando ele a viu fugindo em direção à porta que levava aos camarotes, ele a seguiu, consciente de que essa era uma cena que ela não devia testemunhar.

Capitão algum, com a mínima sensibilidade, açoitaria um homem a bordo quando houvesse mulheres presentes, especialmente uma pessoa da importância de Clotilda.

Ao atingir o corredor que ia para os beliches e não a vendo mais, o

marquês imaginou que ela tivesse entrado em seu próprio quarto.

Mas lá chegando, pela porta aberta, viu Greta, com o auxílio de seu valete Havers, arrumando o grande leito.

Então se encaminhou para a sala ao lado e ali, deitada num sofá, divisou uma figura humana.

O marquês entrou, fechou a porta e aproximou-se de Clotilda, que estava com o rosto escondido no travesseiro.

Com ambas as mãos ela tapava os ouvidos para amortecer o rufar dos tambores e os gritos do homem sendo chicoteado. Quando chegou bem perto dela, viu que tremia. Sentou-se ao lado dela no sofá e consolou-a, com voz suave:

— Sinto muito, lady Clotilda, que tenha testemunhado o que não era, certamente, uma demonstração destinada aos seus olhos.

— Como... eles podem fazer uma coisa tão bestial... tão cruel?

— É a punição usual em qualquer navio, mesmo nos nossos, lady Clotilda. Mas posso lhe dizer com alegria que existe uma grande oposição a esse tipo de castigo e já foi sugerido no Parlamento que fosse abolido por completo.

— Mas é... uma verdadeira malvadeza. O marquês ouviu-a, depois animou-a:

— Está tudo acabado agora. Não ouço mais os tambores e penso que foram só doze chibatadas, o que é uma sentença considerada muito leve.

— Como pode... qualquer castigo ministrado com esse terrível chicote... ser leve?! — Clotilda indagou, num sussurro.

Ao dizer isso, tirou as mãos dos ouvidos e virou-se para ele. Estava muito pálida, os olhos com expressão amedrontada.

Não chorava, mas o marquês pôde perceber que ela tremia. Achou que todo o episódio fora de muito mau gosto, um choque ao qual ela não precisava ser submetida.

— Vou falar com o capitão, lady Clotilda, e tomarei providências para que isso não se repita, ao menos enquanto a senhora estiver a bordo.

Houve um momento de silêncio e depois Clotilda murmurou, muito baixinho:

— Eles disseram que o príncipe... gosta desse tipo de punição!

— Quem disse isso?! — o marquês falou, irritado.

— Eu ouvi dois copeiros comentando... mas não sabia sobre o que

falavam... Por isso fui ao convés, para ver de que se tratava.

O marquês preocupou-se, pois imaginava tudo o que ela podia ter ouvido.

Levando em consideração o que lorde Toddington lhe confidenciara, ele concluiu que os prazeres eróticos do príncipe não eram conhecidos apenas em países estrangeiros. Provavelmente, também em Balutik todos sabiam que tipo de homem ele era.

Mesmo assim, o marquês não podia acreditar que o príncipe Frederick sujeitasse sua própria esposa a práticas desagradáveis e tinha certeza de que ele jamais a submeteria a maus-tratos físicos.

Mas de repente teve uma sombra de dúvida e, ao ver a face pálida de Clotilda, seus olhos assustados e mãos que tremiam, teve impulsos de mandar o navio retroceder e ordenar ao capitão que os levasse de volta à Inglaterra.

Era uma decisão impossível de ser tomada; provocaria uma crise diplomática tão escandalosa que o levaria ao ostracismo social, se não ao exílio pelo resto de sua vida.

Levantou-se, olhou pela vigia e viu as águas azuis do Mediterrâneo e a distante linha da costa, dourada pela luz do sol.

“Que posso fazer?”, ele se questionou. “Que diabo, será que não há nada a fazer?”

Então, atrás de si, ouviu a voz de Clotilda dizendo:

— Suponho que esteja pensando... que meu comportamento é... reprovável. Sei que membros da realeza... nunca demonstram suas emoções, não importa o que aconteça... Mas não suporto crueldades.

— Nem eu!

Neste momento, Clotilda não estava mais deitada, porém tinha se sentado num canto do sofá. O marquês atravessou a cabine e tomou um lugar ao lado dela, tentando animá-la:

— Agora me ouça, lady Clotilda. Sei que tudo isso foi um grande choque, uma cena, como já disse, que a senhora não devia ter presenciado. Mas tente esquecer. Vai descobrir em sua nova pátria que os alemães são muito mais severos quanto à disciplina, muito mais do que nós, os ingleses.

— Podem ser severos, não me oponho a isso, mas não deviam ter prazer... vendo um homem sofrer... um castigo, mesmo que merecido.

O marquês percebeu que ela estava pensando no que escutara da

conversa entre os empregados.

Os serviçais de bordo jamais poderiam imaginar que Clotilda entendesse a língua deles, por isso o marquês se propôs a informar a todos sobre os dotes linguísticos da futura princesa de Balutik.

— Devo admitir que o príncipe, lady Clotilda, como a maior parte dos alemães, deseja perfeição em volta de si, portanto não poupará punição a um subalterno que cometa delito de qualquer espécie. Contudo, mesmo para os alemães, é necessário que exista a falta para justificar o castigo.

O marquês viu que não convencera Clotilda e perguntou-se o que mais ela poderia ter ouvido, que não ousara contar-lhe. E, por estar perturbado, ele disse de chofre:

— Esqueça! Esse tipo de coisa não deve preocupá-la e, quando estiver reinando em Balutik, posso garantir que seu trabalho será o de visitar hospitais para verificar se estão sendo bem dirigidos, tomar providências para que todas as crianças tenham uma educação adequada. E, se houver queixas de qualquer natureza da parte das mulheres, o que não duvido que haja, elas terão a quem recorrer.

— E, o senhor acha... que o príncipe me deixará ajudá-las? Sendo ele tão mais velho que eu, não creio que... atenda a uma sugestão minha...

Era exatamente o que o marquês pensava. Por isso, acrescentou quase zangado:

— Não há razão para antecipar fatos que talvez nunca aconteçam. Um homem que vai ter uma esposa bonita como a senhora, se for inteligente, irá ouvi-la com prazer e fará tudo para agradar a ela.

E, como se estivesse impossibilitado de continuar com a conversa, saiu da sala deixando-a sozinha.

Clotilda fixou os olhos na porta fechada e perguntou-se por que ele a havia abandonado tão abruptamente.

“Uma esposa bonita como a senhora...”, disse para si mesma, entre dentes.

Afinal de contas, ele a apreciava! Então, como por milagre, ela parou de tremer enquanto o sol invadia a cabine com seus raios dourados.

Não houve mais incidentes desagradáveis no decorrer da viagem, até chegarem a Nápoles. Lá, o capitão informou o marquês: — Devo pedir que me desculpe, milorde, por ter desviado tanto da rota direta, mas a avaria que tivemos de reparar em Gibraltar foi maior do que pensei, por isso vamos

parar em Nápoles para mais consertos antes de prosseguir viagem. Depois, porei toda a velocidade possível até o local onde a escolta de lady Clotilda espera por nós.

O marquês sorriu, conformado.

— Bem... acho que a única coisa a fazer é esperar, pois não há outra escolha. Sei que para o capitão, um navio é o que existe de mais importante.

— Tinha certeza de que o senhor entenderia, milorde. — Depois deu um suspiro e acrescentou: — Duvido que Sua Alteza Real aceitasse as razões apresentadas!

— Parece que ele é uma pessoa muito severa e intransigente!

— Espera sempre que tudo corra segundo seus desejos, milorde, e não considera a vontade de Deus ou, como neste caso, os contratempos causados pelo mar revolto, uma desculpa adequada para sairmos do programa preestabelecido.

O marquês preocupou-se com o que ouviu sobre o comportamento de Sua Alteza Real.

Pensava em como seria difícil a Clotilda adaptar-se a precisão e pontualidade germânicas pelo resto da vida.

Pensava também em Swallow e no sofrimento de Clotilda em abandoná-lo.

Por ter muitos cavalos e por significarem tanto para ele, o marquês de Weybourne podia entender que a maior tristeza para ela ao sair da Inglaterra tinha sido deixar Swallow.

— Sei que os empregados do castelo cuidarão dele — ela dissera ao marquês. — Mas... ele não vai entender por que eu não voltei mais, pois acredito que cavalos são como nós... se amam alguém, nunca se esquecem.

— Concordo com a senhora, lady Clotilda — fora a resposta do marquês.

— Swallow me ama como eu o amo, e tenho certeza de que eu nunca, nunca mais amarei ninguém!

O marquês compreendia que ela falava com sinceridade mas também sabia que, com a beleza que possuía, muitos homens se apaixonariam por ela nos anos futuros. Quanto a isso não poderia haver dúvidas.

“E, é claro, ela também se apaixonará por eles”, ele pensou.

Ao mesmo tempo, sabia que Clotilda não era como outras mulheres que passavam a vida trocando de companheiro, como se esse fosse o

principal divertimento delas.

Ele, por sua vez, também considerava esse passatempo muito interessante, o qual, muitas vezes, terminava em lágrimas, porém, mais frequentemente, significava um agradável episódio da vida a ser lembrado.

E ele se perguntava se isso era o verdadeiro amor, aquele exaltado pelos poetas, retratado pelos artistas e feito imortal pelos músicos.

Era um amor que jamais conhecera mas, quando muito jovem e idealista, acreditara ser a mulher amada sua outra metade e não duvidara que ela o amasse com a mesma intensidade que ele lhe dedicava.

E sua desilusão jamais foi esquecida!

Admitia agora que Clotilda era tão idealista quanto ele, quando tinha a idade dela, e alimentava as mesmas ilusões: tentar alcançar as estrelas e acreditar que, por algum milagre, os sonhos se transformassem em realidade.

“Porém, como qualquer outra mulher, vai se conformar em passar de um homem para outro...”, ele disse a si mesmo, cético.

Contudo, observando Clotilda movimentar-se pelo convés ensolarado, com um sorriso nos lábios e uma palavra amável para cada marinheiro que encontrava, concluiu que ser acordada para as realidades do amor, por um homem como o príncipe Frederick, seria para ela mais chocante do que ver um homem ser açoitado.

“Mas não há nada que eu possa fazer; portanto, não quero pensar sobre isso”, ele tentou convencer-se.

Porém, pela primeira vez na vida, teve dificuldade em controlar seus pensamentos e, por eles o perturbarem, evitou o mais que pôde a companhia de Clotilda.

Dois dias antes de chegar a Nápoles, ele a encontrou no salão.

Não havendo chance de se falarem em particular, pois todo o grupo estava reunido, logo que a refeição terminou ele deu uma desculpa e foi ao convés superior.

A vista de Nápoles era lindíssima, apesar da grande pobreza de seus habitantes.

A cidade elevava-se acima da baía natural e exibia todo seu esplendor. Quando chegaram no porto, o marquês deparou com Clotilda a seu lado.

Ela lhe disse, com certa cadência de alegria na voz:

— A última vez em que estive aqui, papai me chamou a atenção sobre

a luminosidade desta baía, diferente da de qualquer outro lugar do mundo. Contou-me também que os gregos notaram isso muito antes de os romanos chegarem aqui.

– Vejo que tem bastante cultura geral, lady Clotilda.

– Espero ser verdade o que diz; mas há muito mais que quero saber, há muito mais a aprender.

– Sempre pensamos assim, pois quanto mais aprendemos, mais ignorantes nos sentimos porque vemos que falta muito a aprender.

– É como o senhor se sente? – Clotilda indagou, curiosa.

– Claro – ele respondeu. – Sei que há muitos assuntos sobre os quais sou lamentavelmente ignorante, ou melhor dizendo, sei sobre eles apenas o suficiente para deduzir que devo aprender muito mais.

Ela riu e estava tão linda, que o marquês não pôde deixar de admitir que o homem que tivesse a ventura de lhe ensinar os segredos do amor teria para si uma tarefa ao mesmo tempo fascinante e de grande emoção.

Lembrou-se, então, de que o príncipe era alemão e de que os alemães não tinham a sensibilidade e a arte dos franceses. A maior parte deles achava que a única função das mulheres consistia em satisfazer os desejos dos homens, e não se esperava que elas possuísem qualquer traço de caráter ou personalidade próprios.

“Estou generalizando, o que é sempre uma atitude errada, pois o príncipe tem idade suficiente para saber que a aproximação de um homem a mulher jovem como lady Clotilda deve ser feita com suavidade, pensando mais nela do que nele mesmo...,” o marquês refletiu.

Mas o que lorde Toddington lhe dissera não saía de sua cabeça e rapidamente, para fugir dessas cogitações, apontou o Vesúvio a Clotilda.

Falaram sobre a lava que rolara da montanha, soterrando as cidades de Herculano e Pompéia, e comentaram sobre as interessantes escavações que haviam sido iniciadas recentemente.

Como a baronesa Von Kitzenstein não desejasse sair do navio devido ao aspecto um tanto sujo do porto à volta do cais, Clotilda não fez menção de ir à terra. Sentou-se no convés sob um toldo, apreciando a magnífica vista.

O marquês “esticou um pouco as pernas”, como ele mesmo se expressara, mas não foi longe e voltou logo ao navio onde o capitão o informou que poderiam zarpar na madrugada seguinte, e não haveria mais dificuldades na viagem até Balutik.

Mas desculpou-se por não poder unir-se ao grupo no jantar, por estar extremamente ocupado.

A baronesa entreteve Clotilda e o marquês contando-lhe as aventuras do marido quando embaixador em diferentes países, e como tinham sido felizes na França.

— Achei Paris tão alegre e civilizada! Mas nós, em Balutik, temos grande afinidade com os franceses. Não que sejamos tão cultos quanto eles, mas temos a mesma visão da beleza e, naturalmente, do amor! Sorriu, como se estivesse pensando no quanto o amor significara na vida dela.

O marquês viu uma expressão de medo nos olhos de Clotilda.

Alguma coisa a perturbava, ele notou. Mas não sabia o que poderia ser, e achou indiscreto perguntar.

A baronesa recolheu-se, e quando Clotilda foi também para o camarote, ele ficou sozinho.

Leu os jornais de Nápoles que tinham sido trazidos a bordo e, por estar muito quente dentro da cabine, foi ao convés.

Estava escuro, mas cada casa da cidade tinha uma luz acesa, e ele apreciou a beleza do cenário com as estrelas brilhando bem acima e a lua em quarto crescente como que subindo para o céu.

Depois, olhando para baixo do convés superior onde se encontrava, teve a impressão de que uma silhueta feminina abandonava o barco por uma prancha de desembarque, a mais inferior de todas elas.

Pensou, com uma críspação de lábios, que um dos marinheiros tinha acolhido uma mulher a bordo, o que era estritamente contra as leis germânicas. Contudo, essas coisas aconteciam às vezes.

A mulher usava um xale na cabeça e, ao vê-la andando com rapidez pelo cais, uma idéia estranha, ainda que ridícula, veio-lhe à mente.

Tendo observado Clotilda por tanto tempo, não poderia confundir com o de qualquer outra jovem aquele gracioso movimento de corpo ao andar.

Seguindo um impulso natural, dirigiu-se à prancha de desembarque do convés superior, utilizada apenas pelo capitão ou por pessoas de destaque a bordo do navio de guerra.

Havia marinheiros em serviço que o cumprimentaram quando ele apareceu.

O marquês de Weybourne declarou:

– Vou à terra para um curto passeio. Empreste-me o revólver!

O homem fitou-o surpreso, mas não se sentiu à vontade para discutir com um viajante tão distinto; especialmente com o marquês, que sempre falava de maneira autoritária, não admitindo ser contrariado.

O marinheiro tirou o revólver do coldre que levava à cintura e o marquês o escondeu no bolso do paletó.

Apressou-se em descer pela plataforma e saiu em perseguição à mulher que tinha um xale na cabeça.

Ela estava já quase fora do alcance da vista dele, pois o cais onde o navio estava atracado não era iluminado com profusão. Mas, com passos longos, o marquês conseguiu vê-la mais claramente em poucos minutos.

Então, apesar de não distinguir a face dela, não teve nenhuma dúvida de se tratar de Clotilda. Mas, para onde ia àquela hora da noite? Não possuía a mínima idéia.

Não podia acreditar que tivesse encontro combinado com um homem. Porém, por que descer do navio em Nápoles... especialmente em Nápoles, e desacompanhada?

Viu-a parar um pouco adiante e falar com uma senhora idosa.

Era óbvio que lhe fizera uma pergunta e a mulher, uma napolitana, conversou por algum tempo antes de apontar em direção a uma estrada, a alguns metros além.

Clotilda caminhava e o marquês a seguia até que, finalmente, quando ele começou a imaginar que estivesse enganado, ela parou e entrou por uma porta iluminada. Tratava-se de uma farmácia.

Pela janela viu-a conversando com um senhor idoso, postado atrás do balcão.

A loja era muito pequena e na vitrina havia grandes garrafas, cheias de água colorida.

No balcão podiam-se ver inúmeras gavetas pequenas com etiquetas do lado de fora, que ostentavam o nome dos produtos ali guardados.

Observando, concluiu que Clotilda pedira qualquer coisa que estava causando alguma dificuldade.

O farmacêutico foi obrigado a pegar uma escada e subir até alcançar a gaveta mais alta que encostava no teto, a fim de encontrar o produto solicitado.

Por fim, deu a Clotilda o que ela queria. O marquês a viu pagando

com o dinheiro que carregava numa pequena bolsa.

Ele se escondeu na sombra, ao lado da porta, para que ela não o visse ao sair.

Clotilda retirou-se e despediu-se do dono da farmácia, dizendo:

— Boa noite e obrigada, *signor*. Sou-lhe muito grata.

Falou em italiano e o farmacêutico respondeu:

— Tenha bastante cuidado, *signoriny*, e não use mais do que lhe recomendei.

— Eu sei, não vou esquecer *signor*. E mais uma vez, muito obrigada.

Saiu da loja, fechou a porta e começou a descer a colina em direção ao cais.

Não tinha andado muito quando um homem se aproximou dela.

Ele parou defronte de Clotilda e o marquês parou também, não desejando interferir a menos que fosse absolutamente necessário.

Alguns segundos depois, viu-a tentando escapar do homem, mas ele a alcançou e segurou-a pelo braço.

Ela gritou e o marquês ouviu-a, implorando:

— Deixe-me ir! O senhor não tem direito de me impedir! Nesse momento o intruso a tinha bem segura e a arrastava na direção de um lugar deserto, sem casas e em plena escuridão. Clotilda lutava e gritava apavorada, mas o homem era forte e ela estava completamente à mercê dele.

— Largue essa mulher! — o marquês ordenou com firmeza, falando em italiano.

Foi uma surpresa tanto para Clotilda quanto para o assaltante.

Por alguns segundos, ambos ficaram imóveis.

Depois, vendo o revólver na mão do recém-chegado, o homem, um indivíduo grosseiro de baixa classe, virou-se e fugiu.

Clotilda atirou-se nos braços do marquês e tremia como no dia em que vira o marinheiro ser açoitado.

Ele passou o braço em volta dela e, assim que viu o assaltante desaparecer na escuridão, guardou o revólver no bolso.

Clotilda recostou a cabeça contra o ombro do marquês. O xale que a cobria havia caído por causa da luta e o luar envolvia seus cabelos claros.

— Como pôde fazer essa loucura, esse passeio absurdo, vindo aqui sozinha? — O marquês falou severamente, como se repreendesse uma criança.

Clotilda respondeu:

– Eu queria comprar uma coisa...

– Vamos voltar ao navio – quando ele falou, Clotilda ergueu a cabeça e olhou em direção ao mar.

Com o braço do marquês ainda na cintura dela, desceram a colina, sempre andando no centro da estrada para evitar os cantos escuros.

– Que precisava comprar? – ele perguntou, finalmente. Após certa hesitação, Clotilda respondeu:

– Não posso dizer...

– E por que não?

– O senhor ficaria... bravo comigo...

– E se importa muito que eu fique?

– O senhor... vai pensar que sou... covarde!

– Não posso pensar que seja covarde, considerando que teve coragem de andar por Nápoles sozinha. Mas acho que foi imprudente e vai me prometer que não fará isso outra vez.

– Vamos partir amanhã.

– Não é essa a resposta que quero ouvir. Não desejo brigar com você, Clotilda, mas insisto que me conte o que comprou.

Falou gentilmente e nenhum dos dois notou que ele mudara o tratamento para uma forma mais íntima, omitindo o título a que Clotilda tinha direito.

Caminharam por algum tempo antes de ela dizer, quase num sussurro:

– Apenas comprei uma coisa... para usar em último caso se não puder aguentar minha vida em Balutik...

– Que quer dizer com “minha vida em Balutik”?

– Minha vida de casada...

Chegaram na ponta do cais e o navio já estava à vista, quando o marquês parou.

Pôs ambas as mãos nos ombros de Clotilda e forçou-a a olhar para ele.

O luar batia no rosto dela e o marquês viu, quando a fitou, que ela estava muito linda no seu nervosismo, quase etérea... como se não fosse real e estivesse prestes a desaparecer.

Ele fez um esforço e arriscou uma pergunta:

– Está tentando me dizer que comprou veneno? Ele sabia a resposta

de antemão.

— Mas, por quê? — ele indagou, com tristeza. — Por que isso, agora? Que aconteceu recentemente, que a está perturbando ainda mais? — Ela não respondeu mas ele insistiu: — Diga-me o que houve!

— É que me assusta pensar sobre uma coisa que tia Augusta me revelou... e Greta também!

— O que lhe disseram? Quero saber.

Clotilda fez menção de escapar, mas as mãos dele a mantinham presa, impossibilitando uma fuga.

— Conte-me tudo! — o marquês repetia. — Sou seu amigo e se quer que a ajude, precisa me contar o que a aflige.

— O senhor achará tudo... uma bobagem... — Clotilda abriu-se afinal. — Eu sou muito ignorante no que se refere a casamento, porque mamãe morreu quando eu era... muito pequena. Não sei o que um homem e uma mulher fazem... quando se amam, mas tia Augusta me recomendou que não esquecesse que meu marido é... meu senhor e, ainda que faça coisas que me desagradem, tenho que aceitar pois não há nada que possa fazer para evitar... — falou com voz trêmula e ofegante, gaguejando.

— E que disse sua empregada? — o marquês inquireu.

— Ela não me disse nada claramente, mas eu adivinhei. O príncipe teve por muito tempo um envolvimento com... a patroa dela, que era dama de companhia de sua primeira esposa... — Deu um soluço e continuou: — Nunca imaginei... que se pudesse ter esse tipo de comportamento sendo casado... E também tenho medo de que... se eu o desapontar ele me bata... pois os marinheiros disseram que isso é algo que ele gosta de fazer!

Agora o marquês sabia toda a verdade. Essa história era bem diferente da que ela lhe contara antes pois, por embaraço, havia narrado apenas parte da verdade.

Ele pensava com desespero sobre o que fazer, quando Clotilda murmurou, humildemente:

— Sei que me considera uma covarde... o que na verdade eu sou... Mas comprei o veneno porque, se minha vida se tornar insuportável, posso morrer em paz e ir para junto de meu pai!

O marquês percebeu que ela estava quase desmaiando, devido à intensidade das revelações, além de estar apavorada.

— Falaremos sobre isso amanhã, Clotilda. Agora vamos voltar ao

navio. Ninguém, ninguém mesmo deve saber que você foi à terra sozinha! Você me entende? Nem a baronesa, nem sua empregada! E vamos esperar que pessoa alguma a tenha visto desembarcar.

– Nunca imaginei que alguém pudesse me ver!

– Há sempre marinheiros guardando o navio à noite e, como são de Balutik, você sabe melhor que qualquer outro como espalham notícias e como comentam.

– É verdade, confesso que fui tola e imprudente. Quando se aproximaram da prancha pela qual o marquês saía do navio, ele sugeriu:

– Acho interessante você me dar o braço. Vamos conversar alegremente, como se estivéssemos nos divertindo e passeando pela praia. Aproveitávamos o ar fresco da noite e não fazíamos nada de condenável. – Clotilda tremeu ao ouvir essas palavras.

Conduzindo-a ao navio, o marquês de Weybourne teve consciência de como ela era jovem e indefesa. Mas, ao mesmo tempo, sentiu-se indefeso também, sem armas para lutar.

“Tenho que fazer alguma coisa!”, ele disse a si mesmo. “Mas o quê, meu Deus?!”

CAPÍTULO V

Após os reparos em Nápoles, o navio parecia mover-se com mais velocidade que antes, considerando-se também que o mar estava muito calmo.

O conjunto desses dois fatores fez com que o capitão se dirigisse ao marquês, com um tom de confiança na voz:

– Não vamos ter mais grandes dificuldades como pensei, milorde!

Mas o marquês sim, esse teve dificuldade em conciliar o sono, não somente na noite em que estivera com Clotilda, como na seguinte.

Queria com veemência que um milagre os impedisse de chegar a Balutik.

Soube com exatidão, pelo major Bernstein, o que fora planejado. Ele explicou:

– Como infelizmente vamos ter que passar pela Albânia, milorde, haverá talvez alguns aborrecimentos quando o navio atracar nas docas. Aliás, duvido que autoridades albanesas compareçam ao cais.

– Que tipo de problemas Sua Alteza tem com a Albânia? – o marquês indagou.

O major sacudiu os ombros.

– Os albaneses são cansativos, como também são, pela mesma razão, os habitantes de Montenegro e da Sérvia; isto é, quando se discute sobre a defesa do país contra agressores.

O marquês não duvidava que o príncipe Frederick, como todo bom alemão, tinha a intenção de pôr seu país em clima de guerra, enquanto os outros estados balcânicos desejavam viver em paz e prosperidade, sem se preocuparem com situação tão desagradável como a de uma guerra.

Por prudência, o marquês não disse nada e o major continuou:

– Haverá apenas um pequeno destacamento de soldados esperando por nós, mas nenhum dignitário importante de Balutik comparecerá até que completemos metade da viagem por terra. Então, chegaremos a um castelo onde vamos passar a noite.

O marquês demonstrou surpresa e disse, após ligeira pausa:

– Não poderia imaginar que nem ao menos o ministro de Relações

Exteriores estivesse lá para receber lady Clotilda!

Num tom ditatorial, que irritou profundamente o marquês o major respondeu:

— É importante que o senhor entenda que Sua Alteza Real tem encontrado muita hostilidade nos governos da Albânia e de Montenegro. Não deseja dever favores a eles, por esse motivo.

— Não, claro que não — o marquês concordou de maneira suave, pois percebeu que tocara num ponto sensível. — Mas continue com a explicação sobre o que foi planejado.

— Devemos seguir o mais rápido possível pelo desfiladeiro entre as montanhas até o castelo, que dista mais ou menos dez milhas de Balutik. — Depois, com certa imponência, acrescentou: — Ali, lady Clotilda encontrará o primeiro-ministro, o ministro de Relações Exteriores e os generais comandantes das Forças Armadas.

— E o príncipe Frederick? — o marquês quis saber.

— Sua Alteza Real receberá a futura esposa assim que ela puser os pés no solo de Balutik. Seguirão em cortejo até o palácio, ladeados pelas tropas e pelo povo da cidade.

O marquês teve ímpetos de perguntar se o povo aclamaria as autoridades espontaneamente ou se sob estritas ordens, mas se absteve de entrar em terreno perigoso e aceitou os planos sem comentários.

Mas estava bastante apreensivo em relação a Clotilda.

Depois da noite em que ela comprara o veneno em Nápoles, não teve mais chance de estar a sós com Clotilda, pois a baronesa ou Greta a acompanhava sempre.

O major Bernstein, em sua típica maneira germânica, preparava Clotilda para a recepção em Balutik, o que a fazia ainda mais assustada e nervosa.

Clotilda estava tão pálida e exausta quando voltara ao navio naquela noite fatídica, que o marquês se limitara a conduzi-la ao salão, a dar-lhe alguma coisa para beber.

Dissera apenas:

— Vá dormir, Clotilda! Não há nada mais cansativo do que alguém estar emocionalmente e fisicamente amedrontado... Mas tenho certeza de que sua previsão para o futuro é pior do que a realidade dos fatos.

Sabia que estava mentindo para confortá-la, porém nada mais podia

fazer. Mas notou que Clotilda se esforçava quando sorria para ele, visivelmente preocupada.

— Obrigada por ser tão... amável — ela havia murmurado, desanimada.

Ainda segurando com força o frasco de veneno em uma das mãos, Clotilda entrara em seu camarote, fechando a porta.

No dia seguinte, quando o marquês viu as profundas olheiras de Clotilda, concluiu que ela já pagava um alto preço por suas emoções e seria aconselhável não tornar as coisas ainda piores falando sobre o assunto da noite passada...

Em vez disso entreteve-a com uma conversa interessante e agradável, e alegrou-se ao ver que ela correspondia ao seu esforço.

Ele não se esquecia, nem por um segundo, de que as horas corriam rápidas, e muito breve abandonariam o navio. Então, as grades da prisão começariam a fechar-se em volta dela.

Tentava convencer-se de que ele nada tinha a ver com isso, não era seu problema afinal. Mas, na escuridão do próprio camarote, ouvindo o som dos motores que levavam o barco inexoravelmente adiante, teve a sensação de que não havia chance alguma de salvá-la.

“Oh! Meu Deus, só um milagre pode fazer isso!”, ele pensou.

Ao mesmo tempo, espantou-se ao ver como estava furioso.

A costa da Albânia era majestosa com seus altos penedos e os cumes das montanhas ainda mais elevados, dominando os rochedos do litoral.

Drina era um pequeno porto, como o marquês imaginara. Havia cabanas de pescadores ao longo da praia e alguns edifícios governamentais, por sinal bastante feios.

Como o major Bernstein antecipara as autoridades do país não foram recepcioná-los; mas os soldados de Balutik, com suas fardas coloridas, chamavam a atenção pela elegância, ainda que um tanto teatral.

Ouviu-se um grande ruído de tinir de botas, movimento de armas, e salvas de tiros, quando Clotilda, seguida pelo marques, desembarcou.

O major Bernstein apresentou-lhes o mestre-de-cerimônias e, logo após, o hino nacional de Balutik foi executado por uma pequena banda, lentamente e em ritmo quase fúnebre.

Quando Clotilda terminou de passar revista nas tropas, com o marquês a alguns passos atrás, as carruagens já estavam prontas para iniciar

viagem.

Para sua grande surpresa, ela e o marquês foram colocados juntos no primeiro veículo, com o major Bernstein e o mestre-de-cerimônias no assento oposto.

— E onde está a baronesa Von Kitzenstein? — Clotilda indagou.

O marquês olhou para o navio e enxergou-a descendo a prancha de desembarque com muita dificuldade, sendo ajudada por alguns homens.

— Ela virá na próxima carruagem — o marquês esclareceu.

— Não se sente nada bem — Clotilda confidenciou. — Até sugeri que ficasse a bordo em vez de nos acompanhar, mas ela não concordou.

— Vai melhorar — o marquês garantiu. — Ouvi dizer que o castelo não fica muito distante.

— É o que o major também me informou, mas está situado no alto de uma colina e Greta disse que a estrada é horrível.

Outra vez, não havia nada a fazer e o marquês apenas verificou que a baronesa Von Kitzenstein estava sendo conduzida para uma carruagem exatamente igual à deles.

Mais atrás, um veículo comprido levava as bagagens além de Havers e Greta.

O marquês supôs que a escolta seguisse marchando, ladeira acima, até o castelo. Mas constatou, com surpresa, que ela ia em dois veículos munidos de cremalheira para a subida da montanha, um evidente sinal de eficiência germânica, ele não podia deixar de reconhecer.

Seguia, no final do cortejo, uma carroça aberta na qual, para divertimento do marquês e aborrecimento do major, havia um grupo de jovens, meninos e meninas, da cidade de Drina.

Eles tinham estado observando a chegada de Clotilda e demonstravam curiosidade e excitação pela presença dos soldados.

Estavam ansiosos para testemunhar o que iria acontecer. Mas depois de viajarem por certo tempo, quando o major verificou que eles ainda continuavam lá, exclamou irritado:

— Espero que logo se aborreçam de nos acompanhar. Nunca pensei que tivéssemos que tolerar tamanho ultraje.

— Talvez seja um novo divertimento para eles — o marquês opinou, de muito bom humor.

O mestre-de-cerimônias, que compartilhava da mesma carruagem,

manifestou seu dissabor, dizendo:

— Por instruções de Sua Alteza Real despendemos todos os esforços no sentido de que nenhum dos habitantes, dos países pelos quais tivéssemos que passar, soubesse que sua noiva estava chegando.

— Por quê? — o marquês inquiriu, abruptamente.

— Sua Alteza Real achou que seria incorreto lady Clotilda ser aclamada por outra nação antes de chegar à nossa.

O marquês concluiu, por sua própria conta, que a razão era outra: o príncipe, sabendo como os albaneses eram impetuosos, teve medo de que eles ofendessem Clotilda por causa da pessoa com quem ia casar.

Mas, apenas disse em voz alta:

— Sempre soube, pois estive no exército, que a farda do militar exerce uma atração irresistível nas jovens do sexo feminino, e espero que seus soldados estejam recebendo toda a atenção e que lady Clotilda passe completamente despercebida.

— Assim espero — o major Bernstein replicou. — Sua Alteza Real ficaria muito aborrecido se soubesse o que se está passando.

— Imagino que não haveria razão para alguém lhe contar. Não se preocupe com isso.

O major encarou-o com desprezo, achando ser esse um ponto de vista tipicamente britânico em relação a um fato que, na realidade, significava uma quebra de etiqueta e de ordens recebidas.

Continuaram a viagem em silêncio e o marquês percebeu que Clotilda olhava pela janela da carruagem, melancólica.

“Talvez esteja pensando em como seria delicioso cavalgar Swallow, em vez de permanecer confinada num veículo com tão pouco ar e menos sol ainda. .” ele deduziu.

E concluiu que sua suposição era certa, quando viram alguns cavalos pastando ao lado da estrada e ela fitou-o, sorrindo.

Greta também estava certa quando informara que o caminho era ruim. Logo que se afastaram do porto e começaram a subir, o marquês pôde ver que teriam uma viagem vagarosa e cansativa pela frente.

A estrada sofrerá erosão devido às enchentes da estação chuvosa, e também às avalanchas de neve derretida que desciam pelas montanhas no início da primavera.

As rodas da carruagem passavam continuamente por cima de pedras

enormes espalhadas pelo leito da estrada e, ou Clotilda era jogada contra o marquês ou ele contra ela. No fim da viagem teria por certo contusões no braço, ela observou.

Clotilda estava muito linda, Greta lhe dissera, com seu vestido esportivo e um casaco da mesma fazenda.

A saia rodada ocupava grande espaço na carruagem, mas havia ainda lugar para as longas pernas do marquês.

Apesar de estar usando roupas comuns de um cavalheiro inglês, Clotilda achava-o bem mais atraente e elegante que os dois alemães, com seus uniformes superelaborados e uma enorme quantidade de medalhas reluzentes.

Depois de algum tempo de viagem e pouca conversa, todos permaneceram silenciosos. Finalmente, quando alcançaram o que pareceu ser quase o topo da colina, os cavalos foram levados para um descanso.

O major e o mestre-de-cerimônias saíram do carro para providenciar alguma bebida. Serviram também sanduíches não muito apetitosos, que Clotilda recusou.

Logo que ficaram a sós, ela disse ao marquês:

— Acho esta parte da viagem bem mais desconfortável que a da baía de Biscaia!

O marquês riu.

— Na verdade, não é um mar de rosas mas, como você é bom marinheiro, tenho confiança de que não vai enjoar.

Ela não respondeu e enquanto bebia o vinho, de má qualidade, na opinião do marquês, fitou-o com seus grandes olhos num rosto muito pálido.

Balbuciou:

— No caso de... não ter oportunidade de fazê-lo mais tarde.. . quero lhe agradecer pela sua bondade comigo...

— Assim você me deixa sem jeito, Clotilda, e se não fui bastante amável de início, é porque não entendia o que se passava.

— E entende... agora?

— Claro que sim e lhe desejo toda a felicidade possível. Clotilda desviou a vista e o marquês concebeu, sem que ela abrisse a boca para responder, ser impossível a ela ter qualquer felicidade.

— Tente levar sua própria vida... — ele aconselhou. — Tenho certeza de que entre os habitantes de Balutik haverá muitas senhoras encantadoras e

simpáticas talvez homens até, com quem possa fazer amizade.

— Isso é o que espero — Clotilda sussurrou. — Mas a baronesa confessou, por insistência minha, que quase todos na corte são alemães e que os nativos de Balutik se sentem oprimidos pela atmosfera germânica reinante no governo. Consideram também um insulto serem proibidos de falar a língua do país.

— Talvez seja alguma coisa para você modificar — o marquês sugeriu.

Falou só por falar, pois não achava possível que Clotilda, sendo tão mais jovem que Frederick, pudesse alterar qualquer hábito, por mais insignificante que fosse.

O marquês sentia-se impotente. Era a primeira vez na vida em que se defrontava com um problema para o qual não via solução. Isso lhe desagradava profundamente.

Após razoável pausa, o cortejo prosseguiu.

— Devemos chegar no castelo onde pernoitaremos, se tudo correr bem, às três horas mais ou menos — o major informou. — Foi providenciado um lauto jantar que será servido cedo, razão pela qual Sua Alteza não achou necessário pararmos no caminho por muito tempo.

— Imagino que vamos estar famintos até lá — o marquês protestou, secamente.

— Há sanduíches e vinho à vontade, para o senhor e para lady Clotilda. É só pedir — ao dizer isso, havia um tom de desprezo na voz do major.

No fundo ele desaprovava o marquês por ser tão fraco a ponto de necessitar de alimento numa viagem de serviço.

Este último apenas esticou as pernas o mais que pôde e fechou os olhos.

Ele pensava consigo mesmo que o castigo da rainha já devia estar repercutindo por toda Londres agora e se alegrava pelo fato de Sua Majestade não ter a satisfação de saber o quanto a viagem lhe desagradava e nem por quantos dissabores teria que passar até o fim da jornada.

Sentado ao lado dela, via como Clotilda parecia tensa e, apesar de não falar nada, tinha um ar de apreensão em sua fisionomia.

“Por que diabo eu fui envolvido em tudo isso?”, ele se questionou.

Lembrou-se então de que o que estava acontecendo era devido ao duelo que disputara por causa de Sheila Castleton e, por incrível que pudesse

parecer, no momento nem se recordava das feições dela.

Passo a passo os cavalos punham o máximo de esforço, as rodas da carruagem sacudiam sobre as pedras e, à medida que subiam, as terras que ladeavam a estrada tornavam-se mais agrestes e isoladas.

De súbito, quando todos estavam quietos e sonolentos, o som de um tiro de espingarda, logo após seguido de outro, fez com que o marquês abrisse os olhos.

Foi tudo tão inesperado que, de início, ninguém se moveu.

Então, o comandante-em-chefe das tropas pulou para um lado da carruagem e o major para o outro.

Quando o marquês se propôs a segui-los, viu o major cambalear contra o carro e percebeu que estava ferido no braço.

Pensou em Clotilda, imaginando como estaria assustada; pondo o braço em volta dela, puxou-a para o chão do veículo, junto com ele.

Nesse exato momento, uma bala atingiu a janela e estilhaços de vidro se espalharam sobre eles.

— Que... está acontecendo? Quem atira em nós? — Clotilda perguntou.

— Não tenho a mínima idéia — o marquês retrucou. — Mas desconfio que Sua Alteza Real tenha angariado um bom número de inimigos neste pedaço de mundo; é essa a razão pela qual viajamos de maneira tão disfarçada.

Ouviram nessa hora o comandante-em-chefe dando ordens de ataque.

Esse comando foi seguido por uma saraivada de balas.

De repente, gritos de mulheres encheram o ar e o marquês deduziu que vinham da carroça dos adolescentes, que ainda os seguia.

Ele fez um movimento para levantar-se mas Clotilda segurou-o suplicando:

— Não me abandone!

— Não, claro que não — ele respondeu. — Penso que se trate de pequeno tumulto e, como sabe, temos muitos soldados para nos proteger.

Houve mais tiroteio seguido de um silêncio precursor de mau agouro quando, repentinamente, alguém abriu a porta da carruagem.

O marquês levantou-se devagar e pôde reconhecer, de imediato, o tipo de bandidos que os atacavam.

Encarando-os havia dois homens que ele teria identificado cm

qualquer lugar do mundo sem precisar de informação: eram assaltantes de estrada.

Com casacos felpudos de pele de carneiro, sobre roupas que se assemelhavam ao traje típico da Albânia, ambos usavam cintos largos repletos de facas e pistolas.

Cada bandoleiro carregava um rifle no ombro e um revólver na mão.

Numa linguagem incompreensível ordenaram ao marquês e a Clotilda que abandonassem a carruagem, o que só foi possível entender pelos gestos que faziam.

Quando o marquês, após obedecer à ordem, olhou ao redor, ficou atônito ao ver a quantidade de bandidos que os cercavam.

Havia de trinta a quarenta bandoleiros, alguns ao lado da estrada, outros em plano mais elevado, numa posição de vantagem para ataque, de onde fora fácil preparar uma emboscada à expedição.

O cocheiro do carro que transportava Clotilda e os demais estavam feridos; muitos soldados jaziam no solo, aparentemente mortos. O carro que levava as bagagens, e também Havers e Greta, estava sendo saqueado.

Uma dúzia de salteadores arrastava os baús pelo chão e os abria à força com facas amoladas, jogando para fora o conteúdo dos mesmos na tentativa de encontrar algum objeto de valor.

O marquês deu uma vista de olhos ao redor e notou que a carroça que conduzia o grupo de jovens havia sido virada e permanecia com as rodas para o ar.

Os meninos e meninas, terrivelmente amedrontados, foram organizados em grupo ao lado da estrada.

Foi uma cena aterrorizante.

O marquês não se admirou quando Clotilda, segurando-lhe a mão com as suas, perguntou num sussurro cheio de medo:

— Que vamos fazer?

— Não há nada que possamos fazer — o marquês respondeu, com calma aparente. — Você por acaso entende o que eles dizem?

— N-não... Penso que sejam albaneses. Papai costumava dizer que as hordas de bandidos dessa parte da Europa são muito ferozes.

— É o que aparentam ser!

Os assaltantes revistaram a carruagem por completo, à cata de coisas valiosas, antes de se dirigirem a eles.

Apontaram para o relógio e corrente do marquês e este entregou-lhes as jóias de pronto.

Depois, um deles colocou o revólver no pescoço de Clotilda e ela, sem hesitar, deu-lhe o colar de ouro, presente de casamento que estava usando nesse dia por combinar com seu novo traje.

O marquês foi obrigado a esvaziar os bolsos e uma carteira que continha algumas libras de ouro. Tudo foi para o bolso de um deles, incluindo um alfinete de brilhantes do formato de uma ferradura.

Depois de curto espaço que pareceu uma eternidade, surgiu o líder de todos eles.

Era evidente ser o chefe do grupo, pois os salteadores viraram-se para a direção dele, com ar de grande respeito. Tratava-se de um indivíduo de aspecto bastante atraente.

Mas parecia também assustador.

Tinha um bigode avantajado e crespo, cabeleira farta e escura, e uma expressão de grande autoridade. Sua voz era profunda e ressonante, e cada palavra que saía de sua boca vibrava como um toque de clarim.

Deu as primeiras ordens aos bandidos a cargo do grupo de jovens. Evidentemente mandara-os subir a montanhas, pois todos se dirigiram para cima, através de um atalho íngreme, ao lado da via principal.

Depois, o chefe aproximou-se de maneira arrogante da pilha de roupa que tinha sido jogada para fora dos baús.

Clotilda viu seus vestidos novos, que tinham custado tanto dinheiro e que haviam sido escolhidos com cuidado especial pela condessa Lakidik, serem atirados para um lado da via empoeirada enquanto os bandoleiros apreciavam com entusiasmo os presentes de casamento.

Os jogos de prata para aperitivos brilhavam à luz do sol e os impressionaram de modo especial. Foram postos dentro de um saco por ordem do líder.

Ficaram também muito extasiados com o estojo de viagem do marquês, particularmente por ser de pele de crocodilo.

Pegaram as escovas de cabelo de cabo de ouro e os frascos de tampas douradas e os agitaram no ar, com grande excitação.

Greta segurava a maleta com as jóias de Clotilda.

Não havia muitas, mas os ladrões se deliciaram com o broche de diamantes, presente dos tios, e com algumas jóias sem grande valor, que

foram dadas por outros parentes.

O chefe expediu mais ordens e, em consequência, Greta e Havers foram levados por um grupo deles. Lançaram um olhar de desespero para o marquês e Clotilda, antes de partir.

— Para onde... vão? Que acontecerá a eles? — Clotilda indagou.

— Não tenho a mínima idéia — o marquês respondeu. — E não podemos fazer nada, além de ficar quietos aqui.

Nessa hora, o chefe acercou-se da carruagem da baronesa Von Kitzenstein.

Clotilda estava apreensiva pelo fato de ela viajar sem a companhia de outra senhora, pois ia escoltada só por dois oficiais, selecionados entre os soldados da tropa.

Ambos eram extremamente jovens, tendo apenas atingido o posto de tenente.

Um deles continuava em pé, ao lado do carro. O outro, que se juntara aos demais soldados, jazia imóvel no chão, com a perna ferida.

O assaltante-chefe olhava para dentro da carruagem e como a baronesa se demorava em sair, Clotilda imaginou que ele talvez estivesse levando em consideração a idade, que não permitia que ela o obedecesse imediatamente.

Como ele continuasse examinando com atenção o interior do carro, um terrível pressentimento se apoderou de Clotilda. Ela perguntou ao marquês:

— O senhor acha que o choque do tiroteio... acrescido ao cansaço da viagem... possa ter sido demais para ela?

Devido à urgência da pergunta o marquês fez menção de se dirigir ao veículo, mas os dois homens que tomavam conta dele o ameaçaram com revólveres.

Nada se pôde fazer até que o chefe veio ao encontro de Clotilda, com passos lentos.

Lançou um olhar hostil ao marquês.

— O senhor entende o que falo? — este último indagou, em alemão.

Não houve resposta e, numa tentativa de se fazer compreender, Clotilda repetiu a mesma pergunta em sérvio, romeno e na língua de Balutik.

O líder não entendeu nada, ou fingiu não entender.

Limitou-se a sacudir a cabeça e a dar uma ordem aos bandoleiros que,

fazendo um gesto com o revólver, mandaram Clotilda e o marquês caminharem na frente enquanto eles seguiam atrás, apontando as armas.

— Tenho que verificar o que houve com a baronesa, quero fazer alguma coisa por ela, se possível — Clotilda implorou.

O marquês apontou para a carruagem atrás deles e, com uma mímica eloquente de mãos, perguntou se poderiam ver a baronesa.

Dessa vez, o chefe dos bandidos entendeu.

Disse apenas uma palavra e, mesmo que Clotilda e o marquês não entendessem o significado da mesma, adivinharam o que acontecera.

A velha senhora estava morta.

— Ela me confessou que tinha um coração fraco, e sofria de dores desde o dia em que ficou doente... na baía de Biscaia... — Clotilde murmurou muito baixo, bastante comovida.

Pousou sua mão na do marquês, que a consolou:

— Ela era muito idosa. Nunca deveria ter sido designada para uma aventura dessa natureza, mas estou certo de que não padeceu ao morrer. Um ataque cardíaco é rápido e chega a ser uma bênção, principalmente numa circunstância como esta.

— Ela insistiu em vir conosco... hoje.

— Nada que você lhe dissesse poderia fazê-la mudar os planos preestabelecidos — o marquês replicou. — Tinha as ordens do príncipe Frederick, e faria tudo ao alcance dela para cumpri-las — ao falar, o marquês lembrou-se de ter visto o major caído no lado oposto ao que eles utilizaram para sair da carruagem.

Olhou para trás mas não pôde vê-lo do lugar onde estava.

Como havia grande número de bandidos movimentando-se entre os carros e soltando os cavalos dos varais das carroças, supôs que mais cedo ou mais tarde tomariam alguma medida em relação aos feridos.

No presente momento preocupava-se particularmente em não irritar o chefe deles, que apontava a arma em suas costas enquanto andavam.

Era uma ladeira bastante escarpada, difícil para Clotilda mas não para o marquês, que por ser bom atleta não achou nada exaustivo galgá-la e podia avançar com a mesma agilidade dos assaltantes, acostumados que estavam a escalar montes em solo pedregoso, o que aliás faziam como verdadeiros macacos.

Subiram por tempo bastante longo até que, do topo da colina viram,

para grande surpresa deles, uma grande construção inteiramente branca.

Não parecia ser o quartel dos marginais e, observando melhor, o marquês concluiu tratar-se de um mosteiro.

Clotilda, tendo o mesmo pensamento, falou assustada:

— O senhor acha... que mataram todos os monges?

— Duvido muito — o marquês replicou. — Num grupo tão grande como o deles, deve haver alguns católicos.

— Ah! É claro... — ela concordou, com um suspiro de alívio. — E, se houver monges aqui, poderemos pedir-lhes que enterrem a baronesa.

— Espero só que possamos falar a língua do local!

— Estou arrependida por não ter aprendido albanês — Clotilda sussurrou. — Papai podia falar muito bem, mas nunca me interessei por esse idioma.

— Vamos torcer para que haja alguém mais civilizado, quando chegarmos ao mosteiro.

Dez minutos mais e entraram num grande pátio interno. Não havia dúvida de que, se não tinham matado os monges, por certo tomavam conta de todo o mosteiro.

Isso foi confirmado quando o marquês viu o chefe dos assaltantes, que caminhava vitorioso na frente, parar na entrada do pátio e emitir um alto brado.

Devia ter sido um grito de comando, pois três monges muito velhos, vestidos com hábitos brancos, apareceram em resposta a essa ordem.

Podiam entender a língua dos marginais, pois o líder conversou por alguns minutos, gesticulando em direção ao lugar de onde tinha vindo.

— Com certeza pede auxílio para socorrer os feridos — Clotilda falou, esperançosa.

— Espero que sim — o marquês concordou. — Mas em vez de nos preocupar com eles, vamos nos cuidar e procurar uma pessoa com quem possamos falar. Aos poucos, o pátio foi se enchendo de gente; primeiro os jovens da cidade de Drina que se amontoavam num canto, dando-se as mãos, apavorados. Em outro canto ficavam os soldados não feridos. Foram despojados de suas armas e também, por razão desconhecida, de seus capacetes.

Pareciam humilhados, envergonhados pelo fraco desempenho de sua missão e o único oficial sobrevivente era o jovem tenente, que escapara

incólume.

Passando uma vista d'olhos ao redor, o marquês viu que Havers e Greta tinham sido trazidos para o mesmo lugar, e formavam um grupo independente como se não pertencessem a nenhum dos outros dois.

Os salteadores, carregando o conteúdo das bagagens, começaram a chegar. Tinham os braços cheios de utensílios de prata, escovas de ouro, tinteiros, torradeiras etc. Clotilda comparou-os aos funileiros ambulantes, comuns em feiras de lugarejos pouco importantes.

Então, o marquês manifestou-se num tom de voz que ressoou por todo o local:

– Quero falar com o abade, com o superior deste mosteiro! Por se tratar de uma atitude inesperada, todos o fitaram surpresos.

O chefe dos bandidos, de sobrolho carregado, caminhou em direção a ele.

Clotilda amedrontou-se, achando que os dois poderiam se agredir fisicamente. Por isso acercou-se do marquês e colocou ambas as mãos no braço dele.

O chefe parou e, em vez de fitar o marquês, encarou-a.

Encheu-se de admiração ante o que viu diante de si. Mudou por completo a expressão do olhar; não tinha mais aquele aspecto frio e assustador.

Mas, sabendo-o perigoso, Clotilda aproximou-se ainda mais do marquês.

Para sua consternação, o líder tentou tocá-la.

Nesse instante, vindo da escada em frente a uma grande porta no fundo do pátio, apareceu um monge.

Mais tarde, relembando os fatos, o marquês admitiu nunca ter conhecido um indivíduo com tamanha força espiritual e indiscutível carisma. Todos se calaram para ouvi-lo.

O abade era muito idoso mas, mesmo assim, do momento em que ele apareceu, um pesado silêncio caiu sobre todos os presentes e era impossível olhar para outra pessoa que não fosse ele.

Até o chefe dos assaltantes calou-se. O marquês resolveu agir; atravessando o pátio rapidamente, foi para perto do abade, julgando que ele fosse de origem italiana, apresentou-se nessa língua.

– Reverendo padre, sou o marquês de Weybourne e vim da Inglaterra

para representar Sua Majestade a rainha Vitória e o príncipe consorte no casamento...

Antes que pudesse terminar, o abade pôs os dedos nos lábios num gesto que significava silêncio.

Depois, em voz muito baixa que só o marquês podia ouvir, disse em italiano;

— Não diga nada! É perigoso!

Falando alto novamente, expressou-se em albanês e era evidente, pelo tom de voz, que estava informando os bandidos sobre o que pretendia fazer.

Em seguida, disse ao marquês e a Clotilda:

— Venham comigo!

Foi na frente deles, entraram por uma porta no extremo do pátio e chegaram num recinto quieto e agradável. Continuando, foram dar na clausura de onde se podia ver a capela, através de uma porta entreaberta.

O abade os conduziu a uma pequena sala onde havia uma escrivaninha, algumas cadeiras e, na parede, um grande crucifixo.

O marquês fechou a porta e o abade convidou-os a entrarem, enquanto ele se acomodava na escrivaninha.

— Agora, meus filhos, vocês precisam entender que estão vivendo uma situação muito delicada — ele aconselhou-os, sempre falando italiano.

— Sei que os marginais nos aprisionaram por causa do resgate — o marquês replicou. — E estou pronto a pagar qualquer quantia pela liberdade da senhora que me acompanha, como também pela de todos os membros de nosso grupo.

— Isso, claro, é o que eles esperam — o abade confirmou.

— Mas deixe-me pedir-lhes que não revelem, o que suspeito ser verdade, que a senhora a seu lado é a noiva escolhida pelo príncipe Frederick de Balutik.

— O senhor sabia disso? — o marquês indagou, espantado.

— Eu sabia — o abade respondeu. — Mas esses bandidos chegaram apenas ontem do sul; não sabem de nada.

— Portanto, não era intenção deles sustar o cortejo?! — o marquês exclamou.

— Penso que não tenham a mínima idéia de que alguma coisa diferente esteja se passando em Balutik ou em outro lugar desta área.

— E o senhor acha prejudicial para nós declarar quem eu sou e que

esta senhora é a noiva de Sua Alteza Real?

— A resposta a essa pergunta é bastante simples... — o abade explicou. — Há, estou certo, dois ou três anarquistas no grupo de bandoleiros, os quais, por sinal, estão sendo procurados pela polícia por crimes cometidos em vários locais da Europa.

Clotilda deu um grito, aterrorizada.

Não desconhecia que os anarquistas desejavam destruir a monarquia indiscriminadamente, sem se importar a que país pertencesse.

— Eu entendo... — o marquês expressou-se, após curta pausa. — E só posso lhe suplicar que nos ajude, reverendo padre, no que for possível.

— Vou fazer o que posso, com o auxílio de Deus, claro! — o abade replicou. — Mas garanto-lhes que não é fácil. — E, tentando ser mais explícito, continuou: — Ontem à noite os atacantes entraram no mosteiro anunciando que nós todos éramos prisioneiros deles. Mas, por sermos homens de Deus, e também por não termos armas de espécie alguma, seríamos poupados; a menos que desobedecêssemos às ordens que nos dessem.

Clotilda fez uma pequena interrupção:

— O senhor poderia, reverendo padre, verificar se a baronesa, minha dama de companhia, realmente morreu de ataque cardíaco, como desconfiamos? Se está morta, providenciaria para que fosse sepultada?

— Eu lhe prometo, minha filha, que os mortos serão enterrados e os feridos socorridos. Já pedi aos marginais para trazerem todos aqui o quanto antes. E nesse particular, ainda que não em muitos outros, eles me obedecerão.

O marquês prosseguiu:

— Agora, sobre o resgate... mesmo não entendendo albanês, acho que eles pediram ao senhor que negociasse conosco.

Com uma expressão de embaraço, o abade retrucou:

— Os bandidos sabem que o senhor não pode falar a língua deles, milorde. Portanto, informei-os de que iria extorquir do senhor, pois é muito rico, a maior quantia possível; contanto que eles dessem dez por cento à igreja.

— Muito inteligente da sua parte... — O marquês sorriu. — Assim eles terão certeza de que o senhor conseguirá o máximo que puder.

— E o que pensei, mas tenho um fato desagradável a relatar.

– O que é?

O abade procurou palavras para explicar o que tencionava. Finalmente disse:

– Há várias tribos de bandoleiros na Albânia, como o senhor não desconhece; mas estes, sendo os mais inteligentes e, por consequência, os mais ambiciosos de todos eles, fizeram um pacto com os turcos.

O marquês fitou-o, incrédulo.

Sabia que os habitantes dos Bálcãs se ressentiam do modo como tinham sido dominados pelo Império Otomano; a maioria deles odiava os turcos e tudo o que dizia respeito a eles.

O abade continuou, após esperar por uma pergunta do marquês, que não veio:

– O senhor deve se lembrar de que, depois das guerras de conquista de Napoleão os piratas da costa da África saqueavam navios e capturavam grande número de reféns para cuja liberação enormes somas de dinheiro eram exigidas. Fizeram fortuna também vendendo mulheres jovens ao sultão da Turquia. Mas era indispensável que elas fossem virgens!

O marquês retesou-se e encarou o abade, achando difícil acreditar no que acabava de ouvir.

– O senhor está tentando me dizer, reverendo padre, que esses bandoleiros estão agindo da mesma forma?! – o marquês indagou numa voz cheia de ódio, difícil de controlar.

– Isso mesmo... – o abade confirmou. – Só que agora as mulheres virgens não precisam mais viajar tanto quanto no passado, e os turcos da Macedônia continuam pagando quantias exorbitantes por elas.

– É difícil de acreditar! – o marquês exclamou.

– Posso garantir que essa é, infelizmente, a pura verdade!

– Então, a única coisa que podemos fazer é julgar que lady Clotilda é minha esposa?! – o marquês concluiu, rápido.

Houve um segundo de silêncio. Em seguida, o abade replicou:

– O senhor pode estar preparado para fazer um juramento falso, meu filho... mas espero que entenda que um homem como eu, dedicado ao culto divino, não pode mentir!

CAPÍTULO VI

Houve um silêncio de morte enquanto o marquês digeriria o que o abade lhe dissera.

Aí, percebeu que dedos frios, trêmulos, tocavam os seus. Virou-se devagar e fitou Clotilda bem dentro dos olhos, e viu que ela lhe suplicava alguma coisa.

Então, com um esboço de sorriso nos lábios, como que se divertindo pelo desenrolar dos acontecimentos, ele ousou manifestar-se:

— Quero pedir, reverendo padre, que nos case imediatamente!

— Isso é o que esperava ouvir, milorde — o abade retrucou. — Mas esse casamento só será válido se um dos dois for batizado na igreja católica.

O marquês sentiu de novo os dedos trêmulos de Clotilda. Ela disse:

— Fui batizada ao nascer, pois vim ao mundo prematuramente, enquanto minha mãe visitava a família na Romênia. Pensando que eu não sobreviveria, minha avó chamou um padre para me batizar. Mais tarde, quando voltamos à Inglaterra e por insistência de meu avô, o duque, fui batizada na igreja paroquial, onde todos os meus ancestrais foram enterrados.

— Então a senhora é católica — o abade falou, com suavidade. — E agora, meus filhos, não temos tempo a perder. Venham comigo!

Levantou-se e abriu uma porta do outro lado da sala, a qual levava diretamente à capela. Esta era pequena, quieta, toda envolta em penumbra, mas ostentava muita austeridade.

A lâmpada do sacrário tremulava ante o altar e o abade, depois da genuflexão, fez com que Clotilda e o marquês se ajoelhassem na frente dele.

Foi uma cerimônia curta e, enquanto a voz do marquês soava forte, ecoando pelo ambiente ao pronunciar os votos, a de Clotilda, em comparação, foi muito fraca e assustada. Mas seu coração pulava de alegria, pois sentia-se segura ao lado do marquês, não somente em relação aos bandidos, como também a tudo que a amedrontava desde a saída da Inglaterra.

O marquês pôs seu anel sinete, que passara despercebido aos ladrões, no dedo de Clotilda. O abade os abençoou e conduziu-os à sala de visitas.

Lá, os três sentaram-se e, numa entonação diferente da que usara na

capela, o abade iniciou uma conversa de negócios:

— Agora, milorde, quanto devo sugerir como resgate para os dois?

— Deixo isso ao critério do senhor, reverendo padre, mas penso que a maior dificuldade será em obter o dinheiro para uso imediato. — O abade sacudiu a cabeça e o marquês, como se já tivesse pensado no assunto antes, continuou: — Posso lhes dar uma ordem de pagamento contra um banco de Atenas ou de Nápoles, à vontade deles, e penso que tenhamos que permanecer aqui, presos, até que algum mensageiro volte com o dinheiro conquistado tão desonestamente!

— Desconfio que essa seja uma exigência dos marginais. O marquês falou:

— E agora proponho, ainda que possa pagar mais, que o senhor lhes ofereça cinco mil libras para mim e minha esposa e outras mil libras se eles permitirem que meu empregado continue nos servindo. — E acrescentou: — Espero podermos ter uma casa com certa privacidade e não precisar dividi-la com mais ninguém.

— Já pensei nisso — o abade afirmou. — Aguarde um pouco aqui, milorde, enquanto converso com eles.

Saiu e deixou os dois a sós.

O marquês explicou a Clotilda, calmamente:

— Quando sairmos deste lugar, poderemos providenciar para que nosso casamento seja anulado, o que não será difícil em vista das circunstâncias que nos forçaram a isso.

Clotilda não respondeu. Apenas olhou para outro lado, pois não queria que o marquês a encarasse.

— Sinto muito por tudo... — Ela desculpou-se, afinal.

— Por que pede desculpas? — o marquês protestou. — A pessoa que se comportou indignamente foi o príncipe Frederick. Devia ter enviado mais soldados para protegê-la e tinha obrigação de patrulhar a estrada a fim de que os bandidos não pudessem atacar-nos de maneira tão ultrajante! — Falou com raiva, pois pensava nas vidas perdidas e no caos que os assaltantes infligiram a todos.

Sabia, sem que ela dissesse, que Clotilda não conseguia conter sua alegria por não ter que ir a Balutik a fim de desposar o príncipe.

Mas, ela também se julgava otimista demais. Por isso perguntou ao marquês:

— O reverendo padre não está... enganado? Agora que me casei... eles não me mandariam à Macedônia?

— Tenho absoluta certeza de que estará segura como minha esposa — o marquês respondeu, calmamente.

Eles tiveram a impressão de que o abade estava demorando séculos para voltar. Quando afinal ele chegou, o marquês viu de imediato, pela expressão da face do religioso, que tinha obtido sucesso nas negociações.

— Os bandoleiros concordaram com tudo. Mandarão dois homens a Atenas, assim que receberem sua ordem de pagamento. Mas apenas quando voltarem, os senhores terão liberdade de partir.

— Acha que não faltarão com a palavra? — o marquês inquiriu.

Encarou o abade ao falar, e via-se que ambos estavam pensando mais em Clotilda do que na liberdade que obteriam com o dinheiro.

A resposta do padre veio pronta:

— Sei que manterão a palavra dada. Mas é possível que, no caso de eles se locomoverem para o sul a fim de se encontrar com o mensageiro, os senhores também tenham que ir junto. — O marquês franziu a testa e o abade continuou: — Enquanto isso, providencie para que fiquem sob minha guarda num lugar onde eu e às vezes meus monges ficamos, para jejuar em retiro espiritual.

Clotilda mostrava-se apreensiva. Dando a mão ao marquês, ambos acompanharam o abade, passando pela clausura.

Havia uma porta ao lado do mosteiro e, do prédio principal, podia-se avistar uma pequena choupana, toda de pedra.

Chegaram lá atravessando um terreno pedregoso e agreste. A cabana consistia em dois compartimentos: um era o quarto; e o outro tinha só um genuflexório em frente a um grande crucifixo, uma mesa e uma cadeira.

— Não é muito confortável — o abade admitiu. — Mas ao menos podem ficar sozinhos aqui.

— E isso é mais importante que qualquer outra coisa. Nós lhe agradecemos do fundo do coração por sua bondade — o marquês falou, comovido.

— Obrigada — Clotilda disse, também. — Obrigada, padre. Agora, Greta é quem me preocupa; ela é a empregada que me serviu durante a viagem por mar.

— Como é bastante velha para os planos que os bandidos têm em

mente, ela só está ajudando a cuidar dos feridos — o abade explicou. — Há muitos necessitando de atenção e meus monges são idosos demais para esse trabalho. Mas não faça nenhuma referência a ela para que os assaltantes não pensem que sua serviçal é muito importante para a senhora.

— É claro, eu entendo — Clotilda concordou. O religioso prosseguiu:

— Consegui arranjar também, considerando ser este lugar um pouco distante para se trazer a comida diariamente, que seu empregado os sirva, contanto que o senhor eleve o resgate dele para duas mil libras.

— Com todo o prazer — o marquês consentiu. Sentou-se, tirou alguns papéis do bolso interno do casaco e escreveu uma ordem de pagamento endereçada a um banco em Atenas, com a quantia de sete mil libras.

Pagaria ainda muito mais, considerando-se que estavam à mercê de homens fora da lei, que cometeriam qualquer tipo de crime contanto que lhes trouxesse grande fortuna. Tratava-se, na verdade, de indivíduos sem lar, banidos de qualquer país civilizado do mundo.

— Há mais um item a esclarecer — o abade informou. — Dei minha palavra de honra de que não tentariam escapar. É quase impossível fazer isso. Mas sei que, a menos que queiram ter seus pés atados em correntes ou estar sujeitos a outras humilhações, posso confiar nos senhores. Espero que mantenham a promessa feita.

— Não tenha a menor dúvida — o marquês anuiu.

— Como já expliquei, tentar fugir implicaria risco de vida e seria uma aventura absolutamente impraticável. Deixe-me mostrar-lhes uma coisa.

O abade saiu pela mesma porta por onde haviam entrado e andou alguns passos na direção do que, a distância, parecia ser o mar. Parou, e quando Clotilda e o marquês chegaram perto dele, apontou para baixo. Viram então que estavam na beirada de um vale profundo. Pareceu a Clotilda que tinha a profundidade de milhares de pés. Ela também notou um braço de mar, acidente geográfico muito fora do comum, que entrava até esse local ladeando a montanha.

O abade sorriu ante o espanto do casal e informou:

— Este vale é conhecido como a Garganta do Diabo, e asseguro-lhes que muitas pessoas perderam a vida tentando subir por suas paredes.

— Posso lhe prometer, com toda a sinceridade, que essa é uma proeza que não tentarei fazer — o marquês reiterou sua promessa.

Voltaram à pequena casa e o abade os abençoou de novo e seguiu para

o mosteiro.

Posteriormente, o marquês viu que havia uma enorme muralha ligando um lado do convento ao vale, e outra fazia o mesmo do outro lado. Isso os impedia de alcançar a estrada por onde tinham vindo.

A razão dessa defesa era impedir que curiosos invadissem o mosteiro e também dar mais segurança aos religiosos.

Por esse motivo, mesmo que não tivessem dado sua palavra de honra, seria difícil escapar. Era fácil aos bandidos impedir que qualquer pessoa saísse do mosteiro sem ser pela porta principal.

Não disse nada a Clotilda que, no momento, olhava para a pequena cama com ar de desânimo, na interpretação do marquês.

Adivinhando o que ela estava pensando, ele lhe falou em tom de conversa informal:

– Se está preocupada com meu conforto posso lhe garantir que Havers, sempre orgulhoso de sua capacidade em solucionar qualquer problema, encontrará alguma coisa para me servir de leito. E não duvido que seu colchão, se não estiver cheio de pregos, seja tão duro quanto o solo.

Clotilda riu. Depois, se lamentou:

– Como poderia imaginar, por um momento sequer... que tudo isso iria acontecer para nós? E... pobres soldados... tantos foram mortos!

Tremia ao fazer essas considerações e o marquês só esperava que ela pudesse reagir bem a todos os choques sofridos nas últimas horas.

Tentou animá-la, dizendo:

– Pense, Clotilda, em como devemos dar graças a Deus por tudo de bom que conseguimos até agora. E precisamos continuar a ter esperanças. Vamos conversar sobre outros assuntos, pois se tivermos a mente ocupada, o tempo passará mais depressa.

– Isso é o que papai teria aconselhado... numa situação igual a esta. É, sem dúvida, uma atitude bastante sensata... – gaguejou um pouco, por estar quase chorando.

Depois, com extraordinário autocontrole, tirou o chapéu e o abrigo de viagem e colocou-os sobre a cama.

Preocupado com as reações de Clotilda, e para distraí-la, o marquês brincou.

– Agora, quero que me prove sua eficiência como dona-de-casa, transformando num lar esta caixa de fósforos. Não deve ser tarefa difícil para

uma pessoa que viveu numa tenda no deserto, numa caverna nas montanhas e, talvez, em outras ocasiões, que não possuía nada melhor que a sombra de uma árvore!

— Tem toda a razão — Clotilda respondeu. — É bom saber que, se chover, temos ao menos um teto nos cobrindo, o que é mais do que papai e eu tivemos certa vez: uma cobertura de sapé que não nos protegia da chuva, além de uma infinidade de insetos desagradáveis e lagartixas em profusão!

O marquês riu, achando que ela tivera experiências emocionantes no passado e que ele gostaria de fazer o mesmo no futuro.

Meia hora depois, Havers apareceu trazendo um dos baús de Clotilda e o pôs no chão.

Eles notaram que o couro da tampa tinha sido cortado pelos ladrões. Havers empurrara para dentro algumas peças que haviam caído, quando eles tentaram encontrar tesouros dentro da bagagem.

Os lindos vestidos de Clotilda, comprados em Bond Street, e as roupas do marquês, de Saville Row, estavam misturados num só baú.

Havia sapatos, camisolas, meias e calças, tudo amontoado numa trouxa. Ao menos, o consolo era que tinham alguma coisa salva da destruição.

— É tudo o que pude fazer, milorde... — Havers desculpou-se.

O marquês riu e consolou-o:

— Você foi muito hábil. Afinal de contas, temos roupas para vestir.

— Agora espero, milorde, conseguir qualquer coisa para comer. Os bandoleiros estão assando um boi no centro do pátio, mas duvido que, depois de pronto, seja do agrado de lady Clotilda!

— Devemos nos contentar com o que for possível obter — o marquês replicou.

— Isso é verdade, milorde, mas preciso ter muito cuidado ao tratar com eles. Há alguns minutos, quando um soldado discutiu com um desses bandidos imundos, quase teve sua mão decepada.

Clotilda deu um grito de horror e Havers acrescentou, para lhe dar certo alívio:

— Não se preocupe, milady. Bajulei todos eles e há um que pode até falar francês. Nós nos damos muito bem agora. Na verdade, ele me ajudou a encontrar uma salinha, acho que é uma cela do mosteiro, onde guardamos muita coisa. — Olhou em volta e continuou: — Não há guarda-roupas aqui?

O modo como falou fez Clotilda rir.

O jantar consistiu numa sopa, a mesma que os monges comeram, fatias de pão preto e queijo de leite de cabra.

Ambos, Clotilda e o marquês, estavam tão famintos que devoraram com prazer tudo o que lhes foi trazido por Havers.

Enquanto comiam, Clotilda sugeriu ao marquês:

— Vamos fingir que adoramos esta delícia de comida. Faz de conta que seu *chef* preparou-a para você, em Londres, ou na sua casa de campo. Estamos bebendo o vinho branco mais precioso do mundo ou, se prefere, champanha.

— Não sei se minha imaginação consegue ser tão prodigiosa! — ele disse, secamente.

— Tente, do contrário ficará bastante desagradável após alguns dias neste lugar e eu vou ter medo do senhor outra vez, como tive quando iniciamos a viagem em Tilbury!

— Devo-lhe desculpas por minha atitude!

— Está tudo bem agora, e agradeço a Deus cada segundo por tê-lo comigo. Não me sinto só! — Bateu palmas e prosseguiu: — Imagine como tudo não seria, se o senhor não tivesse sido mandado para representar a rainha e o príncipe consorte. Seus olhos estavam eloquentemente expressivos e o marquês respondeu:

— Você deve atribuir isso ao destino ou, talvez, às suas preces que foram atendidas. Se bem que de maneira muito estranha...

Ele suplicara também por um milagre que impedisse Clotilda de ir a Balutik. Mas a resposta ao seu pedido veio de um modo um pouco esquisito e, de qualquer forma, inesperado.

Mas ainda tinha medo, embora não revelasse a Clotilda, de que o príncipe, assim que soubesse do acontecido, mandasse uma forte guarnição do exército para resgatar sua noiva.

Receava também que os bandidos, ao tomarem conhecimento disso, fugissem levando consigo os prisioneiros.

Preocupava-se profundamente com essas duas possibilidades, mas não tinha intenção de mencionar nada a Clotilda.

Portanto, concordou com a fantasia dela referente à comida e ao vinho. Mais tarde, refletiria sobre os planos de como passar a noite.

Mas Clotilda sugeriu primeiro:

– Penso que o melhor a fazer é revezarmos o uso da única cama que temos. Um ficará de plantão, enquanto o outro dorme, como nos navios.

O marquês sorriu.

– Tenho de ser cavalheiro, e confesso que me acomodarei muito bem no chão.

Sabia que não passara pela cabeça dela nem por um minuto que agora, sendo casados, poderiam partilhar a mesma cama, ainda que pequena.

Também se lembrou de ter dito ser possível anular o casamento. Assim sendo, era normal Clotilda sugerir que deveriam agir tão indiferentemente como fizeram durante a viagem por mar.

Mas o marquês não contara com a engenhosidade de Havers.

Depois de servir a parca refeição, o valete chegou carregando um colchão nas costas, além de um cobertor e um travesseiro.

Empurrou o genuflexório para um lado e pôs o colchão na sala, dizendo:

– Aí está a sua cama, milorde. Não é de pena de ganso, mas é melhor que nada.

– Sem dúvida — o marquês concordou. — E acho que você é muito esperto por ter conseguido isso.

– Pertence a um dos monges. Bom chapa! Quer dormir no chão pois acha interessante para a salvação de sua alma desistir do conforto de uma cama, melhor dizendo, do conforto razoável desse tipo de cama.

– Você quer dizer com isso que tirou o colchão dele?

– Eu convenci o pobre do religioso, milorde, de que o senhor tinha mais precisão de dormir bem que ele.

O marquês disse boa-noite ao valete e virou-se para Clotilda.

– Não sei de ninguém melhor que Havers para ter comigo numa circunstância como esta. Ele sempre sorri para tudo, nada o derrota.

– Concordo com o senhor. Ele é maravilhoso!

Clotilda lançou um olhar para a linda camisola de rendas que a condessa lhe comprara em Bond Street. Estava em cima da cama, pronta para ser usada.

A camisa de dormir do marquês também foi posta sobre o colchão, de maneira elegante, como se fazia em sua casa em Londres.

Vendo isso, Clotilda deu uma gargalhada.

– Por que ri tanto? — o marquês indagou.

– Estou pensando que, se Havers é fantástico, o senhor também é por ter um empregado tão extraordinário. Eu cuidava de papai após a morte de mamãe, mas não era nem por sombra assim eficiente.

– E eu sou bastante eficiente para ver que você está muito cansada agora. Teve um dia longo e difícil. Vá para a cama, Clotilda. Amanhã pensaremos em como nos distrair para que, como você diz, não fique desagradável.

Ele falou brincando, mas Clotilda replicou com muita seriedade:

– Quero lhe agradecer por estar sendo tão bondoso comigo.. . por cuidar tão bem de mim... Se o senhor não estivesse aqui, acho que me atiraria... na Garganta do Diabo!

– Não fale assim, Clotilda. Posso, sem exagero, dizer que você é a mulher mais valente que já encontrei em meu caminho!

– Valente?! – ela exclamou, espantada.

O marquês sabia que qualquer mulher na mesma situação estaria gritando, chorando e agarrando-se a ele, não somente durante o tiroteio mas depois, ao ver tantas pessoas mortas e feridas. E seria ainda pior, quando se visse prisioneira dos assaltantes.

A maior parte das jovens ficaria histérica só em pensar que, por ser virgens, acabariam vendidas aos turcos da Macedônia.

O procedimento de Clotilda tinha sido exemplar, e ele se convenceu de que ela era uma pessoa fora do comum e digna de louvor, além de ser muito linda.

Fitando-a, achou que resplandecia quase como um foco de luz, no pequeno e austero compartimento que parecia ser um nicho de mármore para abrigar uma santa, o que ele estava começando a pensar que Clotilda era.

Mas, vendo a suave curva dos seios dela através do elegante vestido, concluiu que ela também era muito mulher!

Então se afastou abruptamente e despediu-se:

– Vá para a cama, Clotilda! Se precisar de mim, pode me chamar, tenho certeza de que a ouvirei. Estou realmente muito cansado!

– Boa-noite, milorde, e obrigada mais uma vez.

Foi para seu quarto e fechou a porta. Começou a despir-se devagar.

A essa hora o sol já começava a se pôr na linha do horizonte, como uma labareda gloriosa, e as estrelas apareciam no alto do céu.

Não havia cortinas nas janelas e Clotilda não acendeu a única vela que

estava num banquinho, ao lado da cama. Não podia descobrir outro lugar onde pôr seu vestido a não ser na cadeira que Havers trouxera da outra sala, terminado o jantar.

O quarto tinha um aspecto desagradável com as roupas espalhadas aqui e ali; por isso ela se propôs a colocar tudo em ordem no dia seguinte.

“Tenho a impressão de que o marquês é muito exigente”, ela pensou.

Mas não podia imaginar o que fazer com tanta roupa e tão pouco espaço.

Vestiu a camisola e deitou-se. Ainda fazia calor mas Clotilda deduziu que, durante a madrugada, um vento frio sopraria das montanhas ou do mar.

Por isso, cobriu-se primeiro com um rústico lençol de algodão e depois com um cobertor.

Achou que os monges não possuíam nada bastante quente para a estação fria, e concluiu que talvez essa fosse outra forma de penitência por pecados cometidos.

“Eles são muito bons, mas estou muito feliz por não ser freira!”, ela pensou, sonolenta.

Nunca havia pensado em entrar para um convento, nem mesmo nos momentos difíceis quando se havia apavorado por ter que ir a Balutik.

Queria ficar no mundo, encontrar gente nova, falar com outras pessoas e gozar a vida plenamente.

Desconfiava que esse tinha sido sempre o teor de vida do marquês. Pensando nele, lembrou-se de como fora bondoso com ela e também lhe veio à mente o fato de que agora estavam casados.

“Conforme o que ele me disse, quando ficarmos livres poderemos requerer anulação. Mas ele também me garantiu que, nas circunstâncias atuais, os bandoleiros não poderão tocar em mim”, repetiu a si mesma.

Fechou os olhos, fez rapidamente suas preces, e tentou não pensar nos bandidos e nem nos soldados que eles deixaram mortos ou feridos,

Apenas havia começado a dormir quando, de repente, acordou com o sentido de que alguma coisa se movia perto dela.

Voltando à consciência, não conseguiu saber, de imediato, onde estava.

Abriu os olhos e notou que o quarto parecia muito escuro, não havendo mais o luar que antes inundara o recinto, e nem a vista das estrelas.

Algo se mexeu na escuridão e, para seu espanto, ela notou que uma

pessoa bloqueava a abertura da janela.

Arrepiou-se inteira, não podendo compreender o que acontecia.

De súbito, a claridade da lua começou a aparecer por trás de uma sombra enorme e sem forma, que se aproximava dela.

Antes mesmo que pudesse identificar essa criatura estranha, uma grande mão cobriu-lhe a boca e um corpo pesado caiu sobre ela, quase esmagando-a.

Tentou gritar, mas estava impotente para se mover ou emitir qualquer som.

Com terror, reconheceu que o invasor era o chefe dos assaltantes, que lhe rasgou a camisola e tentava puxar o cobertor no qual ela se havia enrolado.

O pavor era tanto que a fazia incapaz de se movimentar ou raciocinar; apenas sentiu, com desespero, que ia morrer em consequência do peso que suportava e do horror que tomara conta dela.

O marquês, quando se despediu de Clotilda, estava terrivelmente cansado.

Mas, devido ao calor que reinava dentro da cabana, teve ímpetos de sair para respirar o ar fresco da noite.

Não era apenas a alta temperatura que o perturbava, mas o sentido de não poder adivinhar se o pior já passara, ou se as dificuldades futuras seriam ainda maiores.

Temia por Clotilda, não que fosse levada à Macedônia, mas que os marginais arranjassem um jeito de dar sumiço nele para tê-la sem restrições.

Não passava despercebido ao marquês o olhar que o chefe dos bandidos havia lançado a ela no pátio, ao chegarem.

Não quis passear fora da choupana, pois imaginava haver guardas por toda parte, os quais poderiam matá-lo sob o pretexto de que tentava fugir.

Eles podiam muito bem duvidar, apesar da palavra dada ao abade, que ele não faria isso.

Portanto, abriu a janela completamente, tirou o casaco e a camisa, jogou-os no chão e sentou-se observando as estrelas.

Depois de pouco tempo, uma brisa agradável começou a subir, vinda do mar.

Imaginava um plano para salvar Clotilda. Gostaria muito, no caso de os assaltantes debandarem para outras paragens, o que com certeza fariam,

de ficar com ela onde estavam, até que o dinheiro chegasse.

Era quase impossível conseguir isso, pois eles obrigariam os reféns a acompanhá-los, o que seria muito arriscado para a segurança de Clotilda.

“Mulheres bonitas são sempre um ponto vulnerável numa circunstância como esta...”, ele refletiu.

Nunca em sua vida estivera em situação semelhante e, sem nenhuma dúvida, jamais com uma mulher tão jovem, tão desprotegida e ao mesmo tempo tão linda como Clotilda.

“Se as coisas chegarem ao pior, suponho que porei fim à vida dela e à minha também!”, ele pensou.

Não podia imaginar coisa tão horrível a fazer. De qualquer forma, seria quase impossível levar a cabo essa idéia sinistra, pois não tinha arma de espécie alguma.

Mais uma vez ele se questionou, o que vinha fazendo desde que saíra de Londres.

“Que posso conseguir para o bem de Clotilda?”

Continuou pensando até que o sono tomou conta dele. Achou, então, que o mais sensato era deitar-se no colchão e dormir. No momento em que se dispôs a isso, ouviu um pequeno ruído no quarto ao lado.

Podia ser que Clotilda se tivesse virado na cama, mas, mesmo assim, o barulho alertou-o para a possibilidade de perigo. Era muito difícil haver mais alguém lá, pois estavam muito isolados de todos.

Novamente um som estranho... Então ele, preocupado, levantou-se. Estava sem sapatos, porque tirara as botas de viagem e não tinha posto os chinelos que Havers lhe havia trazido. Dirigiu-se ao quarto de Clotilda. Descalço, não a acordaria ao entrar.

Girou a maçaneta e abriu a porta. A claridade das estrelas permitiu-lhe ver o que acreditou ser uma peça que seus olhos lhe pregavam: um vulto grande e sinistro sobre a cama de Clotilda!

Aí, viu que um homem puxava o lençol e o cobertor que estavam embaixo dele, mas cobrindo o corpo de Clotilda.

O marquês, muito rápido em emergências, não hesitou. Não possuía arma, mas tomara aulas de defesa pessoal em diferentes países por onde tinha viajado.

Num passo rápido, alcançou o leito e golpeou violentamente, com a base da mão direita, dura como aço, a nuca do marginal.

Foi um golpe de mestre em que o marquês pôs toda sua considerável força e também grande perícia, que faria o orgulho de seu instrutor.

O bandido tombou para frente como se tivesse recebido uma machadada e o marquês arrastou-o pela gola do casaco para fora da cama.

Ao ver-se liberada da mão que lhe tapava a boca, Clotilda soltou um gemido como o de um animalzinho ferido.

Queria gritar, mas o som não saía e a única coisa que podia fazer era observar, horrorizada, o marquês levantando o intruso do chão.

Jogando-o sobre o ombro, atravessou a sala contígua e foi para fora.

A porta não estava trancada; ele saiu levando o malfeitor esparramado nas suas costas o que, sem dúvida, iria servir-lhe de armadura protetora caso fosse visto e baleado.

Carregando um peso considerável, o marquês teve que caminhar devagar até a beirada da Garganta do Diabo.

Então, com um único impulso, atirou o corpo do bandido, não se importando se ele estava morto ou inconsciente. Observou-o à luz do luar enquanto caía, para finalmente atingir o mar lá embaixo.

Depressa, sabendo ser um grande risco demorar-se, voltou à cabana.

Clotilda permanecia sentada na cama, com as mãos sobre a camisola estraçalhada.

O marquês viu que tinha os olhos arregalados de medo e, por não ter falado e nem notado sua volta, achou que ela estava em estado de choque pelo que acontecera.

Fechou a porta e acomodou-se ao lado dela.

— Está tudo bem agora... — ele disse, suavemente. — Ele não voltará a atormentá-la. — Clotilda não respondeu e ele continuou, com muito carinho: — Quer beber alguma coisa? Acho que temos água aqui.

Ele fez menção de ir buscar a água mas ela segurou-o com ambas as mãos, fazendo-o entender que preferia que ele não a abandonasse. Não queria ficar sozinha.

O marquês pôs o braço em volta dela e puxou-a para perto de si, falando:

— Foi uma experiência desastrosa para você, mas ele está morto agora. Você me entende, Clotilda? Ele está morto! Joguei-o na Garganta do Diabo!

Tremendo, ela encostou o rosto no ombro nu do marquês e começou a chorar.

Ele aconchegou-a mais contra seu corpo, pois sabia ser esse o desejo de Clotilda.

Depois, para ter mais conforto, deitou-se sobre as cobertas ao lado dela e, quando a puxou para perto, Clotilda chorou copiosamente, como uma criança. Não podia controlar-se.

Chorou e chorou por algum tempo e o marquês concluiu que era o melhor a fazer, pois ela estava precisando derramar essas lágrimas desde que descobrira que a forçavam a casar com o príncipe Frederick.

Segurando-a bem perto dele, lentamente começou a afagar-lhe os cabelos que caíam pelos ombros e sobre as costas.

Quando afinal o pranto diminuiu, ele notou que suas espáduas nuas estavam molhadas com as lágrimas de Clotilda.

O corpo dela, gelado e inerte quando ele entrou no quarto, agora se mantinha quente e ele podia sentir o coração de Clotilda pulsando contra o seu.

Não falou. Não havia necessidade disso, mas sabia que a vontade dela era ter o conforto de seus braços e a certeza de que ele, ficando lá, o perigo que a aterrorizava desapareceria.

Somente quando as lágrimas cessaram de todo, ele se expressou, com calma:

— Tudo está bem agora, Clotilda!

— Mas... outro homem pode vir — ela queixou-se, com medo.

— Não acho provável — o marquês assegurou. — Mas ficarei com você, se é o que deseja.

— Não me deixe... por favor... não me deixe! Estava apavorada e ele sossegou-a:

— Ficarei aqui com você o resto da noite. Sendo assim, durma bem, Clotilda. Você está muito cansada!

— O senhor... não me abandonará?

Ele a trouxe mais para perto de si, para garantir-lhe que não sairia da cama, de junto dela.

Logo depois. Clotilda, visivelmente fatigada, caiu em profundo sono.

O marquês sorriu consigo mesmo. Não poderia deixar de imaginar o que seus amigos pensariam, se pudessem vê-lo deitado com uma mulher lindíssima em seus braços, e estando ambos com o mínimo de roupa possível. Tinha certeza de que dariam ao fato uma interpretação muito diferente da

real.

Ele também fechou os olhos. Percebeu que o que sentia por Clotilda era muito especial, não o mesmo que sentira por qualquer outra mulher que já havia tido em sua vida.

Por ser uma experiência tão ímpar, era impossível traduzi-la em palavras. Mas ao mesmo tempo sabia que, sendo honesto, poderia resumi-la num só vocábulo de quatro letras: “amor!”

CAPÍTULO VII

A madrugada veio mansamente clareando o céu, que tomou a mesma cor dos cabelos de Clotilda, que caíam sobre seus ombros, contra o peito do marquês.

Ela estava imóvel, mas ele tinha a impressão de que não dormia profundamente e parecia ainda um pouco tensa, portanto, talvez acordasse se ele fosse para a outra sala.

Alguém se aproximava da pequena casa. O marquês tirou com cuidado o braço que a envolvia e levantou-se.

Clotilda abriu os olhos no mesmo instante.

— Que foi? — ela indagou. — Que está acontecendo... agora?

— Tudo está bem, Clotilda. Ouço passos, penso ser Havers trazendo algum recado.

Na realidade, ele achava cedo demais para ser Havers, por isso dirigiu-se ao outro quarto e fechou a porta de comunicação.

Depois, abriu a porta de entrada e, em vez do empregado, deu de cara com o abade.

— Reverendo padre! — exclamou. — Que surpresa!

— Quero lhe falar, meu filho! — O abade entrou e pôs-se perto da porta, dizendo: — Os bandoleiros estão indo embora; na verdade, a maior parte deles já partiu.

O marquês ficou estático de início. Depois, perguntou:

— Por quê?

— Pelo que ouvi dizer, o chefe deles desapareceu misteriosamente — o abade explicou.

Olhou com insistência para o marquês ao responder, e este último achou que o religioso suspeitava de alguma coisa. Mas deduziu que seria um erro confessar ao abade o que fizera, e este continuou:

— Parecem um rebanho sem o pastor. Estão de todo perdidos. Sem um líder que lhe dê ordens, não sabem como agir. Além disso, apesar de não ter sido informado diretamente, sei que um dos homens da guarda contou-lhes que tropas estão vindo do castelo de Balutik, onde os senhores eram esperados ontem à noite.

O marquês previra essa reação da parte do príncipe Frederick, por isso perguntou:

— Então, minha esposa e eu podemos partir?

— Na minha opinião, a resposta é sim — o abade falou.

— Penso que o mais aconselhável é voltarmos imediatamente para Drina e de lá tomar um navio que nos leve à Itália. — Depois, explicou com mais pormenores: — Não desejo informar em pessoa Sua Alteza Real que a noiva dele não está mais disponível ao casamento. É um trabalho para o serviço diplomático dos dois países, do nosso e do dele.

O abade piscou para o marquês.

— Sempre soube, milorde, que o bom general sabe quando proceder à retirada.

O marquês riu.

— É o que farei, reverendo padre... e quanto mais depressa, melhor!

— Eu me despedirei dos senhores quando estiverem prontos para partir. — O abade finalizou a conversa e saiu da cabana.

O marquês foi ao quarto de Clotilda.

— O que houve? — ela indagou, nervosa. — Ouvi a voz do abade. O que ele... disse?

— Estamos livres para sair agora mesmo! Depressa! Não há tempo a perder, a menos que você queira explicar pessoalmente por que não pode ir a Balutik!

Clotilda deu um grito de pavor e, antes que ele fechasse a porta do quarto, ela já tinha saído da cama.

O marquês ficou pronto apenas alguns segundos antes dela e, quando se sentou à mesa para escrever algumas linhas, ela apareceu na sala.

Como se fosse combinado, Havers surgiu ao mesmo tempo.

— Uma carruagem espera por Vossa Senhoria — ele anunciou, excitado. — E todos os baús já estão dentro dela, com exceção deste! — enquanto falava pegou o baú que estava no chão e correu em direção ao mosteiro.

— O que está escrevendo? — Clotilda perguntou, curiosa.

— É um presente ao abade em agradecimento pelo que fez por nós e penso que ele vai gostar — o marquês replicou. — Pode sacar esta quantia com facilidade e vou ter o prazer de sustar o pagamento, em Atenas, da ordem bancária que me foi extorquida pelos bandoleiros.

O marquês pôs a caneta no bolso e estendeu a mão para Clotilda.

— Venha — ele convidou. — Mais uma vez suas preces foram atendidas, pois acho que esse foi seu pedido. Estou certo?

Ela apertou a mão que lhe foi oferecida como se tivesse medo de perdê-lo.

— O senhor não contou ao abade... o que aconteceu ontem à noite? — ela balbuciou, em voz muito baixa.

O marquês fez um gesto negativo com a cabeça.

— Desconfio que ele suspeita que eu tenha algo a ver com o desaparecimento do chefe dos bandidos, mas achei melhor não falar sobre o assunto.

— Claro que não deve! — Clotilda concordou.

Havers apenas desaparecia com o baú pela porta do mosteiro quando eles o seguiram, atravessando o terreno rústico.

O abade os esperava no pátio, que exibia uma indescritível desordem.

No centro jazia a carcaça do boi que os assaltantes assaram na noite anterior, com as cinzas ainda incandescentes.

Os jovens acompanhantes do cortejo, que estavam encolhidos num canto no dia do sequestro, tinham desaparecido. Mais tarde, foram vistos pelo marquês e Clotilda, “voando” para suas casas, em Drina.

Havia trapos, papéis, tocos de madeira, rifles, pecados de fardas jogados por toda parte.

Podiam-se ver até dois casacos de pele de carneiro que os bandidos deixaram, na fuga apressada.

Através das portas abertas para o pátio, Clotilda divisou os monges cuidando dos feridos deitados sobre colchões, no chão.

O marquês entregou ao abade a carta de agradecimento e este lhe deu, em retribuição, uma pequena carteira.

— Aqui há dinheiro suficiente, milorde, para as passagens à Itália — ele esclareceu. — Vão encontrar algum navio que os leve para lá mas, a menos que se trate de um barco inglês, as companhias esperam ser pagas em dinheiro.

— Somos eternos devedores do senhor, por sua caridade e sua atenção — o marquês agradeceu.

O religioso abençoou-os. Os dois deram-se as mãos e saíram correndo do pátio. Diminuíram a marcha quando chegaram ao atalho estreito e

pedregoso que os levou até a estrada.

Havers os esperava lá e o marquês notou que ele conseguira reaver dois cavalos que os marginais haviam roubado, e tinha aberto o teto da carruagem para que toda a bagagem coubesse dentro.

Era um espetáculo cômico: os baús com as tampas rasgadas a faca e os babados de seda e rendas dos vestidos de Clotilda pendurados para fora, como também as mangas de um dos elegantes paletós do marquês.

“Mas, ao menos recuperamos alguma roupa...”, o marquês pensou, conformado.

Estavam contentes com isso, embora Havers lhes tivesse dito, furioso, que grande parte havia sido roubada pelos bandidos e pelos adolescentes de Drina, que arrebataram com violência o que puderam antes de debandar para casa.

O marquês não se preocupava com coisa alguma, exceto em voltar à civilização; por isso subiu depressa para a carruagem, puxando Clotilda consigo.

Havers pulou sentando-se em cima da bagagem, e partiram em seguida.

Não era possível, considerando o estado do caminho, irem muito rápido. Contudo, estavam iniciando a viagem de volta e, por ser descida, andavam mais depressa do que na vinda.

Os cavalos também se mostravam impacientes por retornar a estrebarias mais confortáveis e, o marquês concluiu, para se alimentar melhor, pois enquanto estiveram no mosteiro só comeram o capim que crescia ao lado da estrada, por sinal bastante ralo.

Mais adiante e muito abaixo, ficava o mar e atrás dele, Balutik, cujas tropas, a essas horas, já estavam alertas sobre o fato de que seus distintos convidados sofriam alguma dificuldade porque, do contrário, já teriam chegado.

Como o marquês dissera ao abade que não desejava explicar a ninguém as circunstâncias que agora faziam impossível a Clotilda casar com o príncipe.

Foi com evidente alívio que, quando chegaram a Drina, viram vários navios ancorados na pequena baía.

Dois deles eram barcos de pesca, mas um era de bandeira italiana, de tamanho razoável e estava de partida para Gênova, o marquês foi informado.

O capitão, um italiano muito bondoso que já tinha ouvido falar, antes da chegada deles, dos problemas com os bandoleiros, estava horrorizado.

— Alguém precisa dar uma boa lição nesses velhacos! — ele disse com ar severo, e o marquês teve vontade de revelar que ele fizera exatamente isso.

Como podia pagar, ele e Clotilda ocuparam a melhor cabine de bordo. Não era muito luxuosa, mas limpa e reservada.

Comeram e beberam no próprio navio, que já se aprontava para zarpar.

O marquês agora achava que não havia mais nenhuma chance de serem alcançados pelas tropas do príncipe Frederick, pelo primeiro-ministro, pelo ministro de Relações Exteriores ou por qualquer outra autoridade de Balutik.

Não queria que Clotilda passasse por dificuldades que a deixassem ainda mais assustada, ou que lhe causassem algum embaraço.

Quando o navio levantou âncora, ele deu um suspiro de alívio e aconselhou-a:

— Como teve uma noite muito agitada ontem, sugiro que desça para o camarote, ponha-se na cama e tente dormir. Não há nada que possa preocupá-la e você deve estar cansadíssima!

— Na verdade... estou muito feliz... — Clotilda sussurrou.

— Pode me falar de sua felicidade depois. No momento, estou dando uma ordem — o marquês insistiu. — Espero ser obedecido.

Ela sorriu, mas fez o que ele mandou e Havers acompanhou-a para ver se precisava de algo.

Em seguida, o marquês foi para o convés a fim de apreciar a entrada da embarcação em alto-mar.

Ao olhar para as montanhas da Albânia, admitiu que nunca tivera uma experiência tão assustadora em sua vida.

Apenas um milagre poderia tê-los salvo de todo aquele horror!

Depois, por também se sentir cansado, sentou-se numa *chaise longue* e dormiu.

Chegaram a Nápoles às dez horas da manhã do dia seguinte e não causou surpresa ao marquês o fato de Clotilda ter dormido por vinte e quatro horas sem interrupção.

— Devo acordar lady Clotilda, milorde? — Havers lhe perguntara na noite anterior, na hora do jantar.

— Claro que não! — o marquês replicara. — Deixe-a dormir o maior tempo possível.

Mas ele tomara a precaução de conservar a porta de seu camarote aberta, como também a do dela, para o caso de Clotilda acordar e entrar em pânico.

As cabines eram coladas e ele sabia que, se ela gritasse, ele a ouviria.

Mas o som das máquinas foi o único barulho que se pôde escutar durante a noite e o marquês levantou-se muito cedo, ansioso para pôr em operação os planos que arquitetara na véspera.

Quando Clotilda o encontrou no convés, ele exibia não só um ar de satisfação consigo mesmo, mas estava elegantemente vestido, sem uma única ruga em suas roupas que tinham sido tão maltratadas pelos marginais.

— Perdoe-me... — Clotilda desculpou-se, sem jeito. — Estou envergonhada por ter dormido tanto!

— Como estava visivelmente cansada, quis que fizesse isso! Agora, está disposta a desembarcar? — ele convidou-a.

— Aonde vamos?

— É uma surpresa... — o marquês respondeu. — Havers foi adiante, a fim de preparar tudo para nos receber.

Ela sorriu.

— Adoro surpresas!

— Garanto que esta vai ser diferente das desagradáveis que você teve, até então!

— Espero que sim...

Ele notou que, pela primeira vez, não via medo nos olhos de Clotilda e a expressão de sua face não era nada igual ao aspecto preocupado e apreensivo que tivera, desde que saíram da Inglaterra.

Clotilda subiu numa carruagem aberta, conduzida por dois cavalos bem alimentados e o marquês sentou-se a seu lado.

Afastaram-se do cais, mas quando ela imaginou que fossem subir pela estrada que os levaria ao centro da cidade, em vez disso, seguiram pela linha da praia.

Na frente deles estava o Vesúvio, desenhado no fundo azul do céu e, aos poucos, o caminho ia ficando mais e mais bonito, ladeado de primaveras e gerânios, e de outras flores que lançavam manchas coloridas em ambos os lados da rua.

Clotilda pegou a mão do marquês.

— Que beleza! — ela exclamou. — Não posso conter minha alegria mas, ao mesmo tempo, uma sombra de tristeza toma conta de mim quando penso que todo mundo... ficará furioso comigo e com o senhor... pelo que aconteceu!

O marquês sabia que Clotilda era muito tímida para dizer “por que nos casamos”.

Ele simplesmente respondeu:

— Haverá, é claro, muitas explicações a dar, mas já mandei um recado ao cônsul britânico em Nápoles, para pedir-lhe que se comunique com nosso embaixador em Roma.

Clotilda externou surpresa e ele prosseguiu:

— É trabalho deles acalmar as crises, portanto, podemos lhes dar o que fazer. Não se preocupe.

Ela não falou mais; apenas apreciava a paisagem com evidente emoção até os cavalos entrarem, por um portão suntuoso, num jardim florido. Uma fonte jorrava suas águas em frente a uma *villa*, toda branca.

Fitou o marquês, inquiridora:

— Com quem vamos ficar?

— Com ninguém — o marquês retrucou. — Esta *villa* me pertence; minha mãe passou os últimos anos de vida aqui. — Quando a carruagem parou, ele disse: — Não venho a este lugar há anos, mas sempre providenciei para que fosse bem mantido. Por isso sei que teremos bastante conforto.

Clotilda não duvidou dessa afirmação quando viu Havers sorrindo, na entrada.

— Seja bem-vinda, milady! — ele saudou-a. — Vai ter mais espaço aqui do que naquela casinha do mosteiro.

Ela sorriu e não podia esconder sua admiração ao contemplar as belezas do interior da *villa*.

Havia estátuas, arcas e grande número de objetos de valor inestimável que, ela sabia, fariam a delícia de seu pai.

As paredes eram imaculadamente brancas e o salão se abria para um jardim bem cuidado que, apesar da ausência do dono por tanto tempo, estava em excelente condição.

Devia-se isso ao esforço de um casal idoso que servira a mãe do marquês e tinha ficado para tomar conta da *villa* após a morte dela.

Apesar do aviso de última hora, os empregados prepararam um delicioso almoço, muito leve, que foi servido no terraço ao lado da sala de jantar.

O marquês insistiu que Clotilda bebesse um copo de vinho, para celebrar a libertação deles.

Ela fitou-o e disse:

— Nunca mais me entregarei ao desespero... nem deixarei de acreditar em Deus, que sempre me salvará... ainda que no último instante. — O marquês sorriu para ela que continuou, quase num sussurro: — Na verdade, foi você quem me salvou! Se não tivesse matado o chefe dos bandoleiros.

— Não fale mais nisso — ele a interrompeu, impaciente. — Pense apenas que estamos livres, Clotilda. Deixe suas preocupações para outra hora, quando for necessário.

— Para outra hora?! — ela perguntou. — Não está sugerindo que...

Como se não pudesse enunciar as palavras que lhe vinham aos lábios, ela levantou-se da mesa, desceu a escada de mármore e foi para o jardim, nesse momento inundado pelos raios de sol.

Ficou olhando para a fonte e o marquês chegou-se a ela e disse, suavemente:

— Não há nada que possa preocupá-la agora, Clotilda.

— Sim... há!

— Então me conte!

Ela baixou a voz e abriu-se:

— Você afirmou depois que nos casamos... que seria possível anular tudo... Suponhamos que o príncipe espere até que isso aconteça?

O marquês foi para mais perto dela e tomou-lhe as mãos. Depois, conduziu-a para dentro da casa e entraram numa sala de estar que ela ainda não tinha visto.

Era muito bonita e Clotilda teve a impressão de que talvez tivesse sido o recanto preferido da velha senhora. Via-se que o ambiente fora decorado por pessoa de extraordinário bom gosto.

O marquês fechou a porta e foi ao assunto, sem rodeios:

— Não queria falar sobre isso tão cedo mas, porque sei que está apreensiva, vamos nos entender de uma vez por todas.

Falei a você que nosso casamento podia ser anulado, e se isso é o que

deseja, vamos a Roma nos entrevistar com o Papa e iniciaremos, no Vaticano, um processo para essa anulação.

— Você acha que eles... levarão em conta as circunstâncias em que a cerimônia... se realizou?

— Claro que sim, mas levará tempo e custará muito dinheiro. Mas isso não importa, se é o que você quer. — Clotilda estava perto da janela, com os olhos pregados no mar. Como não respondesse nada, o marquês insistiu na pergunta: — É isso que você quer, Clotilda?

— Estou pensando em você... a baronesa disse que você jurou... nunca se casar. Estou certa de que não deseja uma esposa que foi jogada nos seus braços... por força do ocorrido.

— Isso é problema meu e a decisão é minha! — o marquês replicou, irritado. — O que estou esperando ouvir, Clotilda, é o que você quer!

Houve uma pausa e ele percebeu que Clotilda estava tentando tomar uma decisão antes de responder. Viu também que ela se tornara muito pálida e torcia os dedos, numa atitude profundamente agitada.

Ele foi mais para perto dela e explicou:

— Casamos em circunstâncias muito estranhas, mas quando nos ajoelhamos diante do abade na capela, me certifiquei de que fazia parte de uma cerimônia muito importante. É algo de que nunca me esquecerei.

Clotilda permanecia imóvel. Depois murmurou, baixíssimo, quase com medo:

— Que está... querendo me dizer? Não entendi bem... O marquês replicou:

— Estou dizendo que concluí, quando nos casamos, que o milagre pelo qual supliquei para salvá-la do príncipe e dos assaltantes estava acontecendo.

Ela fitou-o um tanto aturdida, agarrou a lapela do paletó do marquês e implorou:

— Deixe-me ficar com você. .. por favor! Deixe-me ficar com você! Só me sinto segura quando. .. estou com você... Tenho tanto medo de que o príncipe me obrigue a casar com ele...

Devagar o marquês passou o braço em volta dela, mas conservou-a um pouco distante. Encarando-a, indagou:

— Que significa para você, Clotilda, além do porto seguro, para o que a apavora?

— Você significa tudo! Tudo mesmo! Você enche meu mundo e sem

você... não quero continuar vivendo!

As últimas palavras foram quase um sussurro, como se tivesse medo de que ele se zangasse.

Depois, não podendo mais conter-se, acrescentou:

— Eu o adoro... Ah! Por favor, me queira bem... um pouquinho ao menos!

Foi quando os lábios do marquês se uniram aos dela e, puxando-a para bem junto dele, quase a impedindo de respirar, beijou-a com ardor.

Para Clotilda, foi como se o céu se abrisse. E a luz intensa que brilhava lá fora, repentinamente, invadiu toda a sala com um esplendor quase divino.

Essa luz tomou conta dos dois também, e ela sentiu que aquilo que almejava por tantos anos, e em que acreditara, estava agora ali, nos seus lábios.

O marquês dava-lhe não somente o sol, mas a lua, as estrelas e as flores que enchiam o jardim.

Tudo era tão lindo, tão perfeito e, ao mesmo tempo, tão terrivelmente excitante, que ela não teve dúvida de que isso era o que sempre imaginara ser o amor!

O amor com que sonhara, o amor que tinha unido seus pais, o amor pelo qual suplicara encontrar algum dia. Agora, esse sentimento maravilhoso também era dela!

O marquês beijou-a muitas vezes e, ao atingir o clímax da paixão, julgou ser impossível ser mais feliz do que estava sendo no momento.

Ele levantou a cabeça e perguntou, um pouco perturbado também:

— Você realmente me ama, Clotilda? Diga-me! Quero ter certeza!

— Eu o adoro! Eu o quero muito! — Clotilda exclamou. — Comprei o veneno em Nápoles porque sabia... que sem você seria impossível viver... -
— Depois confessou, para ser absolutamente honesta: — Mas não soube que isso era amor, até o momento em que iniciamos a subida da montanha para chegar ao castelo onde iríamos pernoitar. Então, senti que estava sendo levada do céu, que era você... para um inferno indescritível!

O marquês beijou-a nas faces e declarou-se:

— Soube que a amava, querida, quando a segurei em meus braços naquela noite de luar; desejei beijá-la desesperadamente. Foi muito difícil me controlar.

— Beije-me agora! Por favor... beije-me! — Clotilda suplicou. — Tenho

medo de acordar e de ver que tudo foi um sonho...

O marquês beijou-a novamente e ambos sentiram-se transportados num êxtase incontável, de uma beleza sem par. Aí, ele sugeriu, com suavidade:

— Esta é a hora do dia, meu amor, em que os italianos fazem a sesta e acho que é o que nós deveríamos fazer... juntos!

Clotilda arregalou os olhos. Depois, entendendo melhor, corou e escondeu o rosto de encontro ao ombro dele.

Subiram para o quarto, que ficava em cima da sala onde tinham estado, e que ela sabia tratar-se do dormitório da mãe do marquês.

Era todo branco e prateado, muito agradável, com persianas que vedavam o calor e a luz do sol.

As flores faziam-no perfumado e soprava uma suave brisa vinda do mar.

Quando o marquês a abraçou, era impossível a Clotilda pensar em outra coisa que não fosse ele.

Uma excitação sem limites crescia dentro dela e sabia que o mesmo estava acontecendo com o marquês.

Com mãos muito delicadas ele a despiu. Carregou-a para a cama e lá ela o esperou, recostada em macios travesseiros.

Ele aproximou-se dela e perguntou, querendo certificar-se mais uma vez:

— Você não duvida, meu amor, que me ama de verdade? Sinto como se tivesse aguardado por você por uma eternidade. Mas, de qualquer maneira, não quero assustá-la como já aconteceu antes.

Clotilda colocou um braço em volta do pescoço dele e exclamou:

— Nada que você possa fazer me assusta! Quando me toca... é como se ondas de paixão corressem pelo meu corpo!

É algo que nunca... experimentei! Assim é, também, quando me beija...

Então, o marquês beijou-a apaixonadamente até que a chama que o consumia a inflamasse.

Percebeu que o ardor que se apoderava deles os levaria ao céu; onde não há temores, só êxtase, só a ventura com toda a beleza do amor!

Clotilda perguntou na manhã seguinte, enquanto tomavam café no terraço:

— Você já se deu conta de que já estamos casados há três dias?!

— Os dias mais perfeitos de minha vida! — o marquês respondeu.

Ela estendeu-lhe a mão e ele beijou-a.

— Esqueci de dizer, querida, que hoje você está ainda mais bonita que ontem!

— Você acha... de verdade? Sempre tenho medo de que algum dia você acorde e perceba que está... entediado de minha companhia... como já aconteceu com outras mulheres atraentes no passado...

— Quem lhe contou isso?

— Havers, é claro! — Clotilda riu com vontade. — Ele disse que nunca o viu com aspecto tão jovem, sem aquela costumeira expressão de tédio. Nessas ocasiões, ele sempre, concluía que seu amo já estava na hora de procurar outra companheira... procurar “novos pastos”, na linguagem dele.

— Você não deve prestar atenção nas bobagens que Havers fala! — o marquês protestou.

— Sei que é verdade mas, por favor... querido... por favor... não procure novos pastos... eu lhe peço!

— Você para mim é tão excitante, tão preciosa! — o marquês respondeu, com entusiasmo. — Jamais terei tempo, nesta vida, de descobrir tudo sobre você. Haverá sempre uma novidade para me prender.

— Isso é exatamente o que desejava ouvir, e continuo me perguntando como pode existir no mundo um homem tão maravilhoso como você!

— E isso é exatamente o que desejo que você pense sobre mim — o marquês respondeu, enquanto se servia de mais uma xícara de café.

— Agora está sendo muito convencido! — Clotilda falou, em tom de provocação. — Mas quero que me ensine a não o aborrecer... nunca.

O marquês fitou-a sem compreender como uma mulher podia ser tão adorável, atraente e, ao mesmo tempo, tão pura.

E essa criatura ingênua despertara nele emoções e sentimentos que jamais havia tido antes.

Nunca na vida sentira por mulher alguma o que sentia por Clotilda.

Ela era, na verdade, parte dele; não podia perdê-la da mesma forma que não podia perder uma perna ou um braço, ou um órgão que até então julgara não possuir: o coração.

Tinha sido muito gentil e controlado quando fizera amor com ela, por sabê-la tão inocente.

Mas esse amor, por ser divino, havia provocado nele um êxtase espiritual muito diferente das sensações puramente físicas que tinha conhecido no passado.

A cada dia, cada minuto que estavam juntos, ele a amava mais e mais!

Como que adivinhando os pensamentos dele, Clotilda disse:

— Sabe, querido, a cada vez que você me beija sinto que é impossível seu carinho por mim ser mais excitante... mais arrebatador. No entanto, nosso amor ontem à noite foi tão mais emocionante que não me julguei humana, mas talvez um anjo!

— Vou muito breve lhe dar a certeza absoluta de que é humana, meu tesouro! — o marquês falou, com o olhar em chamas.

— Termine seu café primeiro... — Clotilda aconselhou, rindo.

Não podendo mais controlar-se, ela estendeu de novo a mão para ele e, ao fazê-lo, Havers apareceu na janela.

— Que aconteceu? — o marquês perguntou.

— É muito cedo para visitas — Havers se apressou em dizer. — Mas Suas Excelências o embaixador britânico e o embaixador de Balutik acabaram de chegar.

Houve uns segundos de silêncio e o marquês ordenou:

— Diga a eles que descerei em seguida.

— Muito bem, milorde.

Havers desapareceu e o marquês olhou para Clotilda. A expressão de medo, que havia sumido da face dela nos últimos três dias, voltou de imediato.

— Você vai dizer para eles... que estamos casados? — ela indagou, medrosa. — E que não há nenhuma chance de me tornar... a esposa do príncipe Frederick?

— Claro que direi!

— Faça-os entender que não havia outra solução, para me salvar. É necessário que eles expliquem isso... à rainha.

— Deixe tudo por minha conta.

Ele chegou perto de Clotilda, pôs os braços em volta dela fazendo-a levantar-se e abraçou-a. Sentiu que o corpo dela tremia.

— Não há nada a recear — ele acalmou-a. — Você é minha, completa e absolutamente minha, e homem nenhum poderá tirá-la de mim! — Beijou-a com fervor.

O marquês não tinha dúvida, agora, de que lutaria com o mundo inteiro para não a perder. Se os dois fossem exilados ou caíssem no ostracismo por causa desse casamento, paciência!

“Que vão todos para o diabo!”, foram as palavras que lhe vieram à mente.

— Eu a amo, Clotilda! Sabe o que é isso? Eu a amo! Deixou-a e dirigiu-se ao quarto de vestir.

Dez minutos mais tarde, parecendo muito descontraído, desceu a escada, sem pressa.

Somente um amigo íntimo e, naturalmente Clotilda, poderiam notar algo de agressivo no modo como ele erguia a cabeça e na expressão do olhar.

Havers já tinha encaminhado os dois visitantes ao salão e lhes servira o melhor vinho das adegas do marquês.

Ambos levantaram-se quando ele entrou e o embaixador britânico deu-lhe a mão, dizendo:

— Recebi seu recado, milorde, e vim o mais rápido possível. Trouxe comigo Sua Excelência o barão Von Wildenstein que é o embaixador de Balutik.

O marquês cumprimentou o barão, que se expressou num inglês com ligeiro sotaque gutural:

— Tenho, milorde, notícias muito desagradáveis a lhe dar, e peço que sejam transmitidas a lady Clotilda que, acredito, está se refazendo aqui depois do infeliz encontro com os bandidos da Albânia.

— É verdade, lady Clotilda está aqui... — o marquês admitiu.

Sua Excelência parecia ter dificuldade em encontrar palavras, antes de continuar:

— É com a mais profunda dor que tomo a liberdade de lhe pedir para informá-la de que seu prometido marido, Sua Alteza Real o príncipe Frederick, foi assassinado por um anarquista quando estava a caminho do mosteiro a fim de investigar as razões do massacre de seus soldados pelos assaltantes que aprisionaram o senhor e lady Clotilda.

— O príncipe foi... assassinado!

— Sim, uma bomba arremessada contra a carruagem de Sua Alteza tirou-lhe a vida, quando ele se aproximava do mosteiro!

Por um momento o marquês ficou estupefato, não conseguia articular uma palavra.

O embaixador britânico tomou a palavra:

— Já mandei mensagem à rainha relatando sobre a tragédia. Sei que Sua Majestade ficará extremamente perturbada e entenderá, milorde, que o senhor fez a única coisa possível, isto é, tirar lady Clotilda do mosteiro. Meus cumprimentos pela maneira como desempenhou a missão.

O marquês apenas inclinou a cabeça, num gesto de agradecimento.

Foi a vez de o barão falar:

— Suponho que lady Clotilda não esteja bastante bem para me receber, por isso quero expressar a ela, por seu intermédio, minha dor e a de meus compatriotas pela grande perda.

— Sinto que ela, de fato, não possa recebê-lo... — o marquês enfatizou, com firmeza. — Como o senhor pode entender, lady Clotilda ficou terrivelmente chocada com o ocorrido e penso que o melhor a fazer agora é deixá-la repousar para que se esqueça do que, para nós, foi uma experiência bastante desagradável e assustadora!

— Na verdade, deve ter sido... — o embaixador concordou. — Mas ainda não soubemos em detalhes tudo o que se passou.

— Há muito pouco a lhe contar — o marquês explicou. — Os marginais eram muito fortes e haviam tomado o mosteiro antes de nossa chegada, o que provou que não houve uma tropa adequada para nos proteger.

Olhou intencionalmente para o embaixador de Balutik, podendo ver que ele se mostrava embaraçado ao ouvi-lo.

O marquês prosseguiu:

— Havia, me parece, guardas esperando por nós no castelo onde deveríamos passar a noite, mas não vimos sinal deles e, por isso, tratei de tirar lady Clotilda do mosteiro na manhã seguinte.

Dirigiu-se ao embaixador britânico, para dizer:

— Espero que Vossa Excelência e Sua Majestade, a rainha, concordem que não há nada a fazer sobre lady Clotilda até que ela se recupere completamente. Então, eu a conduzirei de volta à Inglaterra. Mas acho que levará muito tempo para uma cura integral.

— Claro! Claro! — o embaixador concordou. — Nós entendemos. E, esta linda *villa*, que já tive oportunidade de conhecer em visitas anteriores, é o lugar perfeito para que ela recupere a saúde e o vigor...

— Muito obrigado por fazer tudo o mais fácil possível para ela — o

marquês agradeceu.

— Naturalmente, mandarei um relatório a Sua Majestade explicando os acontecimentos.

— Obrigado mais uma vez — o marquês repetiu.

Com um esboço de sorriso, ele teve curiosidade de saber como Sua Majestade se sentiria quando descobrisse que o castigo que ela lhe infligira tinha transformado sua vida e lhe havia trazido uma felicidade que nunca sonhara encontrar.

Quando o embaixador de Balutik terminou de beber o vinho, como se não pudesse admitir deixar uma gota sequer de bebida tão preciosa, o marquês indagou:

— Tem alguma idéia sobre quem vai substituir o príncipe Frederick no trono?

O embaixador de Balutik respondeu:

— Espero, como o príncipe não tinha filho para sucedê-lo, que seja seu irmão mais jovem. É um rapaz agradável, porém pouco eficiente que, lamento dizer, é mais inclinado aos costumes franceses que aos nossos... — falou com desprezo, depois acrescentou: — Está casado com uma alsaciana; meio francesa, portanto. Só espero que ele se esforce em adotar uma disciplina mais rígida, ao molde do irmão.

O marquês sabia que a nação desejava o contrário, mas, por cortesia, nada falou.

Agradeceu a ambos os embaixadores pela visita e prometeu transmitir a lady Clotilda os cumprimentos que lhe mandavam, assim que ela se restabelecesse.

Ao vê-los partir, o marquês disse a si mesmo que não poderia ter acontecido nada melhor. Mais uma vez, um milagre se realizava, quando menos esperado.

Isso queria dizer que ao anunciar seu casamento com Clotilda, dali a três ou quatro meses talvez, tudo haveria de parecer perfeitamente normal.

Não havia mais razão de todo mundo saber que, para escapar dos bandidos, tinham se casado, dificultando dessa forma a união de Clotilda com o príncipe, conforme o prometido pela rainha.

Subindo de volta para o quarto, ele mal podia acreditar que tudo ficara tão fácil, tão sem problemas para ambos. Poderiam ter agora uma lua-de-mel ainda mais perfeita!

Antes de entrar no quarto, por estar muito quente, tirou o casaco e soltou o nó da gravata.

Abriu a porta e Clotilda, que o esperava em pé ao lado da janela apreciando o mar, correu ao seu encontro.

— O que... aconteceu? Está tudo bem?

— Tudo perfeito, meu tesouro! Absolutamente perfeito! — Ele jogou o paletó e a gravata no chão e abraçou-a.

Sabia como Clotilda se preocupava em relação ao casamento deles, receando que o marquês sofresse alguma represália por esse motivo, pois ninguém na Inglaterra entenderia a gravidade dos acontecimentos pelos quais passaram.

Quando o marquês tentou beijá-la, Clotilda pôs os dedos sobre os lábios dele e pediu:

— Diga-me primeiro... como foi tudo? Tenho tanto medo por você!

— Não precisa mais ter medo, tesouro! O embaixador de Balutik veio para lhe comunicar que o príncipe Frederick está morto!

— Morto?! — Clotilda repetiu, descrente. — Não acredito!

— Mas é a pura verdade e, desta vez, temos que agradecer aos anarquistas.

— Por quê? Não entendo...

— Lembra-se de que o abade nos disse que havia talvez dois anarquistas entre os bandoleiros?

— Você está tentando me dizer que eles... mataram o príncipe?

— Parece que depois que souberam, em Balutik, o que havia acontecido, o príncipe decidiu ir em pessoa ao mosteiro. Foi quando, naquele vale perigoso com rochedos se elevando em ambos os lados, uma bomba atirada pelos anarquistas explodiu dentro da carruagem real, matando o príncipe Frederick.

Clotilda escondeu o rosto no ombro do marquês.

— Você acha... que devo ter pena dele?

— Procure esquecê-lo. Pessoalmente, acredito que recebeu o castigo merecido. A única coisa que devemos fazer agora é elevar nosso pensamento a Deus que ouviu nossas preces, que nos casou, e que continua cuidando de nós até o presente momento. Mal posso crer em tanta felicidade, é como se estivesse sonhando!

Aproximou-se mais de Clotilda e continuou, aliviado:

— Ninguém, exceto o abade, sabe que nos casamos. Podemos ter uma lua-de-mel prolongada. Somente quando toda Londres tiver esquecido os episódios concernentes ao príncipe Frederick de Balutik, voltaremos à Inglaterra. Eu, então, anunciarei que não sou mais um solteirão disponível.

Clotilda fitou-o, exclamando com satisfação:

— Oh, querido... tudo parece magnífico! O melhor é que... não temos mais que pensar em anulação!

O marquês observou, divertido:

— Isso é uma coisa que nunca tive intenção de fazer. Agora, que é minha esposa de verdade, posso lhe dizer com certeza que o Vaticano jamais levaria nosso caso em consideração. — Ele perguntou, com carinho: — Acha que me arriscaria perdê-la?

— Sou sua... unicamente sua! Oh, querido, vamos enviar outra oferta de agradecimento ao abade?

— No momento me sinto inclinado a lhe dar tudo o que possuo... exceto você, é claro!

Havia chama em seu olhar, como nunca Clotilda vira antes e, como ele achasse que estavam perdendo tempo, tomou-a nos braços e a pôs na cama.

Deitou-se ao lado dela.

Nesse mesmo instante o sol entrou através das janelas, enchendo todo o quarto de uma luz ofuscante.

Os lábios dele procuravam os dela, suas mãos tocavam-na por todo o corpo e Clotilda podia sentir o coração de seu marido batendo com violência, com desejo e excitação.

Mas não havia pressa pois tinham toda uma existência diante deles, e o marquês sabia que o último resquício do medo de que o destino pudesse separá-los desaparecera.

Os beijos dele eram ardentes, mas vagarosos.

Beijou o pescoço e os seios de Clotilda até que ela começou a mover-se, inquieta. Ele soube, então, que o fogo do amor se acendia dentro dela.

— Eu o adoro... — ela murmurou, com paixão irrefreável.

— Diga-me, querida, como está se sentindo? — O marquês exigia uma resposta, insistentemente,

— Louca... e muito excitada! — ela respondeu, ofegante. — E, com voz mais alta, que ressoou por todo o quarto cheio de sol, ela suplicou: — Por favor... me ame. Oh! Querido... me ame!

Mais uma vez o marquês ergueu-a até as nuvens, até o céu que seria deles por toda a eternidade!



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

VINGANÇA DO CORAÇÃO

*As águas do rio Sena brilhavam
freneticamente, refletindo o brilho
fantástico das luzes de Paris. Lágrimas
também brilhavam nos olhos de Nádia,
mostrando a dor de seu jovem e sofrido
coração. O Sena a chamava, prometendo-lhe
no gozo de suas águas o fim das perseguições,
tentando seduzi-la com
a volúpia de seu misterioso beijo da morte.
De repente, um homem a agarrou! Nádia sentiu
que seria difícil se libertar daqueles
braços fortes, daqueles olhos negros que a
dominavam com doce e surpresa censura...*